

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CHARLES KLEMZ

O ROSTO DE CRISTO NA DIVERSIDADE HUMANA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

São Leopoldo

2023

CHARLES KLEMZ

O ROSTO DE CRISTO NA DIVERSIDADE HUMANA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Orientador: Prof. Dr. Iuri Andreas Reblin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K64e Klemz, Charles
O rosto de Cristo na diversidade humana das redes sociais digitais / Charles Klemz; orientador Iuri Andreas Reblin. – São Leopoldo: EST/PPG, 2023.
177 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Redes sociais digitais. 2. Diversidade humana. 3. Jesus Cristo - Face. 4. Teologia da alteridade. I. Rebin, Iuri Andreas, orientador. II. Título.

CHARLES KLEMZ

**O ROSTO DE CRISTO NA DIVERSIDADE HUMANA DAS REDES SOCIAIS
DIGITAIS**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 29 de junho de 2023

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a LAUDE ERANDI BRANDENBURG (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a VANESSA RAQUEL DE ALMEIDA MEIRA (UNASP)
Participação por webconferência

PROF.^a DR.^a KATHLEN LUANA DE OLIVEIRA (IFRS)
Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Iuri Andréas Reblin
Data: 17/07/2023
09:44:04 -03:00



Assinado digitalmente
por
Laude Erandi
Brandenburg
Data: 27/07/2023
22:21:31 -03:00



Assinado digitalmente
por
Marcelo Ramos
Saldanha
Data: 27/07/2023
23:07:16 -03:00



*Para Zarustra, Samuel e Alícia!
Sempre juntos!*

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa esquecer pessoas. Correndo esse risco, agradeço primeiramente à minha família: esposa, filho e filha conseguiram me suportar, principalmente, nos dias que antecederam à entrega do trabalho para a banca.

Mantivemos o casamento, não é Zarustra? E Samuel e Alícia, vocês ainda tiveram o pai presente na medida do possível, não foi? Obrigado a vocês!

A Faculdades EST é o meu segundo lar: trabalho e pesquisa caminham juntos. Meu agradecimento é enorme porque esta instituição, que tem pessoas fantásticas em todos os setores, apostou e aposta nas minhas contribuições.

Especificamente, agradeço às pessoas que iniciaram a caminhada comigo no mestrado, como a professora Gisela Isolda Waechter. Maravilhosa, foi companheira na construção do conhecimento que culmina nessa tese. O seu olhar crítico sempre esteve acompanhado do olhar cuidadoso e sensível. Obrigado, professora Gisela.

A pesquisa continuou com o professor Iuri Andreas Reblin, que pegou, literalmente, o “carro andando”. Perspicaz, leu e orientou de forma precisa, colocando em xeque convicções, mas sempre atento ao contexto do pesquisador. Obrigado a você!

E o cotidiano teve sempre o incentivo de amigos e amigas do Núcleo da Educação a Distância (NEAD) e do corpo de funcionários em geral da EST.

Aos colegas do PPG da EST, seja durante as aulas, seja na hora do cafezinho, sempre contribuíram, e muitas vezes sem saber, com ideias para a pesquisa. Personalizo o agradecimento no colega Vágner de Souza Rodrigues que está junto desde o mestrado, e que é extensivo ao corpo discente da EST.

À banca examinadora, às professoras Kathlen Luana de Oliveira, Vanessa Meira e Laude E. Brandenburg, e ao professor Marcelo Ramos Saldanha, que se dispuseram a ler a pesquisa e contribuir para o prosseguimento da pesquisa.

E às pessoas que eu esqueci, desculpa! Mas em algum momento vocês foram e sempre serão lembradas!

Meu muito obrigado!

*Sou um branco que é africano;
um ateu não praticante;
um poeta que escreve prosa;
um homem que tem nome de mulher;
um cientista que tem poucas certezas na
ciência;
um escritor numa terra de oralidade.*

Mia Couto, 2014, [n.p.].

*Eu sou quem sou, fazendo o que vim fazer,
agindo sobre vocês como uma droga ou
um cinzel para que se lembrem do que há
de mim em vocês, enquanto descubro
vocês em mim.*

Audre Lorde, 2021, p. 185.

*O ser humano se desfaz, a fim de
sobreviver. Ele alcançará, possivelmente,
a imortalidade, mas ao custo de sua vida.*

Byung-Chul Han, 2021a, p. 115.

*O amor é quando a gente mora
um no outro.*

Mario Quintana (1906-1994)

RESUMO

O tema da pesquisa é a diversidade humana nas redes sociais digitais de pessoas excluídas e tem como objetivo verificar em que medida esta diversidade reflete aquela espelhada por Jesus Cristo em seu tempo e contexto. Destaca a sociedade no seu ambiente digital, lócus de glamourização e espetacularização da vida e aponta a diversidade presente através das redes sociais digitais de canais específicos do YouTube utilizando a metodologia da descrição densa. Analisa as relações estabelecidas nestes canais para compreender como se dá a inclusão e/ou a exclusão neste ambiente. A partir de pesquisa bibliográfica, destaca a adolescência em meio à contemporaneidade e às redes sociais digitais, uma vez que se trata de geração altamente consumidora e usuária das tecnologias em geral. Propõe o contraponto da diversidade estrutural enquanto característica da humanidade para enfrentar a exclusão estrutural a partir da visibilização da diversidade, da educação do olhar, do amor e da alteridade. Identifica construções imagéticas de Cristo a partir das suas palavras e ações e como elas dialogam com a diversidade nas redes sociais digitais. Aponta para a pesquisa na Teologia, considerando a alteridade enquanto chave hermenêutica, em diálogo com outras áreas do conhecimento, para a promoção da diversidade humana. Defende que os rostos da diversidade humana estão espelhados em Deus porque Ele criou as pessoas à sua imagem e semelhança. Jesus Cristo, Filho de Deus, Verbo encarnado, também imagem e semelhança de Deus, materializa a visibilização da diversidade, percebida em seus encontros com as pessoas oprimidas e marginalizadas. O seu mandamento do amor é a prática da alteridade, uma vez que se encontra com a outra pessoa. Conclui a pesquisa que as pessoas excluídas querem fazer parte da sociedade glamourizada no meio virtual das redes sociais, mas visibilizando o seu eu real do cotidiano na realidade virtual. Igualmente conclui que a visibilização da diversidade humana nas redes sociais contribui para a compreensão de que a diversidade é natural, que a “normalidade” está nas diferenças. E, por fim, conclui que Deus se revela na outra pessoa, que Jesus Cristo é espelho da diversidade humana, inclusive a diversidade das redes sociais, e é exemplo a ser seguido a partir das suas palavras e ações.

Palavras-chave: Diversidade humana. Rostos de Cristo. Teologia da Alteridade. Redes sociais digitais. Exclusão estrutural.

ABSTRACT

The theme of the research is human diversity in the digital social networks of excluded people and aims to verify to what extent this diversity reflects that mirrored by Jesus Christ in his time and context. It highlights society in its digital environment, the locus of glamorization and spectacularization of life, and points out the diversity present through digital social networks of specific YouTube channels using the dense description methodology. It analyzes the relationships established in these channels to understand how inclusion and/or exclusion takes place in this environment. Based on bibliographical research, it highlights adolescence in the midst of contemporaneity and digital social networks, since it is a highly consuming generation that enjoys technologies in general. It proposes the counterpoint of structural diversity as a characteristic of humanity to face structural exclusion from the visibility of diversity, education of the act of looking, love and alterity. It identifies image constructions of Christ based on his words and actions and how they dialogue with diversity in digital social networks. It points to research in Theology, considering otherness as a hermeneutic key, in dialogue with other areas of knowledge, for the promotion of human diversity. It argues that the faces of human diversity are mirrored in God because He created people in His image and likeness. Jesus Christ, Son of God, Incarnate Word, also image and likeness of God, materializes the visibility of diversity, perceived in his encounters with oppressed and marginalized people. His commandment of love is the practice of otherness, since it goes to the encounter of the other person. The research concludes that excluded people want to be part of the glamorized society in the virtual environment of social networks, but making their real everyday self visible in virtual reality. It also concludes that the visibility of human diversity in social networks contributes to the understanding that diversity is natural, that "normality" is in differences. And, finally, it concludes that God reveals himself in the other person, that Jesus Christ is a mirror of human diversity, including the diversity of social networks, and is an example to be followed based on his words and actions.

Keywords: Human diversity. Faces of Christ. Otherness Theology. Digital social networks. Structural exclusion

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Careca TV.....	32
Figura 2: Primeiras aparições.....	34
Figura 3: Reconhecimento público	53
Figura 4: Vídeo “rapidex”!!! Lorena no Legendários	56
Figura 5: Miniaturas de imagens dos vídeos em 2016.....	57
Figura 6: Lorena maquiada	65
Figura 7: A pureza da percepção	67
Figura 8: “Emoção reversa”	68
Figura 9: Cenário simples.....	76
Figura 10: Deficiência não é doença - apresentação.....	77
Figura 11: Eu venci. Canal monetizado	83
Figura 12: “Fico feliz por vc”	86
Figura 13: Voz “normal”.....	100
Figura 14: Fala “estranha”	100
Figura 15: Vida plena na diversidade	106
Figura 16: Os rostos de Lorena	120
Figura 17: Os rostos de Júlio Guerreiro.....	125
Figura 18: Imagens de Jesus Cristo	133
Figura 19: Conquista da Terra roubada, 1977	135
Figura 20: Reflexão a partir de João 9.1-3	139

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	“CARECA TV” E A SOCIEDADE ESPETACULARIZADA.....	29
2.1	A SOCIEDADE DO SHOW	33
2.1.1	Valorização da imagem e do individualismo.....	35
2.1.2	Libido, consumo e alienação	42
2.2	SOCIEDADE DIGITAL EM REDES	48
2.2.1	Sociedade da busca pelo reconhecimento	49
2.2.2	Virtual e real.....	54
2.3	ADOLESCÊNCIA NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	58
2.3.1	Apontamentos sobre a adolescência	59
2.3.2	Cultura adolescente	61
2.3.3	Cuidado para com adolescentes.....	69
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
3	“DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA”: A EXCLUSÃO ESTRUTURAL E A DIVERSIDADE ESTRUTURAL.....	75
3.1	EXCLUSÃO ESTRUTURAL	75
3.2	FAZENDO PARTE DA SOCIEDADE.....	82
3.3	DIVERSIDADE ESTRUTURAL.....	95
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
4	CARECA E DEFICIÊNCIA: RECONHECENDO CRISTO NA DIVERSIDADE.....	111
4.1	AS POSSIBILIDADES DA TEOLOGIA.....	113
4.1.1	Teologia da Alteridade.....	113
4.1.2	A pesquisa teológica em narrativas das redes sociais digitais.....	116
4.2	ROSTOS.....	119
4.2.1	O rosto de Cristo	127
4.2.2	O rosto de Cristo na outra pessoa	135
4.2.3	O rosto da Misericórdia	141
4.3	PALAVRAS E AÇÕES	143
4.3.1	Amor: palavra que move para a ação	145
4.3.2	Ações das pessoas no mundo	148
4.3.3	Ações de Jesus Cristo	149
4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
5	CONCLUSÃO	157
	REFERÊNCIAS.....	163

1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa é a diversidade humana nas redes sociais digitais de pessoas excluídas a partir de perspectivas teológicas. Trata-se da extensão da pesquisa iniciada no mestrado¹ que tratou da inclusão a partir de um viés transversal, no sentido de que a exclusão ocorre para pessoas que não se “encaixam” em determinados padrões de identidade ou de grupos tidos como “normais”, e são espelhos da diversidade humana. Diversidade que não é nenhuma novidade, que faz parte da humanidade, e com a qual Jesus Cristo se relacionou em seu contexto.

Antes de adentrar para a apresentação do tema, é importante contextualizar o pesquisador e o seu lugar de fala. As experiências levaram – e levam – à reflexão constante sobre o sentido da vida. Meu pai foi portador da esclerose lateral amiotrófica, uma doença degenerativa. Essa experiência acabou resultando na escrita de um livro, lançado em 2003, cujo título é “Iminência Agônica”², uma espécie de catarse em meio à revolta. Em 2005 iniciava outra caminhada, outra experiência. Samuel, o primeiro filho, apresentou uma dificuldade motora, logo associada à esclerose lateral amiotrófica. Constatou-se que ele tinha o que chamavam de “andar de bêbado” e a temível esclerose lateral amiotrófica foi descartada. Todos os exames possíveis foram realizados, neurológicos, genéticos, e nenhuma resposta. Até que, quando estava com quase cinco anos, uma geneticista perguntou: “Vocês são felizes?” Respondemos que sim. E, então, ela disse: “Vão viver a vida.” E vivemos, apesar das dores de quando éramos apontados na rua, ou quando o Samuel era ridicularizado na escola. Sempre dissemos a verdade a ele sobre a sua condição. Assim, quando ele sofria algum *bullying*, ele mesmo já dizia: “Não tem problema porque eles não sabem o que eu tenho.” O que ele quer dizer é que as pessoas não o conhecem. Os anos passaram, e hoje Samuel está na adolescência, aficionado pelas tecnologias da informação e comunicação, como YouTube e as plataformas de streaming. Seu desejo é trabalhar nessa área: “pai, eu posso?”

¹ KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana**: um diálogo entre a teologia e a educação. São Leopoldo, RS: Oikos, 2021.

² KLEMZ, Charles. **Iminência Agônica**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.

Desta forma, a pesquisa concilia a experiência³ pessoal e a de pesquisador. A experiência também é conhecimento, não somente a teoria. Boaventura de Sousa Santos destaca que todo o conhecimento é corpóreo, incluindo a experiência. Ele afirma que a experiência reúne tudo aquilo que a ciência divide, como corpo e alma, razão e sentimento, ideias e emoções. Isso, por sua vez, não possibilita que seja transmitida de forma completa, nem mesmo que seja aprendida em sua totalidade. Mas a inteligibilidade e a transmissibilidade são possíveis a partir da tradução⁴, enquanto relato da experiência.⁵

Contemplando a experiência, a pesquisa se dá a partir da área de conhecimento da Teologia porque se trata de tema inerente à vida; diz respeito ao ser humano na sua integralidade, remetendo a conflitos de ordem relacional e espiritual, ou seja, à vivência e experiência das pessoas. Diante disso, a pesquisa levanta questões, como: as pessoas excluídas querem participar de uma sociedade excludente nas redes sociais digitais? As redes sociais digitais espelham a diversidade humana? É possível reconhecer o rosto de Cristo na diversidade humana das redes sociais digitais? São perguntas que levam ao questionamento principal: em que medida a diversidade humana nas redes sociais digitais de pessoas excluídas reflete a diversidade espelhada em Jesus Cristo?

A diversidade é uma característica da humanidade, e determinadas características podem ser mais evidentes de acordo com os contextos históricos, sociais, culturais, econômicos, religiosos, e assim por diante. Jesus Cristo lidou com uma estrutura específica, com aspectos seculares e religiosos intrinsecamente relacionados. As pessoas excluídas tinham em Jesus Cristo a imagem da compaixão, um rosto no qual se enxergavam contempladas. Diante disso, o objetivo é verificar em que medida a diversidade humana nas redes sociais digitais de pessoas excluídas do

³ A palavra “experiência” é fundamental para a pesquisa. Ela remete à vivência, muito além de mera contextualização que insere as pessoas que possuem características em comum dentro de uma realidade comum, desconsiderando as individualidades e particularidades, ou seja, as formas de “experienciar” a vida. Conforme Jorge Larrosa Bondía, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. p. 21).

⁴ Tradução esta que necessita da linguagem e que, por vezes, pode não contemplar a realidade concreta. Nas palavras de Emmanuel Levinas (1906-1995), é preciso que se retorne à linguagem para traduzir, “[...] mesmo que seja à custa de sua traição [...]” (LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 121).

⁵ SOUSA SANTOS, Boaventura. **O fim do império cognitivo**: as afirmações das epistemologias do sul. São Paulo: Autêntica, 2022. p. 125.

padrão da sociedade espetacularizada reflete a diversidade espelhada por Jesus Cristo.

Para contemplar o objetivo principal, a pesquisa analisa a sociedade no seu ambiente digital, além de apontar a diversidade presente nas redes sociais digitais e analisar as relações estabelecidas para compreender a inclusão e/ou a exclusão neste ambiente. Identifica construções imagéticas de Cristo a partir das suas palavras e ações e como elas dialogam com a diversidade nas redes sociais digitais. A partir disso, aponta para a pesquisa na Teologia para a promoção e a significação da diversidade humana, em diálogo com outras áreas do conhecimento.

Na construção das hipóteses, pressupõe-se que a diversidade humana é característica da humanidade. Assim, a diversidade nos tempos de Jesus Cristo reflete a diversidade na contemporaneidade, porém, considerando os contextos diferentes. Parte-se da hipótese de que Jesus Cristo, enquanto atuante com pessoas colocadas à margem da sociedade, trazendo a compaixão e o amor como fundamentos para as relações humanas, é exemplo para a contemporaneidade em relação às questões referentes à diversidade humana. A compaixão se dá para com as pessoas tidas como pecadoras e o amor para com as pessoas marginalizadas pela doença, ou por qualquer outro elemento que não as normatizem com a sociedade.

No que tange à exclusão na contemporaneidade, considera-se a hipótese de que as pessoas que não estão nos padrões imagéticos da sociedade não querem fazer parte desta estrutura excludente. Assim, a mudança da estrutura é fundamental. Nos tempos de Jesus, a sociedade não queria um sistema injusto, de impostos, ou de imposição de crenças. A mudança da estrutura seria, em tese, um dos objetivos. No entanto, Jesus Cristo mesmo separa os mundos e, conseqüentemente, as estruturas, quando diz: “Dai a Cesar o que é de César e a Deus o que é de Deus.” (Mt 22.21).

Para responder aos objetivos e verificar as hipóteses, a pesquisa está dividida em três capítulos, todos permeados com os achados nas redes sociais e com referenciais teóricos. Inicia com a caracterização da sociedade espetacularizada em meio à sociedade em redes, abordando, também, a adolescência, uma vez que se trata de uma geração cada vez mais dependente das redes sociais.

Em seguida, desenvolve o conceito de exclusão estrutural, abarcando todas as pessoas e os grupos marginalizados, que não estão inseridos no padrão da

sociedade espetacularizada nas redes sociais. Destaca a diversidade estrutural como característica da diversidade humana e a necessidade de uma revisão epistemológica constante acerca da inclusão, do que é ser normal, além do reconhecimento das diferenças a partir da educação do olhar.

Finaliza com estudo a partir de uma cristologia da diversidade humana. Considera o Jesus histórico como ponto de partida, conforme assinala Jon Sobrino,⁶ uma cristologia que “começa com a realidade de Jesus de Nazaré.”⁷ Essa realidade é permeada pelas relações de Jesus Cristo com a diversidade de pessoas. Além disso, Jesus Cristo, é “[...] aquele que dá consistência a toda a realidade, pessoal e social, natural e histórica, presente e escatológica.”⁸

Jesus Cristo se relacionou com a diversidade humana e tem a sua imagem relacionada a ela, em diversos contextos do tempo presente e ao longo da história. Jesus se assume como espelho da diversidade quando afirma: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos a mim o fizestes.” (Mt 25.40). O seu exemplo de ação com a diversidade, em seu contexto, a partir do mandamento do amor, é o que há para ser seguido e imitado.

Para a pesquisa, a metodologia é a da pesquisa é bibliográfica⁹ para os aportes conceituais e teóricos. Como o tema da diversidade humana não está limitado a uma área do conhecimento, se utiliza, além da Teologia, as áreas de conhecimento da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Comunicação e Educação. Trata-se de um tema fundamental e global e, por isso, conforme Edgar Morin, “[...] requer a reconexão dos conhecimentos separados, divididos, compartimentalizados, dispersos.”¹⁰

As relações da Teologia com as áreas de conhecimento são possíveis, segundo Benedito Ferrarro,¹¹ desde que o caminho a ser percorrido seja do histórico

⁶ SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 27 .

⁷ SOBRINO, 1983, p. 123.

⁸ SOBRINO, 1983, p. 27.

⁹ GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 42.

¹⁰ MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. p. 15. Ele mesmo, Morin, possui formação nas áreas do Direito, Geografia e História, além de pesquisar em Filosofia e Sociologia. A construção das suas ideias acaba por conectar estas e outras áreas do conhecimento. Seria um paradoxo construir uma tese a partir de uma única área de conhecimento justamente quando se critica a divisão e a separação que leva à exclusão das pessoas. Portanto, para discorrer acerca da inclusão, também as áreas de conhecimentos necessitam incluir umas às outras de forma a cercar a temática em suas diversas nuances.

¹¹ FERRARRO, Benedito. **Cristologia: Introdução à Teologia**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 27.

ao teológico para que se possa compreender e interpretar as subjetividades¹², os significados das profissões de fé, ou seja, das experiências de fé e das experiências com o Sagrado.¹³ Ao se refletir acerca da cristologia, por exemplo, Brakemeier menciona que, sob certos aspectos, equivale continuar falando de antropologia: “pois a fé cristã apregoa Jesus de Nazaré como sendo o verdadeiro ser humano, a imagem de Deus [...]”¹⁴ E não somente possível, mas necessária, conforme salienta o autor: “pode o ser humano compreender devidamente a si próprio quando abstrai de Deus?”¹⁵ Defende que “a relação com o criador é constitutiva para a compreensão do fenômeno humano.”¹⁶

Os conceitos são cruzados com a análise das redes sociais digitais de pessoas excluídas pela sociedade, seja pela aparência, pela capacidade de produção econômica, enfim, por não se “encaixar” nos padrões de imagem e de conduta na sociedade glamourizada, a sociedade do espetáculo.¹⁷ Como objetos de estudos, são

¹² Michel Henry (1922-2002), filósofo francês, critica a exclusão da subjetividade - aquilo que interessa às pessoas na atividade de conhecimento em busca do sentido da vida - da ciência. De igual maneira, critica o distanciamento, na contemporaneidade, entre o saber e a cultura – esta enquanto impulso vivo que se materializa e se autorrevela em toda a vida humana. Também critica a fragmentação das pesquisas com metodologias próprias. (HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012. p. 14-23). A crítica de Michel Henry encontra coro em Gottfried Brakemeier quando menciona que as informações e os conhecimentos são muitos acerca do ser humano e do meio ambiente, mas que não garantem o aumento do saber, correndo-se o risco de saber cada vez mais sobre cada vez menos: informações são fragmentos que, quando isolados, antes ocultam a realidade do que a revelam. Nessas condições, é sintomático continuarmos distantes de um consenso sobre o que seja verdadeiramente ‘humano’.” (BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2022. p. 7). Assim, enfatiza-se que, para a presente pesquisa, métodos das áreas do conhecimento da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Educação e Teologia são fundamentais para chegar o mais próximo do que Henry chama de “saber da vida”, expressão tautológica, mas que convém salientar, refere-se à vida humana em sua integralidade, principalmente na sua condição interna. A Teologia, ao se apropriar de métodos das áreas do conhecimento mencionadas, busca essa compreensão da vida humana na sua integralidade e acaba por, para usar outra expressão de Henry quando se refere às artes (a arte como barbárie – ruína – da ciência), ser ela, a Teologia, a barbárie da ciência.

¹³ Especificamente sobre as experiências de fé, ou ainda, experiências com o Sagrado, o filósofo Roger Scruton destaca que não é possível avaliar, através da pesquisa empírica, como são essas experiências. Isso porque a ciência humana trata, segundo o autor, de relações causais entre objetos e, ao descrever a experiência com um encontro com o transcendente,, se estaria colocando esta experiência fora do alcance do raciocínio causal. Porém, destaca o autor para a possibilidade de apresentar um retrato do mundo que permita interpretar a experiência religiosa. (SCRUTON, Roger. **O rosto de Deus**. São Paulo: É Realizações, 2015. p. 216-217).

¹⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã**: à luz da confissão luterana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 59

¹⁵ BRAKEMEIER, 2002, p. 18.

¹⁶ BRAKEMEIER, 2002, p. 18.

¹⁷ Conceito que é ressignificado a partir de Guy Debord para o tema da pesquisa no capítulo inicial.

utilizadas as redes sociais do YouTube “Careca TV”¹⁸ e “Deficiência não é doença”¹⁹, cada qual abrindo um capítulo, mas outras redes acabam sendo referidas de acordo com a pesquisa. Para isso, utiliza a metodologia antropológica da descrição densa, método proposto pela etnografia antropológica, baseada em Clifford Geertz. Tais descrições, pondera o autor, “[...] devem ser encaradas em termos das interpretações às quais pessoas de uma denominação particular submetem a sua experiência [...]”²⁰

Enquanto pesquisa descritiva, o objetivo primordial é a descrição das características da população.²¹ A descrição não é uma exposição objetiva das redes, até porque, no caso em pesquisa, são redes que reportam a dor, que “[...] não é nenhuma grandeza objetivamente constatável, mas uma sensação subjetiva.”²² Assim, os dados da transcrição identificam os elementos que compõem o sistema simbólico em diálogo com o referencial teórico.

[...] fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais dos comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.²³

A leitura proposta por Geertz, portanto, se mostra complexa. Por isso a necessidade de se fazer uma descrição minuciosa, utilizando recursos como a #pratodosverem.²⁴ A descrição densa permite uma aproximação maior com o objeto analisado. Ao descrever o cenário, os sons de fundo, a vestimenta, os adornos do corpo, enfim, toda a fotografia que compõe a imagem apresentada nos vídeos, será possível conhecer mais e melhor o respectivo objeto de estudo.²⁵ O conhecimento

¹⁸ CARECA TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CarecaTVoficial>. Acesso em: 20 set. 2022.

¹⁹ DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Defici%C3%AanciaN%C3%A3o%C3%A9Doen%C3%A7a/featured>. Acesso em: 20 set. 2022.

²⁰ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 25.

²¹ GIL, 2010, p. 42.

²² HAN, Byung-Chul. **Morte e alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2020a. p. 50.

²³ GEERTZ, 1978, p. 40.

²⁴ Parafraseando Emmanuel Levinas (1993) acerca da tradução, também a descrição necessita da linguagem e, por isso, pode não a realidade. Porém, é o risco dado à pessoa pesquisadora instrumentalizada para este fim.

²⁵ Utiliza-se a hashtag “#pratodosverem” sempre que uma figura é apresentada no texto. A finalidade é a de descrever a imagem para pessoas cegas, com baixa visão, disléxicas e com outras dificuldades que impossibilitam a visualização. O termo utilizado “todos” é do gênero masculino e será preservado por se tratar de ferramenta já universalizada. A mudança na grafia pode levar a que pessoas que necessitem desta ferramenta não a localizem por estar grafada diferente daquilo que foi convencionalizado. A hashtag auxilia, também, na descrição densa ao reproduzir em forma escrita a figura em questão, ainda que seja uma alternativa tecnológica inclusiva específica para

daquilo que objetivamos compreender é primordial, conforme ponderam Nicolau da Rocha Cavalcanti e Pierre Bourdieu, pois “[...] enquanto desconhecemos algo, não percebemos de fato a sua beleza”²⁶, e só se conhece e passa “[...] a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento.”²⁷ O outro e a outra e as diferenças, segundo o teólogo David Tracy, “[...] sobressaem como categorias intelectuais centrais em todas as disciplinas mais importantes, incluindo a teologia.”²⁸

Na análise dos dados segue a pesquisa qualitativa, a partir da observação, reflexão e interpretação.²⁹ Geertz reforça que a descrição é interpretativa.³⁰ Por isso, se fez necessária a contextualização do pesquisador, para que a pessoa³¹ leitora conheça o chão a partir do qual o pesquisador faz a sua pesquisa, a sua interpretação. O sistema simbólico das redes sociais digitais de pessoas não normatizadas é delineado com a identificação de elementos que se relacionam com o par inclusão/exclusão e diversidade, compondo as categorias de análise. No entanto, lembra-se que o conjunto de categorias é reexaminado e modificado sucessivamente, a fim de obter ideais mais abrangentes e significativos.³²

Todo este arcabouço é importante para compreender as teias de significados às quais o ser humano está amarrado e que, conforme Geertz³³, ele mesmo teceu.

peças deficientes, conforme Ângela Ferry noticia a sua adoção na esfera pública. (FERRY, Ângela. Defensoria passa a adotar ferramenta para inclusão em postagens nas redes sociais. **Defensoria**, Governo do Piauí, 11 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.pi.gov.br/noticias/defensoria-passa-a-adotar-ferramenta-para-inclusao-em-postagens-nas-redes-sociais/#:~:text=A%20Defensoria%20P%C3%BAblica%20do%20Estado,estendendo%2Dse%20%C3%A0s%20demais%20defici%C3%AAsncias>. Acesso em: 10 mar. 2023.

²⁶ CAVALCANTI, Nicolau da Rocha. **A beleza humana**; histórias e reflexões sobre ética e estética. São Leopoldo: Unisinos, 2013. (Coleção Aldus 39). p. 27.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 167.

²⁸ TRACY, David. O Deus oculto: o resgate da apocalíptica. *In*: NEUTZLING, Inácio. **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: Unisinos, 2005. p. 85.

²⁹ GIL, 2010, p. 90.

³⁰ GEERTZ, 1978, P. 31.

³¹ A linguagem é excludente, assim como a normatização da língua portuguesa. A fim de não “driblar” as regras, nem “inventar” novas possibilidades de escrita para contemplar a diversidade humana, a pesquisa utilizará a palavra “pessoa” antes da qualificação/adjetivação do grupo a que se refere, como, por exemplo, pessoa leitora, pessoa excluída, pessoa deficiente, e assim por diante. Ao utilizar conceito de “pessoa”, contempla-se, conforme aponta o Gottfried Brakemeier, o conceito filosófico do termo, enquanto expressão da singularidade e da nobreza do ser humano. (BRAKEMEIER, 2010, p. 51).

³² GIL, 2010, p. 134.

³³ GEERTZ, 1978, p. 15.

Portanto, as redes sociais digitais, inseridas dentro de uma cultura digital, fazem parte de uma ciência interpretativa, à procura do significado. Para tanto, é preciso interpretar para compreender os significados que se apresentam nas imagens e falas das redes sociais digitais de pessoas com deficiência.

Trata-se de tarefa complexa, ainda mais em se considerar o desassossego vivenciado pelos excessos dos extremos do determinismo e do indeterminismo, conforme Boaventura de Sousa Santos.³⁴ Destaca Sousa Santos que o determinismo que se dá com a aceleração da rotina e a conseqüente estagnação, e o indeterminismo que se evidencia na desestabilização das expectativas. Ambos caracterizam o tempo caótico no qual ordem e desordem são mescladas. Esse desassossego tem a ver com “[...] a desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e sociais em que até agora temos confiado.”³⁵ Sousa Santos atribui, ainda, ao que chama de “razão preguiçosa”, uma razão indolente porque desiste de pensar por se imaginar incondicionalmente livre, com uma experiência limitada, assim como é limitada a experiência do mundo que esta razão quer fundar. “É por isso que a crítica da razão indolente é também uma denúncia do desperdício da experiência.”³⁶ É contra este desperdício da experiência que a pesquisa pretende lutar ao trazer as narrativas da diversidade humana nas redes sociais digitais, especificamente de canais do YouTube. Tais narrativas surgem como possibilidade de reorientar os mapas cognitivos³⁷, assim como das interações e da sociedade em geral.

Por fim, destaca-se a alteridade³⁸, conceito desenvolvido no último capítulo, em diálogo com a Teologia. Entrar no horizonte da outra pessoa significa ampliar o próprio horizonte. A Teologia tem Jesus Cristo, com suas palavras e ações, como evento para a interpretação e a compreensão das manifestações contemporâneas nas redes sociais digitais. Juntamente com a alteridade, a Teologia busca, de certa forma, adentrar os horizontes da outra pessoa.

³⁴ SOUSA SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 40.

³⁵ SOUSA SANTOS, 2011, p. 41.

³⁶ SOUSA SANTOS, 2011, p. 42.

³⁷ Compreende-se como “mapas cognitivos” a forma como as pessoas constroem as suas representações, ou seja, como elas representam o ambiente em seu próprio cérebro. BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 64-77, 2002. p. 67.

³⁸ PANOTTO, Nicolás. **Teología y espacio público**. 2. ed. Santiago de Chile: GEMRIP ediciones, 2020.

Diante disso, a presente pesquisa pretende ser mais um fósforo acendido no escuro, não para se limitar a iluminar um pequeno espaço, mas para revelar a escuridão que ainda cerca o tema.³⁹

³⁹ A assertiva se dá a partir de Edgar Morin quando afirma que “o fósforo que acendemos no escuro não se limita a iluminar um pequeno espaço, ele revela a enorme escuridão que nos cerca.” (MORIN, 2020, p. 108).

2 “CARECA TV” E A SOCIEDADE ESPETACULARIZADA

O presente capítulo discorre acerca da chamada sociedade espetacularizada, conceituando e caracterizando-a, a partir do filósofo francês Guy Debord, em sua obra “A sociedade do espetáculo”,⁴⁰ que, embora tenha sua obra escrita há mais de cinquenta anos, inaugura a crítica da espetacularização na sociedade. A sociedade do espetáculo é descrita por Guy Debord⁴¹ às vésperas do maio de 1968⁴² para criticar a padronização da vida a partir do consumo dos artefatos culturais⁴³: “O conceito de sociedade do espetáculo é uma tentativa de compreensão das características de uma fase específica da sociedade capitalista.”⁴⁴

Conforme Maria Luiz Belloni, “o espetáculo é de tal forma eficaz que conseguiu recuperar esse conceito e reduzi-lo a mais uma teoria sobre as mídias, esvaziando-o de seu caráter revolucionário de explicação da totalidade.”⁴⁵ Para fins da pesquisa, compreende-se o espetáculo como glamourização da vida uma vez que o espetáculo poderia se dar, também, a partir da violência e do sofrimento.

⁴⁰ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003

⁴¹ DEBORD, 2003.

⁴² O mês de maio de 1968 é conhecido pela efervescência social a partir de protestos estudantis em Paris. Este movimento incentivou movimentos revolucionários em outras partes do mundo. Trata-se da “grande recusa” moral, mas não da mulher que exhibe o púbis, conforme lembra Ferreira, mas do general que exhibe a sua medalha, uma recusa aos governos autoritários da época. FERREIRA, Patrícia do Prado. (Co) memorar maio de 1968: o imaginário anarquista e a liderança negativa. **Psicologia USP**, v. 31, p. 1-9, 2020.

⁴³ Na contemporaneidade há uma miscelânea de artefatos culturais. Correspondem à produção de materiais culturais pelo ser humano, materiais estes que são formas de expressão cultural. “Encontramos artefatos culturais em diferentes instâncias do nosso cotidiano, visto que todo processo cultural como museus, jornais, revistas, televisão, livros, propagandas publicitárias, currículos escolares, filmes, música, internet, entre outros, são entendidos como artefatos. Todos esses artefatos culturais acabam nos educando, de uma maneira ou de outra somos capturados pelas pedagogias culturais que aí circulam.” ARANA, Ariane Pickersgill; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor: análise da reportagem do site dicas de mulher. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 27, n. 1, p. 335-350, 2018. p. 338. Tais artefatos encontram-se, também, no meio digital, como os já referidos YouTube, Facebook, Instagram, Twitter e TikTok, lugares onde as pessoas se relacionam, expondo o seu eu, a sua imagem.

⁴⁴ COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Em torno do conceito de sociedade do espetáculo. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book). p. 76.

⁴⁵ BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 121-136, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 out. 2020. p. 122.

Assim, a sociedade preconizada por Debord ganha novas roupagens principalmente com o desenvolvimento das redes de comunicações. As redes sociais digitais como YouTube, Facebook, Instagram, Twitter e TikTok⁴⁶ são facilitadoras dessas relações. No entanto, é importante destacar que

[...] a mediação descreve o ato concreto da comunicação por meio de um tipo de mídia em um contexto social específico. Em contrapartida, a midiatização refere-se a um processo de mais longo prazo, em que as instituições culturais e sociais e os modos de interação são alterados em consequência do crescimento da influência dos meios de comunicação.⁴⁷

A assertiva do pesquisador dinamarquês Stig Hjarvard é importante para a análise dos objetos da pesquisa, canais do YouTube. Os canais fazem a mediação a partir do seu contexto, atraindo pessoas interessadas no seu respectivo conteúdo. Os canais pesquisados, as redes sociais do YouTube “Careca TV”⁴⁸ e “Deficiência não é doença”⁴⁹, também possuem lócus em outras redes sociais, por vezes alterando, mas, principalmente, ampliando os modos de interação, uma vez que crescem em influência e em interesse. Desta forma, a midiatização é positiva para a defesa das ideias dos canais.

Em tempos de mundo social midiatizado, a interação face a face acaba sendo colocada em segundo plano. Isso porque as mídias se entrelaçam profundamente na realidade cotidiana.⁵⁰ Tal perspectiva afeta brutalmente o comportamento das pessoas que se apropria das redes sociais para alcançar experiências diferentes de entretenimento e de informação, conforme Henry Jenkins⁵¹ nomeia a cultura da

⁴⁶ Estas redes sociais digitais fazem parte do que se chama “mídias digitais” que, segundo Richard Miskolci, “[...] são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material. Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado.” (MISKOLCI, Richard. *Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais*. **Cronos**: Revista da Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.12, p.09-22, jul./dez. 2011. p. 12). As redes sociais, conforme Sã Martino, cobrem um grande espectro de agrupamentos *online* dedicados a diversos tipos de atividades, e que são firmados a partir de interesses comuns. (SÁ MARTINO, Luís mauro. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014).

⁴⁷ HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014. p. 39.

⁴⁸ CARECA TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CarecaTVoficial>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁴⁹ DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Defici%C3%AanciaN%C3%A3o%C3%A9Doen%C3%A7a/featured>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁵⁰ COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2020. p. 51.

⁵¹ JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

convergência, e, acrescenta-se também experiências de relações sociais. Trata-se de uma cultura participativa de fato por parte das pessoas. E quanto mais as construções sociais estiverem implicadas nos usos das mídias, mais dependentes ficam as pessoas das mídias, mas também mais manipulam os produtos de acordo com os seus interesses, conforme destaca Michel de Certeau.⁵² Também as próprias mídias serão interdependentes entre elas mesmas, afirmam os sociólogos Nick Couldry e Andreas Hepp.⁵³ Assim, a construção do mundo social fica dependente das mídias.

A partir do sociólogo David Riesman, Hjarvard menciona a teoria do caráter dirigido pela outra pessoa, o “alterdirigido”. Isso se dá porque o caráter é mutável a partir das experiências sociais, seja na família, no trabalho ou nos meios de comunicação.⁵⁴ Assim, os canais de YouTube em pesquisa podem alterar o caráter social⁵⁵, da estrutura social, a partir do seu tempo e espaço.

No entanto, o embate parece ser desigual. A imagem como mercadoria impulsiona a economia e as relações sociais. O consumo se dá a partir daquilo que pode evidenciar a imagem das pessoas, como os dispositivos tecnológicos conectados a redes sociais. Estes, por sua vez, acabam determinando as relações sociais, expondo, na maioria das vezes, uma realidade falsa.

Nesta esteira, o Canal do YouTube “Careca TV” se faz presente no nas redes, mas sem a imagem do belo, quando a conotação não é positiva. Ainda que com imagens coloridas, Careca TV não leva ao entretenimento, mesmo trazendo em seus vídeos conteúdos relacionados a games! Assim é o canal Careca TV⁵⁶, conforme a Figura 1, de propriedade de Lorena, uma menina de doze anos quando criou o seu canal, recém-operada para a retirada de um tumor, fazendo tratamento com quimioterapia, tendo sequelas motoras para locomoção e fala, além da queda de cabelo que remete a uma realidade de sofrimento causada pelo câncer.

⁵² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

⁵³ COULDY; HEPP, 2020, p. 52.

⁵⁴ HJARVARD, 2014, p. 220-221.

⁵⁵ “Caráter social” é entendido a partir do psicólogo Erich Fromm como “o núcleo essencial da estrutura do caráter da maior parte dos membros de um grupo, que se formou como resultado das experiências básicas e do modo de vida comuns a este grupo.” HJARVARD, 2014, p. 220.

⁵⁶ CARECATV. **CarecaTVoficial**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@CarecaTVoficial>. Acesso em 23 jan. 2023. Canal inscrito em 26 de março de 2016, com mais de 1.600 inscritos, mais de 120 vídeos e 35 milhões de visualizações em um período de sete anos também possui canais em outras redes sociais: Pagina Oficial do Facebook: <https://www.facebook.com/TvCareca/>; Instagram: careca_tvoficial; Twitter: @carecatv.

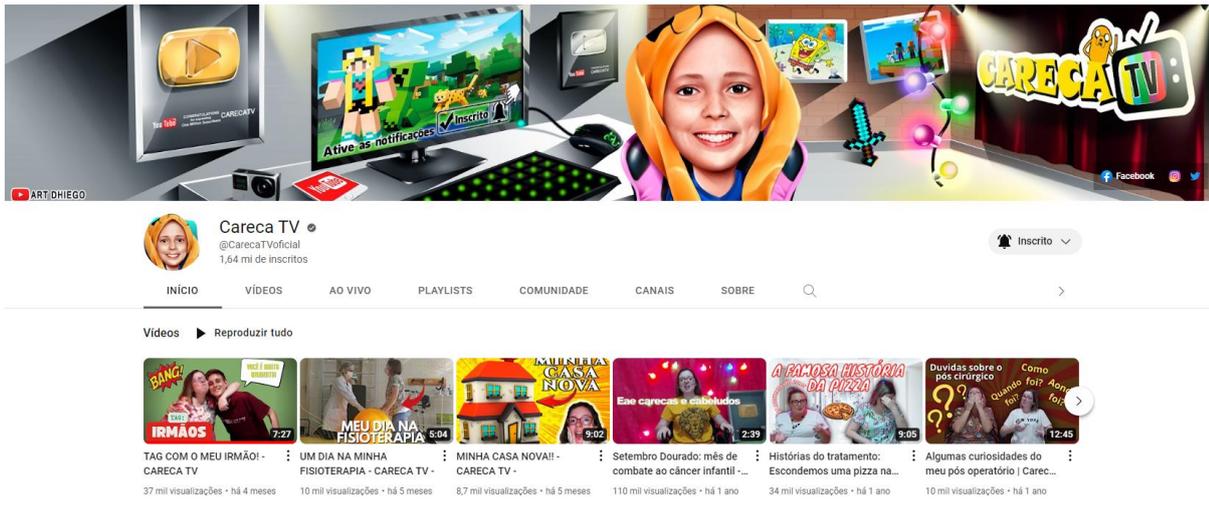


Figura 1: Careca TV

Fonte: Print de tela, CARECATV, 26 mar. 2016.⁵⁷

#pratodosverem: print de tela do canal de YouTube CarecaTV. Na metade superior, criação artística ilustrada com a imagem de Lorena ao centro, usando uma touca de cachorro. Da esquerda para a direita, ilustram o fundo aparelhos tecnológicos como computador com tela reproduzindo minecraft, televisão, quadros que remetem ao Bob Esponja e uma cortina de teatro com os dizeres Careca TV. Na metade inferior há miniaturas dos últimos seis vídeos postados por Lorena.⁵⁸

Lorena e o seu canal vão na contramão da sociedade do espetáculo glamourizada e do entretenimento. Ou o sofrimento também pode ser um espetáculo?⁵⁹ A sociedade contemporânea potencia o sofrimento, expõe Brakemeier, e coloca o futuro em xeque, a consciência cristã não pode conformar-se com ela. A ética cristã “deve tornar público o seu alerta. Na sociedade pós-moderna⁶⁰, estribada nos princípios do neoliberalismo⁶¹, há motivos para séria preocupação com a dignidade da pessoa.”⁶²

⁵⁷ O layout do canal não é o mesmo desde que surgiu. Com o passar do tempo, adquirindo habilidades na área da tecnologia e com auxílio de outras pessoas, a proprietária do canal foi customizando o mesmo.

⁵⁸ A hashtag “#pratodosverem” será sempre inserida logo após a fonte das figuras porque na reprodução do texto em áudio, a leitura não é remetida de imediato à nota de rodapé.

⁵⁹ Esther Brito Martins destaca a espetacularização da violência por parte da mídia a partir de linchamentos ocorridos no estado do Maranhão. Menciona que a violência é reproduzida e dramatizada de forma a propagar a sua espetacularização. “Nos casos televisivos, busca-se o sensacional, o espetacular através da dramatização de fatos de maneira a produzir o extraordinário do mundo ordinário.” MARTINS, Esther Brito. **A justiça popular e a espetacularização da violência**: uma análise sobre o fenômeno dos linchamentos no Maranhão. 2021. 146 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2021. p. 74.

⁶⁰ Pós-modernismo entendido como mudanças ocorridas a partir de 1950 nas ciências e nas artes, mas invadindo o cotidiano das pessoas com a tecnologia aplicada à informação e à comunicação. (SANTOS, Jair Ferreira dos. **Pós-modernismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 7-17).

⁶¹ Neoliberalismo entendido a partir do economista Luiz Carlos Bresser Pereira: “o neoliberalismo surge no último quartel do século XX para defender os interesses dos ricos contra os trabalhadores e os pobres e contra um Estado democrático.” (BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Modernidade neoliberal. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 29, p. 87-102, 2014. p. 88).

⁶² BRAKEMEIER, 2002, p. 14.

2.1 A SOCIEDADE DO SHOW

O espetáculo, aquilo que se torna um show, toma conta da vida e, conseqüentemente, os seres humanos fazem parte dele.⁶³ Assim como assistem, os seres humanos são sujeitos ativos na encenação que compõem o que pensam ser a realidade.⁶⁴ O mundo de fora, do cotidiano das pessoas, acaba sendo uma extensão daquilo que se visualiza nas mídias digitais e nos produtos culturais. Há uma padronização que os filósofos Theodor W. Adorno e Max Horkheimer visualizaram em seus estudos sobre a indústria cultural⁶⁵, quando mencionam que a civilização atual confere a tudo um ar de semelhança.⁶⁶

Cláudio Novaes Pinto Coelho destaca que a sociedade do espetáculo na qual vivemos possui uma conotação positiva devido ao mundo de imagens coloridas, criativas, sedutoras que levam ao entretenimento, mesmo quando são chocantes. Na visão do autor, trata-se de uma sociedade que teria dado adeus à chatice e à caretice.⁶⁷ Uma sociedade na qual tudo parece fácil e acessível, ou mesmo possível. A pessoa, no caso a pessoa consumidora, “[...] não precisa se dar ao trabalho de pensar, é só escolher. É a lógica do clichê.”⁶⁸

Em seu primeiro vídeo, Lorena e o seu canal deixam evidente que não estão no padrão da sociedade positiva mencionada por Pinto Coelho.⁶⁹ Também não

⁶³ BELLONI, Maria Luiza. **Formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. (E-book). p. 7.

⁶⁴ Acerca da realidade, Edgar Morin menciona que se tem a sensação do pouco da realidade da nossa realidade. Trata-se de reflexão sobre qual a realidade que se vive. Destaca que no pensamento védico, a realidade seria *maya*, o mundo das ilusões; no pensamento budista, seria *samsara*, mundo das aparências; para o ocidente, a partir de Platão, de cuja realidade só se conhece as sombras, a realidade seria um sonho (para as artes, a partir de William Shakespeare), ou que se trata de uma coprodução das forças organizadoras do cérebro, a partir do filósofo Immanuel Kant. A partir disso, conclui que “De qualquer maneira, só podemos aprender o real por meio das representações e interpretações.” (MORIN, 2020, p. 22).

⁶⁵ “De acordo com Adorno e Horkheimer, a expressão ‘indústria’ não se refere ao processo de produção no sentido estrito, mas à estandardização da própria coisa, por exemplo, à estandardização dos filmes western, familiares a todo frequentador de sala de cinema, e a racionalização das técnicas de divulgação.” PÁTIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book). p. 1137.

⁶⁶ HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. *In*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.

⁶⁷ COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Apresentação. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book). p. 28.

⁶⁸ PÁTIAS, 2018a, p. 1135.

⁶⁹ COELHO, 2018a.

caracterizam entretenimento, enquanto diversão, mas são chocantes na medida em que revelam o cotidiano de Lorena, de tratamento fisioterápico, das dificuldades encontradas no dia a dia pelas sequelas ocasionadas pela cirurgia da retirada do tumor.

Lorena faz a sua apresentação a partir de uma gravação com imagem na vertical evidenciando o uso de uma câmera ou celular ao lado da tela do computador, tendo ao fundo uma parede amarela, usando uma camiseta básica e uma touca na cabeça. Observa-se que a sua fala se dá a partir da leitura de um roteiro escrito na tela do seu computador. Depois de uma breve titubeada nas palavras iniciais, retoma o texto e destaca que almeja ter um canal de sucesso⁷⁰ no YouTube.⁷¹ Em seguida, retira a sua touca evidenciando a aparência da queda de cabelos, conforme a Figura 2.

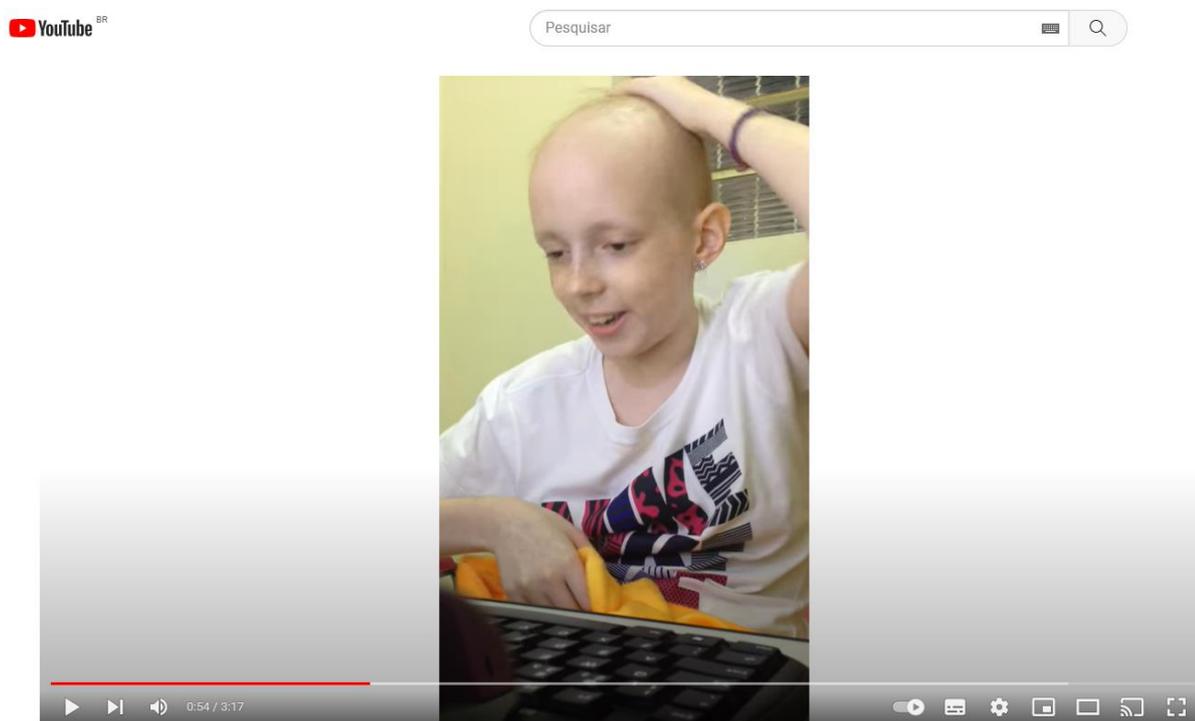


Figura 2: Primeiras aparições
Fonte: Print de tela, CARECATV, 28 mar. 2016.

⁷⁰ O fato de almejar sucesso faz parte daquilo que as pessoas buscam, no caso, a felicidade. Poder-se-ia conjecturar, por exemplo, se esse sucesso almejado vem na esteira de querer ser como pessoas famosas, ou ser reconhecida em público pelo seu canal. A partir da visualização dos seus vídeos, se pode perceber que Lorena almeja participar das relações sociais proporcionadas pelo YouTube. No entanto, ressalta-se, trata-se de percepção do pesquisador, uma vez que a resposta sobre o que é “ser famosa” de fato só pode ser dada pela própria Lorena. “Ser famosa” não apareceu em nenhum vídeo acessado.

⁷¹ CARECATV. **Primeiro vídeo do canal:** falando um pouco sobre mim. YouTube, 28 de mar. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSAooawJV6A>. Acesso em 23 jan. 2023. 40”.

#pratodosverem: print de tela do canal de YouTube CarecaTV. Lorena está no centro na imagem porque estava gravando o vídeo com a câmera na posição vertical. No plano inferior parte de um teclado. Ela está com a mão na cabeça, sem cabelos devido ao tratamento quimioterápico. Está vestindo uma camiseta branca, com a escrita da marca “Nike” em letras coloridas. Ao fundo há uma parede amarela com uma janela de vidro basculante.

Com voz trêmula e pausada, Lorena explica que não está mais com câncer. Ainda na sua apresentação, fala sobre as sequelas: “Eu fiquei com a voz fina e um pouco lenta, também. Mas não liga, tá? Às vezes eu dou uma tremida [na voz] também. Mas não liga. Eu sou normal.”⁷² Falar de forma tremida no seu contexto, é, sim, normal. Conjectura-se que a fala se dá porque ela mesma tem a ciência de ser visibilizada como diferente, no sentido pejorativo, sem que as pessoas compreendam o seu contexto e, muito menos, se enxerguem nela mesma numa atitude de alteridade.

2.1.1 Valorização da imagem e do individualismo

Debord foi um dos primeiros a compreender o funcionamento da sociedade manipulada através da imagem, esta como a melhor forma de mediação. Tem origem no meio artístico de vanguarda, autor de seis obras cinematográficas, além de textos sobre arte e teoria revolucionária.⁷³ A partir de Debord se compreende que a sociedade e o seu progresso têm no espetáculo a forma dominante das relações sociais: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido tornou-se uma representação.”⁷⁴ Esse espetáculo é “[...] uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.”⁷⁵ É a glamourização da vida a partir de uma escolha feita na produção e no consumo que decorre dessa escolha.⁷⁶

Importante na reflexão de Debord é a compreensão de uma realidade que surge a partir desse espetáculo, que acaba se tornando real. O espetáculo, portanto, acaba dando realidade àquelas imagens projetadas. Assim, sentencia o autor que “no mundo realmente invertido, a verdade é um momento do que é falso.”⁷⁷ Esse falso é a aparência que é valorizada e externalizada na sociedade do espetáculo.

⁷² CARECATV, 28 mar. 2016, 1’.

⁷³ ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Guy Debord e a poesia de *In girum imus nocte et consumimur igni*. **Manuscrita, Revista de Crítica Genética**, n. 25, p. 107-121, 2013.

⁷⁴ DEBORD, 2003, p. 13.

⁷⁵ DEBORD, 2003, p. 14.

⁷⁶ DEBORD, 2003, p. 15.

⁷⁷ DEBORD, 2003, p. 16.

Maria Luiza Belloni, dissertando sobre a atualidade do conceito da sociedade do espetáculo, destaca que não se pode entendê-la como mera referência aos meios de comunicação de massa, mas “[...] é um fenômeno total, [...] que enfoca mais a determinação econômica [...]”.⁷⁸ E no centro está a tecnologia, “[...] com seus desafios à criação artística e científica e seu poder potencializador da separação generalizada, típica do espetáculo e fundamento da alienação.”⁷⁹

O espetáculo é a principal produção da sociedade. Na sua relação com a economia, Debord destaca que “O espetáculo domina os homens vivos, na medida em que a economia já os dominou totalmente. Ele não é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores.”⁸⁰ É uma economia que não valoriza, necessariamente o “ter”, mas o “parecer”. No entanto, para “parecer” é necessário “ter” as ferramentas que permitem às pessoas se fazerem ser vistas. Esta aparência evidenciada não é a realidade de fato das pessoas, mas uma representação de cada pessoa.

Há, portanto, uma valorização do indivíduo, da pessoa.⁸¹ Pessoa essa reificada que se perde nas relações animistas e íntimas com os objetos, segundo Belloni.⁸² O sistema econômico explora esse individualismo de tal forma a fazer com que as próprias pessoas produzam no sistema capitalista os produtos que as tornam separadas das demais pessoas.⁸³ Assim, a sociedade mesma fabrica a sua alienação no momento em que consome aquilo que incentiva o isolamento e a necessidade de (a)parecer. Não há mais a noção de coletividade. A sociedade do espetáculo constrói sua unidade sobre o seu esfacelamento⁸⁴ e sobre a pseudonecessidade imposta pelo consumo.⁸⁵ Ocorre que o ser humano, conforme Brakemeier discorre a partir do “pai da psicanálise”, Sigmund Freud (1856-1939), não é dono de si mesmo, mas cujo “eu” age por instintos e desejos que fogem ao seu controle.⁸⁶ Instintos e desejos manipulados por toda uma engrenagem que aguça a libido das pessoas.

⁷⁸ BELLONI, 2003, p. 132.

⁷⁹ BELLONI, 2003, p. 132-133.

⁸⁰ DEBORD, 2003, p. 17.

⁸¹ DEBORD, 2003, p. 23.

⁸² BELLONI, 2003, p. 134.

⁸³ DEBORD, 2003, p. 24-25.

⁸⁴ DEBORD, 2003, p. 37.

⁸⁵ DEBORD, 2003, p. 45.

⁸⁶ BRAKEMEIER, 2002, p. 9.

Quando Debord trata sobre o proletariado como sujeito e como representação⁸⁷, e sobre tempo e história⁸⁸, discorre especificamente sobre o seu tempo ou contexto histórico para destacar como as pessoas foram levadas pelo sistema a adentrarem na sociedade do espetáculo. Trata, de certa forma, de como as pessoas passaram a consumir imagens a partir da produção de uma nova realidade, ou melhor, da substituição da realidade do tempo pela publicidade do tempo.⁸⁹ A sociedade do espetáculo é ainda a sociedade das ilusões mencionada por Debord, uma sociedade onde é “nitidamente proibido envelhecer.”⁹⁰

A sociedade do espetáculo vislumbrada por Debord, ao ser referida para os tempos atuais, para o contexto das mídias sociais digitais, deve ser considerada a partir do seu contexto de escrita e publicação, bem como o porquê de estar sendo retomada. A sociedade do espetáculo destacada por Debord possui uma caracterização peculiar para a atualidade a partir dos novos dispositivos midiáticos que impõem formas de interação e relação entre as pessoas que também privilegiam a imagem. Para alcançar este *status*, as pessoas necessitam participar da cena espetacular, exibindo as suas conquistas ou os seus conflitos.⁹¹ O filósofo Anselm Jappe menciona que a sociedade do espetáculo destacada por Debord está além da onipresença dos meios de comunicação de massa e que

[...] o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Têm de olhar para outros (estrelas, homens políticos etc.) que vivem em seu lugar. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida, recupera-se no plano da imagem. Enquanto a primeira fase do domínio da economia sobre a vida caracterizava-se pela notória degradação do ser em ter, no espetáculo chegou-se ao reinado soberano do aparecer. As relações entre os homens já não são mediadas apenas pelas coisas, como no fetichismo da mercadoria de que Marx falou, mas diretamente pelas imagens.⁹²

Fundamental compreender que a realidade passa a ser fragmentada e que o real é uma imagem projetada pela pessoa sobre como ela parece ou como ela

⁸⁷ DEBORD, 2003, p. 49-86.

⁸⁸ DEBORD, 2003, p. 87-101.

⁸⁹ DEBORD, 2003, p. 106.

⁹⁰ DEBORD, 2003, p. 109.

⁹¹ DEBORD, 2003, p. 141.

⁹² JAPPE, Anselm. O complô das imagens. **Caderno Mais**, Folha de São Paulo, 17 de agosto de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170805.htm>. Acesso em 01 nov. 2020.

pretende aparecer para as outras pessoas. Assim, a imagem vale mais, mesmo que ela não seja (e na maioria das vezes não é) espelho da realidade.

Segundo Wilson Gomes, é “[...] uma sociedade onde a extrema visibilidade faria par com a mais completa invisibilidade e o domínio da artificialidade programada desarma a realidade das coisas.”⁹³ Para Mário Vargas Llosa, a sociedade do espetáculo é o espelho de uma civilização de um mundo

[...] onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo.⁹⁴

Krauter destaca sobre Debord que seu texto é uma luta entre aquilo que é e aquilo que deveria ser, entre a realidade e a representação e, principalmente, a luta entre a sociedade moderna e o poder do espetáculo, estreitamente relacionada a formas modernas de produção e de consumo.⁹⁵ De acordo com Valdir José de Castro:

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude o substrato de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real, provocados pelo sistema capitalista. O espetáculo produzido e difundido pela mídia, e presente em todas as formas de diversão, não é outra coisa senão a outra face do dinheiro.⁹⁶

Mesmo a oposição ao espetáculo acaba sendo envolvida por ele. Isso porque, segundo Nildo Viana, tais lutas espetaculares são reais e falsas ao mesmo tempo: “são falsas por não colocarem em questão a sociedade do espetáculo e por serem, elas mesmas, espetaculares. São reais pelo motivo de que expressam lutas reais

⁹³ GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 316.

⁹⁴ LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (E-book). p. 38.

⁹⁵ KRUTER, K. M. **How to read Guy Debord**. Amazon, 2013. (E-book). Disponível em: <https://www.amazon.com/How-Read-Debord-K-M-Krauter-ebook/dp/B00GLZE7KM>. Acesso em 21 out. 2020.

⁹⁶ CASTRO, Valdir José de. A publicidade e a produção de vedetes na cultura do espetáculo. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book). p. 1488.

entre classes ou frações de classes.”⁹⁷ Ou seja, a própria revolta em relação à sociedade do espetáculo acaba sendo transformada em rebelião espetacular.

Viana explica que se trata de uma luta diferente da empregada pela esquerda tradicional, contra a burguesia, a exploração ou o imperialismo. A crítica de Debord foca na sociedade capitalista, capitalismo este que acaba respingando nas diversas esferas da sociedade: “[...] como sociedade do espetáculo esta se caracteriza pela generalização do fetichismo da mercadoria que invade a vida cotidiana. A crítica da vida cotidiana torna-se o fundamento da crítica à sociedade capitalista.”⁹⁸ O fetichismo invade a arte, a ciência, e todas as esferas que permeiam a vida das pessoas fazendo com que tudo neste mundo vire fetiche, inclusive o mercado. E para realizar os fetiches é necessário consumir.

É preciso compreender o “fetichismo” neste contexto. Amaro Fleck faz uma análise etimológica do termo para, posteriormente, relacioná-lo à mercadoria, mais precisamente, ao fetichismo da mercadoria. Por fetichismo se tem, de forma direta, o fetiche (do francês *fétiche*), o feitiço, e o artificial (do latim *facticius*). Com o fetichismo se vai do concreto ao abstrato, para a divinização de objetos inanimados, ou seja, dando qualidades sobrenaturais aos objetos.⁹⁹ Na sociedade do fetiche, a mercadoria passa a ser protagonista e, segundo, Fleck,

[...] passa a ter assim uma dupla existência, uma no mundo concreto, no qual ela é um produto como qualquer outro, podendo ser utilizado para algum fim, deteriorando-se com o passar do tempo, etc. (dimensão correspondente ao seu valor de uso); e outra no “mundo das mercadorias”, um mundo no qual os homens não são mais do que os veículos, os suportes, que conduzem estas mercadorias ao mercado, mercado este no qual estas mesmas mercadorias se relacionarão de forma quase autônoma, uma vez que são dotadas de uma objetividade numérica que expressa a medida de sua relação com as demais; um mundo no qual as coisas não perecem e só servem para fins de intercâmbio (dimensão correspondente ao valor de troca).¹⁰⁰

A mercadoria acaba sendo uma forma específica para realização dos fetiches, por um lado, e de relação entre as pessoas, ou entre as classes sociais, conforme

⁹⁷ VIANA, Nildo. Debord: espetáculo, fetichismo e abstratificação. **Revista Panorama**, n.1, Ago. 2011, Edição on-line, Universidade Federal de Goiás, 2011. p. 7.

⁹⁸ VIANA, 2011, p. 8.

⁹⁹ FLECK, Amaro. O conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação. **ethic@-An international Journal for Moral Philosophy**, v. 11, n. 1, p. 141-158, 2012.

¹⁰⁰ FLECK, 2012, p. 148.

Henrique Tahan Novaes e Renato Dagnino.¹⁰¹ Acabam por ser, portanto, determinantes para a visibilidade, também. Assim, na sociedade contemporânea, o fetiche leva para o consumo, para a mercadoria que acaba sendo protagonista do show, para a realização da fetichização.

Gomes pontua a espetacularização na política e no jornalismo. Na política¹⁰², menciona a comunicação dramática empregada, com narrativas dramáticas com padrão dramatúrgico, além da produção de representações com uma sofisticada indústria de consultorias políticas; no jornalismo, também a narrativa espetacular começa a tomar conta, dando lugar à notícia que possui potencial de conflito. Esse viés adotado pelo jornalismo se dá por causa da concorrência com a indústria do entretenimento.¹⁰³ Belloni menciona que a realidade não é mais conhecida diretamente e nela aparece a falsificação da vida social através da espetacularização:

[...] a espetacularização do cotidiano nos reality shows; o jornalismo eletrônico (*news all time, on line*), uma proposta excessiva que lembra a pergunta tropicalista de Caetano Veloso: Quem lê tanta notícia?; os modelos de corpos perfeitos que mostram cruelmente a obsolescência dos nossos pobres corpos cansados de tanto nos adaptarmos às ergonômias maquinicas.¹⁰⁴

Em linhas gerais, a obra de Debord, mais de meio século após o seu lançamento, permanece atual porque a sociedade intensificou o que este autor vislumbrou, no caso, a mercantilização do espaço e do tempo sociais, sem fronteiras de tempo ou lugar, ou de gerações, além de antever a imagem como mercadoria. “O espetáculo confirma o caráter mercantil das relações sociais capitalistas.”¹⁰⁵

Debord anunciou uma revolução com seu livro, que iniciou logo após a publicação do mesmo, em maio de 1968, que permanece como crítica do cotidiano, segundo o filósofo Ricardo Musse.¹⁰⁶ Cláudio Novaes Pinto Coelho, inclusive, define Debord como um revolucionário quando defende que vida e obra, ou prática e teoria,

¹⁰¹ NOVAES, Henrique Tahan; DAGNINO, Renato. O fetiche da tecnologia. **Revista ORG & DEMO**, v. 5, n. 2, p. 189-210, 2004. p. 190.

¹⁰² GOMES, 2014, p. 232-233.

¹⁰³ GOMES, 2014, p. 275-282.

¹⁰⁴ BELLONI, 2003, p. 135.

¹⁰⁵ COELHO, 2018a, p. 82.

¹⁰⁶ MUSSE, Ricardo. Guy Debord: um perfil multifacetado. In: **Revista Cult**, São Paulo, n. 212, p. 53-56, abril de 2016.

caminham juntas. Destaca que, para Debord, “[...] a revolução só é digna desse nome se transformar a vida cotidiana.”¹⁰⁷ Prosegue Coelho afirmando que

A luta contra a sociedade do espetáculo não poderá ser retomada se não acontecer uma ruptura não só com a ideologia neoliberal, mas com a subordinação à ideologia de modo geral, ou seja, se não houver socialmente um reconhecimento de que é fundamental a busca pela diferenciação entre o imaginário (ideológico) e o real. É indispensável que a luta política não se reduza à disputa entre visões de mundo diferentes (ideologias de esquerda ou de direita), mas que faça parte dessa disputa uma indagação a respeito de qual visão de mundo é capaz efetivamente de compreender e transformar a realidade contemporânea. Nesse aspecto, a crítica da sociedade contemporânea feita por Debord é uma arma política fundamental.¹⁰⁸

A ruptura com a ideologia neoliberal é algo que pode ser considerado utópico. Danny-Robert Dufour ressalta que o liberalismo da contemporaneidade se apresenta como uma religião natural, na qual cada pessoa segue seus próprios interesses e uma instância superior as harmoniza.¹⁰⁹ Tal instância superior é o mercado, “o redentor das pessoas”, segundo Dufour:

[...] princípios morais, cânones estéticos, modelos de verdade garantidos pelo Pai, valor supremo, [...] constituíam, assim, uma autoridade. [...] Neste novo discurso, tudo que se refere à esfera transcendental e moral dos princípios e dos ideais, não podendo ser convertido em mercadorias ou serviços, é doravante desacreditado.¹¹⁰

Vanderlei de Castro Ezequiel menciona que resta “[...] a possibilidade de apropriação dos instrumentos do espetáculo como ferramentas criativas de sua própria superação, buscando a emancipação dos indivíduos.”¹¹¹ Belloni segue linha semelhante quando menciona que, na contemporaneidade da realidade virtual, de ciberespaço e da cultura da simulação, na qual aparece a falsificação da vida social, “tudo parece concorrer para que a lógica do espetáculo triunfe.”¹¹² Propõe que se utilize dos próprios instrumentos do espetáculo como “[...] ferramentas ou armas de

¹⁰⁷ COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Guy Debord e a crítica da sociedade do espetáculo. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018b. p. 43.

¹⁰⁸ COELHO, 2018b, p. 49-50.

¹⁰⁹ DUFOUR, Danny-Robert. Capitalismo, Religião e Espectáculo. *In*: MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; QUADROS, Eduardo Gusmão (Orgs.). **A religião entre o espetáculo e a intimidade**. Goiânia: Ed. Puc de Goiás, 2014. p. 13.

¹¹⁰ DUFOUR, 2014, p. 15-16.

¹¹¹ EZEQUIEL, Vanderlei de Castro. O tempo espetacular: algumas reflexões. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. p. 168.

¹¹² BELLONI, 2003, p. 135.

formação, pela apropriação criativa das tecnologias que permita superar a separação entre o sujeito e sua representação.”¹¹³

É o que Debord afirmava sobre uma nova cultura para derrubar esta criada pela sociedade do espetáculo. Porém, numa sociedade globalizada¹¹⁴, mesmo que grupos de ruptura possam utilizar das ferramentas da globalização para propagar seus ideais e reunir seus adeptos, estão numa posição de inferioridade perante o mercado que financia este modelo. Da mesma forma, não estar subordinado à ideologia de modo geral parece estar longe de acontecer. A isto, soma-se a intensa propaganda e a sedução.

2.1.2 Libido, consumo e alienação

Um dos mecanismos de sedução da sociedade do espetáculo é a libido¹¹⁵, cada vez mais aguçada pelas mídias de tal maneira que as pessoas, em geral, não conseguem distinguir de forma consciente que estão sendo manipuladas. Ela é um dos principais elementos de manipulação e a indústria e a publicidade destinam seus esforços para que as pessoas sejam mais dependentes da reprodução dos modos de vida refém das mercadorias. De acordo com as psicólogas Karla Cristina Rocha Ribeiro e Ângela M. Pires Caniato, as pessoas projetam a sua libido em mercadorias

[...] buscando nelas a satisfação para suas necessidades e desejos. No entanto, ele não é contra-investido, ou seja, esta libido não retorna para ele de maneira a enriquecê-lo; ele, ao invés disso, se empobrece já que se entrega ao objeto e não recebe retorno afetivo. Neste cenário, a destruição

¹¹³ BELLONI, 2003, p. 135.

¹¹⁴ Por globalização toma-se o conceito de Anthony Giddens: “A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. Assim, quem quer que estude as cidades hoje em dia, em qualquer parte do mundo, está ciente de que o que ocorre numa vizinhança local tende a ser influenciado por fatores – tais como dinheiro mundial e mercados de bens – operando a uma distância indefinida da vizinhança em questão.” GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1991. p. 69.

¹¹⁵ “Libido”, do latim “Libido”, que significa vontade e desejo. Nos dizeres de Ravanello, Dunker e Beividas, trata-se da presença do desejo que toma conta da pessoa. (RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Uma via indireta para a abordagem do afeto: libido, gozo, pulsão escópica. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 1, p. 9-36, 2017.)

de vínculos humanos é um danoso efeito colateral que configura a grave crise subjetiva da contemporaneidade.¹¹⁶

Diante desse contexto, “[...] a sociedade demanda a participação de atores sociais com capacidade de adaptação e criatividade para sobreviver neste espaço de mudanças e competitividades.”¹¹⁷ Nessa mesma linha, Clóvis de Barros Filho e Felipe Tavares Paes Lopes perguntam pela origem do gosto. Afinal, questionam os autores:

[...] se o gosto não se justifica pelas próprias coisas, de onde viriam nossas inclinações? A que atribuir a atração por esse ou aquele automóvel, prato ou roupa? Por que alguns preferem uma "linguicinha no pão" a caviar? Outros, *vol-au-vent de canará* a uma "fejuca"? Por que *squash* ou *golf* não são praticados pelos que batem uma bolinha num campinho da prefeitura? E o pagode, que vai tão bem com o churrasquinho? Cafezinho no copo? A porcelana muda mesmo o gosto do café? Em suma, qual a origem do gosto?¹¹⁸

A partir do filósofo Pierre Bourdieu¹¹⁹, Barros Filho e Lopes defendem que as inclinações das pessoas por determinados produtos, assim como as escolhas das próprias ações, possuem uma origem social, uma disposição adquirida na sociedade. Esse mesmo “gosto” discrimina e hierarquiza, classificando as pessoas. Assim, gostar não é neutro, mas é algo que define a pessoa, que luta por aquilo pelo qual quer ser representada e distinguida das demais pessoas. Porém, é uma luta desigual porque cada pessoa impõe a sua representação a partir daquilo que está ao seu alcance, ou melhor, da sua condição social. O “gosto”, portanto, é uma forma de dominação.¹²⁰

Com Debord, as mídias - e a televisão, especificamente em seu tempo - são a manifestação mais visível do mecanismo espetacular, porém, não são o cerne da questão. A problemática está no fato de que as pessoas assistem aquilo que está ausente em suas vidas cotidianas. Aquilo que é adquirido substitui a realidade concreta. E o consumo desta mercadoria não se dá pelo que ela oferece de utilidade, para uso, mas como uma experiência para além da realidade. Jappe Anselm destaca que

¹¹⁶ RIBEIRO, Karla Cristina Rocha; CANIATO, Angela M. Pires. A Indústria Cultural e a Razão Cínica no Cenário Social Contemporâneo. In: **Anais do Congresso Internacional de Teoria Crítica**, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, p. 259-270, out. 2016. p. 269.

¹¹⁷ SARRETA, C. R. L. Algumas reflexões do poder simbólico em relação ao consumo na globalização. **Perspectiva**, v. 36, n. 134, p. 19-29, 2012. p. 26.

¹¹⁸ BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes. A dominação pelo gosto: o consumo na sociologia de Bourdieu. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicação e Culturas do Consumo**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 105.

¹¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

¹²⁰ BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 106.

O espetáculo é uma técnica de dominação que permite manter a maioria em um estado de passividade. Ele se baseia na distinção estrutural entre espectadores e atores, impedindo os indivíduos de exercer um controle sobre as suas vidas que, não obstante, teria se tornado possível graças ao desenvolvimento das forças produtivas.¹²¹

A mercadoria acaba por ocupar a vida social¹²²: a pessoa é aquilo que exhibe, aquilo que veste, o lugar que frequenta, o livro que lê, a música que ouve, o filme que assiste, e assim por diante. E as pessoas acabam sendo controladas por isso:

Toda aparente novidade tecnológica é também uma dilatação qualitativa da acomodação e dependência a rotinas; também é parte de um aumento na quantidade de aspectos sob os quais um indivíduo é transformado em uma aplicação de novos sistemas e esquemas de controle.¹²³

Por um lado, é uma sociedade controlada, ou do controle, e, por outro, não fazer parte dessa sociedade de consumo leva a estar fora dessas redes, podendo significar o fracasso econômico e social, e, por isso, as pessoas acabam ficando submersas “[...] ao consumo tecnológico e às novas necessidades criadas por elas.”¹²⁴ Se está na ilusão da escolha e da autonomia quando, na verdade, a pessoa está sendo regulada num processo de autorregulação. Essa “[...] crença na existência da concorrência e na liberdade de escolha é um componente essencial da ideologia dominante no capitalismo”.¹²⁵ Sem saber de forma consciente, ela mesma, ao se submeter ao consumo tecnológico e às necessidades criadas pelas redes de relacionamento, se “autossubmete” e, conseqüentemente, se autorregula.

A ilusão de escolha e autonomia é uma das bases desse sistema global de autorregulação. Ainda encontramos em muitos lugares a afirmação de que a ordem tecnológica contemporânea é essencialmente um conjunto de ferramentas neutro que pode ser usado de diferentes maneiras, inclusive de uma política emancipatória. O consumidor, aparentemente livre, na verdade está inteiramente submetido ao império da produção. Aquilo que ele acredita ser desejo próprio, proveniente de sua vontade autônoma como indivíduo singular é, sem que ele perceba, produto de uma manipulação por meio da qual sua imaginação é subjugada por aquele que oferece os bens. Ele deseja aquilo que querem que ele deseje.¹²⁶

¹²¹ ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Entrevista com Jappe Anselm. *In: Revista Cult*, São Paulo, n. 212, p. 85-94, abril de 2016. p. 89.

¹²² BENSALD, Daniel. **Espectáculo, fetichismo, ideologia**: um livro inacabado. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2020.

¹²³ PINO, Jhonathan W. S. As experiências humanas enquanto mercadorias. *In: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). A sociedade do espetáculo*: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. p. 67.

¹²⁴ PINO, 2018, p. 68.

¹²⁵ PÁTIAS, 2018^a, p. 1148.

¹²⁶ PINO, 2018, p. 69.

Os produtos e serviços são pensados justamente a partir do desejo de libertação e autoexpressão das pessoas.¹²⁷ A sociedade contemporânea, e Debord já verificava o mesmo na sociedade analisada em seu livro, exhibe uma generalização do fetichismo da mercadoria.¹²⁸ Tanto à época de Debord, como a contemporânea, passam pelo mesmo “[...] momento específico da sociedade capitalista, quando a lógica mercantil está presente em todas as dimensões da vida social.”¹²⁹

Essa mercadoria pode ser tanto um produto como um acontecimento. As mídias sociais têm um papel importante no que tange aos acontecimentos, como um papel legitimador. Tais acontecimentos visam tornar uma pessoa numa celebridade, desde que caia nas mídias. São os chamados “pseudo-eventos”¹³⁰, no caso, “pseudoacontecimentos”, aqueles que surgem para saciar o que Gilberto da Silva chama de “expectativas extravagantes”, com o objetivo de tornar a vida mais excitante:

O pseudoacontecimento pode ser político, musical, cinematográfico, criminal, esportivo etc. Os acontecimentos irreais acabam por dominar a própria realidade e tornam-se mais reais do que os reais, ou seja, é a não realidade o fator dominante da vida contemporânea; nesse sentido, até Deus torna-se uma celebridade.¹³¹

Este acontecimento fabricado pelas mídias implica numa reformulação ou construção de uma nova linguagem, uma nova comunicação. Esta é uma esperança, inclusive para Debord.¹³² Para isso, é necessário romper com a sociedade do espetáculo, que está submersa num “[...] processo de alienação inerente ao capitalismo, quando as representações se descolam da realidade, passando a ter autonomia.”¹³³ Significa romper, portanto, com a alienação da pessoa em favor do objeto contemplado. É algo urgente porque “[...] quanto mais aceita reconhecer-se nas

¹²⁷ PINO, 2018, p. 69.

¹²⁸ EZEQUIEL, 2018, p. 155.

¹²⁹ COELHO, 2018b, p. 117.

¹³⁰ Termo criado por Daniel Boorstin para designar acontecimentos encenados que não têm valor intrínseco e serviam apenas para criar notícias. RIBEIRO, Pedro. O homem que inventou os "pseudo-eventos". **Cultura Ípsilon**, 5 de março de 2004. Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/03/05/jornal/o-homem-que-inventou-os-pseudoeventos-185055>. Acesso em 10 out. 2020.

¹³¹ SILVA, Gilberto da. A negação e o consumo da cultura. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. p. 196.

¹³² SILVA, 2018, p. 203.

¹³³ KECOAN, Emerson. A crítica da cultura na sociedade do espetáculo. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. p. 210.

imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.”¹³⁴

A necessidade de se reconhecer nas imagens predominantes tem relação com o processo que leva uma pessoa a se ver como a outra – ou outras – também se torna outra para si mesmo. É o que o filósofo Roger Scruton chama de autoalienação, quando as pessoas se tornam estranhas para si mesmas obrigadas por leis externas, impedidas da sua liberdade.¹³⁵ A forma de romper o processo de autoalienação, segundo Émerson Ikecoan, é através da linguagem:

A criação de uma nova linguagem pela arte moderna, que seja acompanhada pela política, é fruto da ideia de uma comunicação direta e dialógica. Essa ideia está presente tanto na reflexão sobre a arte, ao vê-la reconciliada com a vida cotidiana, quanto na sobre a política, pela ação dos conselhos operários; exprime-se na crítica a qualquer representação – delegação da palavra ou da ação; na crítica a toda separação.¹³⁶

Esta comunicação direta e dialógica pode ser percebida na crítica de Byung-Chul Han, filósofo e teólogo coreano, quando afirma que a comunicação digital não é capaz do diálogo: “ela se torna, hoje, mais narcisista, e leva o próprio outro ao desaparecimento. O vazio de sentido faz com que nos comuniquemos sem pausa e interrupção.”¹³⁷ A comunicação dialógica, argumenta Han, promove sentido e não se submete à aceleração.¹³⁸

Maria Luiza Belloni destaca a formação das pessoas a partir dos instrumentos do espetáculo, “[...] pela apropriação criativa das tecnologias que permita superar a separação entre o sujeito e sua representação.”¹³⁹ Essa apropriação, assim como aliena, também pode servir para libertar: se Han entende que a comunicação digital não é capaz do diálogo, é necessário se apropriar justamente das tecnologias para fazer o inverso. Ou seja, assim como a sociedade do espetáculo exclui, é preciso, dentro desta estrutura, pensar formas de incluir utilizando justamente a singularidade de cada pessoa.

¹³⁴ IKECOAN, 2018, p. 210.

¹³⁵ SCRUTON, 2015, p. 202.

¹³⁶ IKECOAN, 2018, p. 228.

¹³⁷ HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos:** em busca de um outro tempo. Petrópolis: Vozes, 2021b. p. 40.

¹³⁸ HAN, 2021b, p. 40-41.

¹³⁹ BELLONI, 2003, p. 135.

Viviane Garbelini Cardoso menciona a emancipação das bases materiais da verdade invertida. Mas trata-se de algo complexo, da criação de uma nova classe através do diálogo e da democracia. Porém, além de se desvencilhar da sociedade do espetáculo, a própria autora expõe questionamentos que parecem levar a, novamente, um ideal impossível:

Sendo assim, como pode a democracia se realizar? As pessoas sem tempo para encontros reais, identidade sem reconhecimento do outro, sem disponibilidade para pensar o público. Com uma internet controlada por grandes empresas que funcionam de maneira opaca... Como será possível realizar deliberação em jardins murados?¹⁴⁰

Trata-se de uma luta desigual. Castro contribui com mais indagações sobre a realidade que se estende desde meados do século XX:

[...] o crescimento da violência e a banalização da vida humana; a mercantilização do sistema de ensino e de saúde; as amizades que se desenvolvem com base em interesses econômicos; a exclusão de pessoas do mercado de trabalho; a naturalidade com que pessoas expõem na mídia sua vida privada; a mercantilização da religião que propicia a relação “mercadológica” com o sagrado; o aumento de pessoas depressivas e vazias de “sentido” etc. São todas hipóteses, evidentemente, mas mesmo prematuramente, nos perguntamos: Por trás de todos esses e outros sintomas não estaria a corrosiva lógica de mercado que perpassa toda a sociedade? E, atrelada a essa lógica, não estaria a linguagem hegemônica da publicidade que coisifica as pessoas e humaniza as coisas?¹⁴¹

Os apontamentos de Castro levam a perspectivas pouco animadoras uma vez que o mercado é algo que não possui uma alternativa, ainda mais porque tem consigo a publicidade e a propaganda que, cada vez mais, aguçam as pessoas a consumirem e a se coisificarem.

Por fim, conforme a antropóloga Paula Sibilia, o próprio Guy Debord e sua obra estão sendo “vítimas” da sociedade espetacularizada.

Ele mesmo, o autor Guy Debord, é vítima da espetacularização, seja do uso da sua obra pelo mercado e com isso gerar lucro, seja como para colocar na vitrine seu pensamento enquanto polêmico e, enquanto tal, potencializador de espetáculo. Uma ironia da sociedade espetacular, sem dúvida, pois o seu mais sagaz e iracundo detrator também virou um personagem convertido à venda, uma imagem cheia de brilho destinada a saciar a sede de algum tipo de subjetividade alternativa. Como ele próprio vaticinava, lucidamente,

¹⁴⁰ CARDOSO, Viviane Garbelini; FARIAS, Victor Varcelly Medeiros. A ideologia materializada. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018. p. 247.

¹⁴¹ CASTRO, 2018a, p. 1630-1631.

cinquenta anos atrás: até mesmo a insatisfação hoje se converte em mercadoria.¹⁴²

Com isso, qualquer coisa pode acabar sendo apropriada pela sociedade espetacularizada de forma a ser tornar um produto ou mercadoria de consumo e para a visibilidade, como o próprio Debord, com a reedição da sua obra e a “[...] sutil fabricação do personagem Guy Debord como mercadoria espetacularizada.¹⁴³ Afinal, utilizar determinados autores ou autoras em trabalhos acadêmicos pode dar mais ou menos visibilidade ao trabalho.

Assim, considerando que se está falando sobre uma imagem projetada pela pessoa sobre como ela parece ou como ela pretende aparecer para as outras, pode-se pensar na proposição de Vanderlei de Castro Ezequiel¹⁴⁴, sobre a possibilidade de apropriação dos instrumentos do espetáculo, no caso em estudo as redes sociais digitais, como ferramentas criativas de sua própria superação e desalienação.

2.2 SOCIEDADE DIGITAL EM REDES

A sociedade digital é configurada a partir de uma cultura digital¹⁴⁵, ou cibercultura¹⁴⁶, a partir de percepções de mundo que emergem a partir da ascensão digital. De acordo com Charles Gere, ao se referir ao “digital”, significa “[...] chamar, metonimicamente toda a panóplia de simulacro virtual, de comunicação instantânea, de mídia onipresente e de conectividade global que constitui grande parte de nossa experiência contemporânea.”¹⁴⁷ Tal sociedade desenvolve as suas práticas e modos de viver dentro de um espaço digital, o ciberespaço.¹⁴⁸ Hábitos e linguagens são

¹⁴² SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. p. 406.

¹⁴³ SIBILIA, 2016, p. 406.

¹⁴⁴ EZEQUIEL, 2018, p. 168.

¹⁴⁵ Por cultura digital compreende-se como sendo a teia de significados construída pelas pessoas, como ciência interpretativa à procura de significado do que ocorre na esfera digital.

¹⁴⁶ Por cibercultura compreende-se “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 17).

¹⁴⁷ “[...] *to call up, metonymically, the whole panoply of virtual simulacra, instantaneous communication, ubiquitous media and global connectivity that constitutes much of our contemporary experience.* GERE, C. **Digital culture**. 2 ed. London: Reaktion Books, 2008. p. 15. (Tradução nossa).

¹⁴⁸ Por ciberespaço compreende-se o ambiente da internet. Pierre Lévy chama de ciberespaço ou rede o novo meio de comunicação oriundo da interconexão mundial dos computadores. “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. (LÉVY, 1999, p. 17).

criados a partir dos artefatos digitais, ressignificando comportamentos. Isso se dá a partir de uma web modificada a partir da segunda década do século XXI, que convida e requer que as pessoas sejam mais ativas ou, conforme Couldry e Hepp, um “[...] *input* atido de indivíduos, indivíduos que são dataficados.”¹⁴⁹ As plataformas digitais, especificamente as redes sociais digitais, levam para que o *self* esteja disponível para a interação e se sinta até mesmo pressionado de representar a si mesmo: “parece que tudo o que não seja uma *performance de si mesmo* no espaço conectado e arquivado da web acaba virando um fracasso do *self*.”¹⁵⁰

2.2.1 Sociedade da busca pelo reconhecimento

A sociedade da busca pelo reconhecimento é aquela na qual não há espaço para a dor, segundo Byung-Chul Han. A dor vem sendo negada e negatizada na contemporaneidade.¹⁵¹ Em nome de uma positividade, o sofrimento é negado, a dor é ocultada ou eliminada porque é vista como sinal de fraqueza.¹⁵² A dor não é compatível com o desempenho. A vida deve ser “instagramável”¹⁵³, ou seja, livre de quaisquer conflitos que possam provocar a dor. “Falta, à cultura da curtição, a possibilidade da catarse. Assim, sufocamo-la com os resíduos da positividade, que se acumulam sob a superfície da cultura da curtição.”¹⁵⁴

A partir disso, é possível inferir que o reconhecimento nas redes sociais parece passar longe da dor, no sentido de que a imagem que as pessoas buscam, sejam evidenciando de si, ou de outras pessoas, reflitam felicidade, bem-estar ou prosperidade. Hjarvard menciona que “constituem os meios de comunicação um espaço no qual o indivíduo pode atuar, comunicar-se, produzir e, por conseguinte, obter reconhecimento.”¹⁵⁵ Couldry e Hepp destacam o social mediado, no caso, o

¹⁴⁹ COULDRY; HEPP, 2020, p. 189.

¹⁵⁰ COULDRY; HEPP, 2020, p. 189.

¹⁵¹ HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021a.

¹⁵² HAN, 2021a, p. 13.

¹⁵³ Neologismo criado por Byung-Chul Han para dizer que no Instagram a dor não tem vez.

¹⁵⁴ HAN, 2021a, p. 13.

¹⁵⁵ HJARVARD, 2014, p. 235.

mundo social¹⁵⁶ que necessita ser repensado.¹⁵⁷ Os autores repassam pensadores da sociologia, como Émile Durkheim, para compreender como a sociedade foi se transformando, ou melhor, como foi sendo construída e compreendida. Destacam a tecnologia e as mídias na era digital, entendendo o termo “mídias” para além dos canais específicos de conteúdo, mas como plataformas literalmente como espaços nos quais, através da comunicação, promulgam o social.¹⁵⁸ Assim, ao repensar o “social”, sugerem que há que se repensar as implicações das mídias para o social.¹⁵⁹

A sociedade espetacularizada preconizada por Guy Debord¹⁶⁰ também se insere nesse novo espaço, de mediação virtual. Trata-se da virtualização que afeta, segundo Pierre Lévy, os campos de informação e comunicação, as atividades econômicas, as modalidades de estar juntos, a constituição de um “nós” coletivo na forma de comunidades virtuais.¹⁶¹ Na reflexão de Lévy, compreende-se que o virtual não é oposto ao real. O que ocorre no virtual também é real, porém em outro locus. Na sociedade do espetáculo, o que se observa é que há uma glamourização maior da vida, uma exibição que privilegia o que se considera belo, prosperidade, coisas que no face a face, no não virtual, nem sempre pode ser “escondido”. Por isso, o virtual não deve ser comparado ao real porque ele é, na verdade, diferente do atual¹⁶², e, acrescenta-se, diferente do cotidiano contextual. Importante considerar Couldry e Hepp quando destacam a necessidade de se refletir sobre o modo como as mídias e as comunicações, incorporadas na vida cotidiana, constroem o mundo social e a realidade, ao que denominam “construção *mediada* da realidade”.¹⁶³ Nesse sentido, a

¹⁵⁶ Mundo social compreendido como “[...] a esfera intersubjetiva das relações sociais que nós, seres humanos, experienciamos. Essas relações estão enraizadas na realidade cotidiana, uma realidade hoje em dia entrelaçada às mídias em algum grau. [...] O mundo social não é simplesmente algo dado. Nós o produzimos, como seres humanos; ele é, nesse sentido, socialmente construído.” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 35-36).

¹⁵⁷ COULDRY; HEPP, 2020, p. 11.

¹⁵⁸ COULDRY; HEPP, 2020, p. 12-13.

¹⁵⁹ Nessa linha, cabe lembrar o teólogo Gottfried Brakemeier quando reflete acerca do ser humano e a necessidade da sua “recriação” diante do que chama de falência do humanismo. Sua menção se dá porque a educação e a cultura já não conseguem “domesticar” a “fera imersa no ser humano.” (BRAKEMEIER, 2002, p. 11). Aponta as possibilidades da engenharia genética e as suas descobertas acerca da manipulação da reprodução humana para tal “reinvenção”. (BRAKEMEIER, 2002, p. 11). Ora, tal reinvenção genética pode ser mais um delírio futurista do que uma realidade de fato. Porém, a reinvenção humana, e a busca pelo humanismo “falido”, poderia ser possível a partir das próprias mídias sociais que, na sua maioria, tendem para a sociedade do espetáculo, mas que possibilitam a visibilização da diversidade, tese defendida nesta pesquisa.

¹⁶⁰ DEBORD, 2003.

¹⁶¹ LÉVY, Pierre. **Becoming virtual**: reality in the Digital Age. New York: Plenum Trade, 1998. p. 15.

¹⁶² LÉVY, 1998, p. 23.

¹⁶³ COULDRY, HEPP, 2020, p. 19. (grifo do autor).

realidade humana pode ser conhecida, também, pela midiaticização, assim como através do espírito humano, conforme Morin, além de “[...] traduzida/reconstruída não só pelas e nas nossas percepções, como também pela e na nossa linguagem, pelas e nas nossas teorias ou filosofias, pelas e nas nossas culturas.”¹⁶⁴

Hjarvard define midiaticização como o processo pelo qual a cultura e a sociedade tornam-se dependentes da mídia.¹⁶⁵ O autor se dedica ao estudo acerca da influência da mídia sobre a cultura e a sociedade em geral, uma vez que ambas estão permeadas pela mídia. Trata-se de importante reflexão porque os meios de comunicação, instrumentos tecnológicos da midiaticização, adquirem poder para definir a realidade e os padrões sociais.¹⁶⁶ Assim, pode-se especular que, na medida em que os meios de comunicação se transformam, também as relações sociais e culturais acabam se transformando. Couldry e Hepp chegam ao ponto de defenderem que a midiaticização é a síntese para todas as transformações de processos comunicativos e sociais.¹⁶⁷ Ou, mais além, mencionam que “a socialização, em seus aspectos fundamentais, tornou-se midiaticizada.”¹⁶⁸

As distinções entre realidade e representações midiáticas da realidade, segundo Hjarvard, ficaram complexas de entendimento, assim como diferir entre fato e ficção. Ao mesmo tempo em que expande as oportunidades de interação nos espaços virtuais, a midiaticização sugere “[...] uma *diferenciação* do que as pessoas percebem como real.”¹⁶⁹ Permanece a pergunta: em que medida as pessoas conseguem diferenciar realidade e representação midiática, ou como percebem o que de fato é real?

Os produtos midiáticos são consumidos pelas pessoas a partir do espetáculo, como bem preconizou Debord¹⁷⁰, promovido pela midiaticização. O reconhecimento é, portanto, buscado a partir dos produtos que consomem e, evidentemente, evidenciam para as pessoas para o reconhecimento.

¹⁶⁴ MORIN, 2020, p. 23. Morin destaca, ainda, que a realidade, entretecida de irrealidade (além de absoluta e ilusória), é hipercomplexa uma vez que comporta pluralidade e heterogeneidade, incertezas, o desconhecido e o mistério. No entanto, a verdadeira realidade humana, segundo o autor, são “[...] sofrer, gozar, nascer, viver e morrer [...]” (MORIN, 2020, p. 31).

¹⁶⁵ HJARVARD, 2014, p. 241.

¹⁶⁶ HJARVARD, 2014, p. 14-15.

¹⁶⁷ COULDRY; HEPP, 2020, p. 14.

¹⁶⁸ COULDRY; HEPP, 2020, p. 196.

¹⁶⁹ HJARVARD, 2014, p. 33. (grifo do autor).

¹⁷⁰ DEBORD, 2003.

A sociedade em redes também pode promover o reconhecimento das pessoas que não estão dentro do padrão de felicidade, através canais de YouTube como o de “Vanny e Netto Oficial”. Nele, Silvânia, mãe de um menino com acondroplasia¹⁷¹, ou nanismo, discorre sobre a maternidade atípica¹⁷² que ela define, a partir da sua experiência, como diferente daquela que é romantizada.¹⁷³ Menciona que sofre preconceito, mas passa a ideia de resiliência¹⁷⁴, uma vez que seu filho “[...] apenas é pequeno.”¹⁷⁵ Assim, na sociedade do espetáculo, há espaço para desconstrução, expondo a vida tal qual o seu contexto cotidiano. No entanto, há que se alertar para a possibilidade de a “pessoa diferente” ser vista como exótica e ter a sua imagem explorada às avessas. Acaba sendo também fonte de espetáculo para ridicularização, a partir do momento em que “O estranho cede lugar ao exótico. O *tourist* viaja para visita-lo.”¹⁷⁶

Por isso, enfatiza-se a importância da narrativa das experiências como forma de exposição da realidade no meio virtual das redes sociais digitais. Silvânia traz grande carga emotiva e que, ao contrário do que menciona Byung-Chul Han, acaba gerando emotividade.¹⁷⁷ A dor age como impulso para empatia, uma a dor que expressa verdade da vida uma vez que não é anestesiada pela sociedade do espetáculo. Hjarvard menciona que “os argumentos racionais precisam de uma performance emotiva para provar a autenticidade do reconhecimento público.”¹⁷⁸ E o

¹⁷¹ A acondroplasia é, segundo Oliveira Neto, a forma mais comum de displasia óssea, ou seja, o desenvolvimento celular fora do normal que leva à má-formação óssea, ligada ao nanismo desproporcional em humanos”. OLIVEIRA NETO, Eclésio Batista. O papel da sinalização do fgfr3 na acondroplasia: revisão sistemática. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 30-30, 2021.

¹⁷² Do ponto de vista médico e acadêmico, a “maternidade atípica” é carregada de controvérsias, segundo Carvalho e Finamori. “[...] refere-se à particularidade da experiência de parentalidade em relação a pessoas neuroatípicas, como as diagnosticadas com autismo. O termo “atípico” ou “neuroatípico” advém do debate sobre neurodiversidade, que, em linhas gerais, defende que a diversidade neurológica não deveria ser abordada como doença ou transtorno, mas como uma diferença mais estritamente.” CARVALHO, Bianca Retes; FINAMORI, Sabrina Deise. As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 173-199, 2022. p 181.

¹⁷³ VANNY e Netto Oficial. **Descrição**. YouTube, 16 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/@vannynettooficial2150/about>. Acesso em: 30 jan. 2023.

¹⁷⁴ De acordo com Walsh, “Resiliência pode ser definida como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio.” WALSH, Froma. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo/SP: Roca, 2005. p. 4.

¹⁷⁵ VANNY e Netto Oficial. **Como descobri a condição de Netto**. YouTube, 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y5SSt2yvUCM>. Acesso em: 30 jan. 2023. 23’.

¹⁷⁶ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017b. p. 11.

¹⁷⁷ HAN, 2021a.

¹⁷⁸ HJARVARD, 2014, p. 238.

reconhecimento pode ser observado nos comentários do vídeo, com “você é um ser de luz”, “sou apaixonada nos [sic] vídeos de vocês”, e assim por diante, conforme a Figura 3.¹⁷⁹

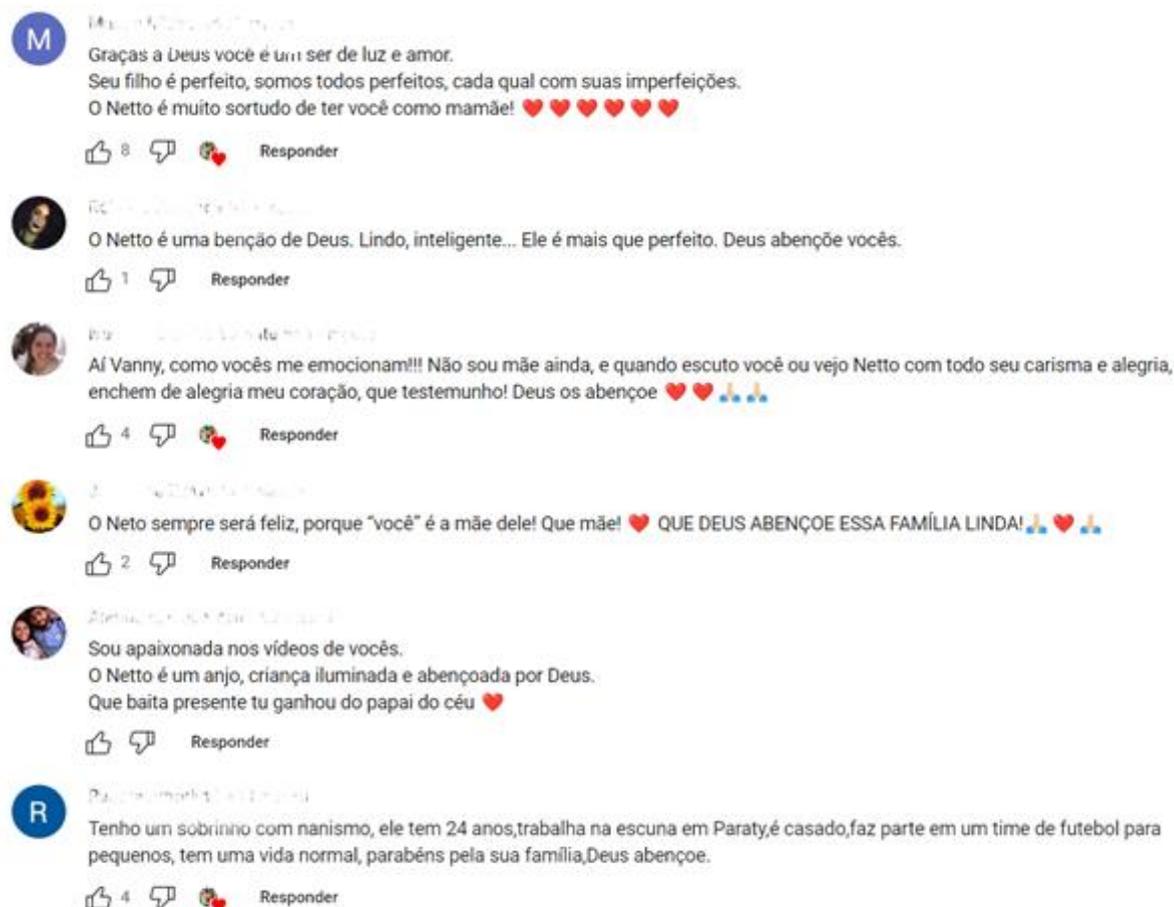


Figura 3: Reconhecimento público

Fonte: Print de tela, VANNY e Netto Oficial, 22 fev. 2022.

#pratodosverem: print de tela do canal de YouTube VANNY e Netto Oficial com os comentários ao vídeo de Silvânia. Os comentários estão colocados um abaixo do outro e apresentam uma imagem da pessoa comentadora, que é, por vezes, a inicial do nome, a fotografia da pessoa, ou uma imagem aleatória, como girassóis.

Assim, no meio virtual, Silvânia expõe o seu contexto real e do seu filho, ela expõe a sua diferença, ou melhor, a sua diversidade. Para ela, aparece como uma solução, seja de desabafo, seja para visibilizar seu filho, ou ainda para naturalizar o nanismo quando afirma que ele apenas é pequeno. Assim como as redes sociais são usadas para a glamourização da vida, que domestica os olhos e desperta libidos, Silvânia as utiliza para a sua causa, não para glamourização, mas para exercer o seu direito de fazer parte da sociedade, tanto no meio virtual como no não virtual.

¹⁷⁹ Os nomes das pessoas serão ocultados a fim de preservar a imagem e os direitos autorais.

2.2.2 Virtual e real

Lévy afirma que o virtual se mostra complexo, que está em volta de atualização constante para problemas. Essa atualização aparece como a solução para um problema. É a criação, invenção e produção de novas qualidades.¹⁸⁰ O virtual é, portanto, uma realidade nova, criada e desterritorializada.¹⁸¹ Porém, o virtual enquanto atual implica na reflexão entre o possível e o real, levando-se a questionar a veracidade do virtual.

Castells também defende que não existe diferença entre real e virtual. Segundo o autor,

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou de colagem de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço dos lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O *espaço de fluxos* e o *tempo intemporal* são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade.¹⁸²

Toda essa relação entre virtual, real, atual, cotidiano e contextual, se dá devido à transformação estrutural ocasionada pela emergência de um novo paradigma tecnológico que “suplementa” a vida cotidiana do face a face com o que se faz tecnologicamente para mediar a vida¹⁸³, baseado nas tecnologias de comunicação e informação.

Segundo Manuel Castells, a tecnologia é determinada pela sociedade: “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias.”¹⁸⁴ Castells defende que o sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos

¹⁸⁰ LÉVY, 1998, p. 24-25.

¹⁸¹ LÉVY, 1999, p. 47.

¹⁸² CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação.** Economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 462.

¹⁸³ COULDRY; HEPP, 2020, p. 34.

¹⁸⁴ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede: Do conhecimento à ação política.** Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005. p. 17.

modos de comunicação, possui capacidade de inclusão de todas as expressões culturais.¹⁸⁵

John Thompson afirma que, para compreendermos o mundo contemporâneo, é necessário estar atento ao desenvolvimento das mídias e seu impacto, uma vez que elas ocupam um papel crucial na organização social do poder simbólico, impactando na reorganização do espaço e do tempo.¹⁸⁶ E, acrescenta-se, na construção de verdades. Os deslocamentos no ciberespaço se dão instantaneamente de modo que imagens são construídas simultaneamente, podendo ser expressões da realidade, como forma de manipulação.

Ao estar conectado a esse espaço, de posse das mídias digitais, com alcance das massas digitais, se está com o poder de influenciar as relações sociais. Ocorre uma produção de cultura de mídia. Douglas Kellner destaca que

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade.¹⁸⁷

Essa cultura de mídia modela a visão prevalecente de mundo, pondera Douglas Kellner, inclusive os valores mais profundos. Ela estabelece o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. Assim, constrói-se uma cultura em comum para a maioria das pessoas em qualquer parte do mundo.¹⁸⁸ Portanto, imagens são construídas, moldando identidades, de forma a descartar aquelas que não se enquadrarem no padrão estabelecido.

Porém, visibilizar as imagens reais e contextuais é a via de afirmação da diversidade, em contraposição àquelas que podem ser forjadas no meio virtual. Assim como Silvânia e o seu canal Vanny e Netto Oficial, é também o caso do Canal Careca TV. Uma semana depois do seu vídeo inicial, Lorena fez nova transmissão anunciando que estava chegando a um milhão de pessoas seguidoras. Também exibiu os vários presentes recebidos, desde roupas, computador, brinquedos e

¹⁸⁵ CASTELLS, 2002, p. 461.

¹⁸⁶ THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 12.

¹⁸⁷ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001. p. 9.

¹⁸⁸ KELLNER, 2001, p. 9.

material para compor um cenário para as suas transmissões.¹⁸⁹ Em vídeo de apenas quatorze segundos, também uma semana após o primeiro, teve mais de dois milhões e trezentas mil visualizações, conforme a Figura 4.



Vídeo rapidex!!! Lorena no Legendários ♥ - CARECA TV -



Figura 4: Vídeo “rapidex”!!! Lorena no Legendários

Fonte: Print de tela, CARECATV, 2 abr. 2016

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV. Mostra o rosto de Lorena que está deitada sobre um travesseiro. A imagem está no sentido horizontal caracterizando ainda mais a sua posição de deitada. Lorena está com poucos fios de cabelo e é possível identificar que usa uma camiseta cinza.

Neste vídeo¹⁹⁰, Lorena anuncia sua participação em programa nacional de televisão, resultado do impacto do seu vídeo inicial que teve mais de quatro milhões e oitocentos mil visualizações. Na contramão da sociedade da glamourização da vida, de produções sofisticadas, Lorena conseguiu ser visibilizada e já ter um canal de sucesso, conforme sua fala no vídeo inicial. Na medida em que crescia o número das pessoas seguidoras, também cresceu o cuidado com os vídeos, com vinhetas de abertura e encerramento, além da escolha de uma imagem, conforme sugere o

¹⁸⁹ CARECATV. **Sem vocês isso não era possível.** YouTube, 1 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkegtZ-zwYw>. Acesso em 24 jan. 2023.

¹⁹⁰ CARECATV. **Vídeo rapidex!!!** Lorena no Legendários. YouTube, 2 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9T48nhqRmKg>. Acesso em 24 jan. 2023.

YouTube, que mostre o que há no vídeo. A miniatura destaca e chama a atenção das pessoas, conforme a Figura 5.

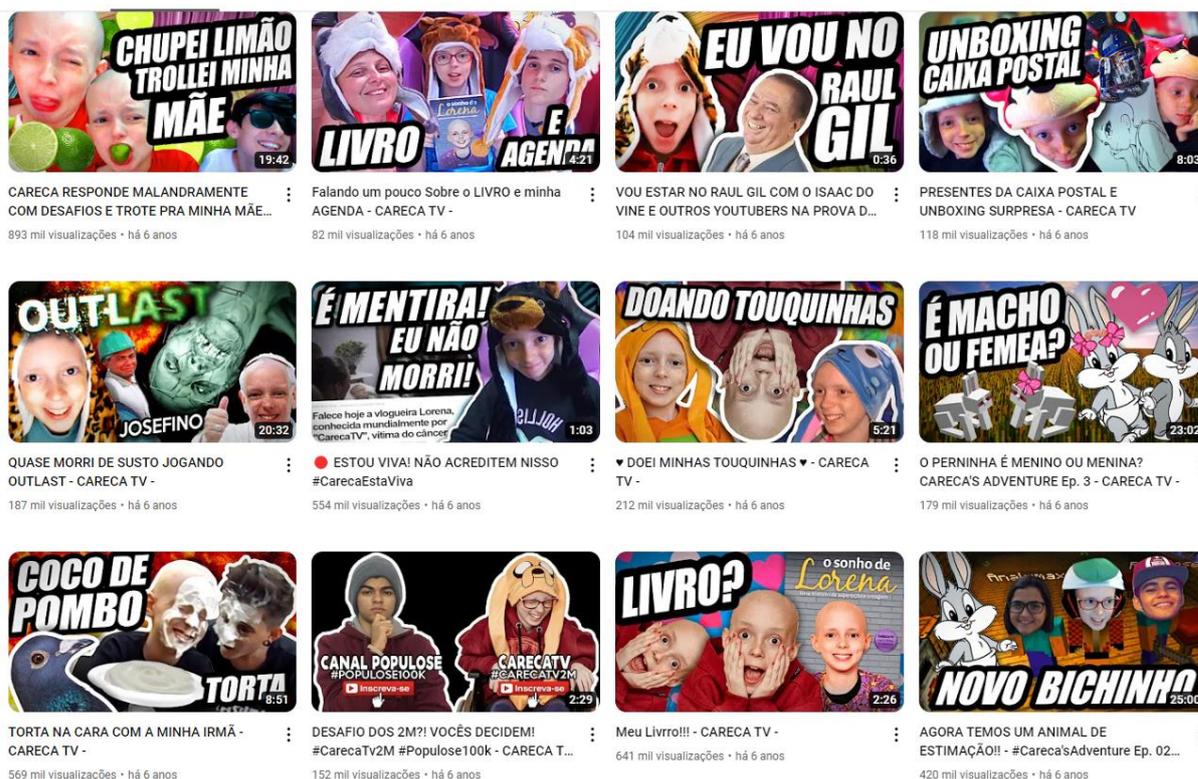


Figura 5: Miniaturas de imagens dos vídeos em 2016

Fonte: Print de Tela, CARECATV, 24 jan. 2023.

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV com as miniaturas dos vídeos iniciais do seu canal. São doze miniaturas distribuídas e três linhas de quatro vídeos. As miniaturas são as capas dos vídeos, produzidas artisticamente coloridas, apresentam um título chamativo. Lorena aparece ora sozinha, ora com pessoas convidadas, sempre com expressões faciais que caracterizam o conteúdo de cada vídeo.

A Figura 5 mostra que Lorena, em geral, faz vídeos sobre jogos e desafios, sozinha ou com pessoas convidadas. Mostra, também, o seu cotidiano de quimioterapia, terapias ocupacionais, fisioterapia, natação etc. São vídeos que evidenciam a sua recuperação progressiva e todos com milhares de visualização.

Lorena e o seu canal vão, portanto, na contramão da sociedade do glamourizada, onde o sofrimento não é enaltecido, onde a dor também não tem vez, para lembrar Byung-Chul Han.¹⁹¹ Porém, causa emoção. Há que se considerar a hipótese sobre o consumo de histórias que afetam as pessoas emocionalmente. A própria indústria do marketing faz uso da propaganda emocional, uma vez que as

¹⁹¹ HAN, 2021^a.

emoções têm adquirido grande visibilidade, aponta Luciana Pletsch Galhardi, que conclui:

A prática da publicidade emocional no cotidiano utilizada pelas empresas como forma de divulgar uma organização parece ser o primeiro passo para despertar a atenção dos públicos. Mais do que simplesmente associar sensações positivas para a marca, este tipo de publicidade procura fazer com que a marca seja adorada.¹⁹²

No entanto, na publicidade emocional há toda uma estratégia previamente elaborada, uma vez que “[...] construir e estruturar uma boa narrativa e definir em quais meios implementá-la é a chave para o sucesso de uma boa estratégia de storytelling, seja dentro do campo do marketing ou do branding.”¹⁹³ Utilizar as emoções têm o objetivo de despertar sensações positivas sobre as empresas e as marcas.¹⁹⁴ Desta forma, “[...] as emoções são concebidas como um capital da empresa, assumindo a missão de vincular afetivamente consumidores e trabalhadores à alma da corporação.”¹⁹⁵

No entanto, na pesquisa em questão, Lorena não faz publicidade emocional. A emoção acaba sendo consequência pela sua condição de saúde, de recém-curada do câncer, mas com sequelas, e tem o apelo de ser ela uma menina entrando na adolescência.

2.3 ADOLESCÊNCIA NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A adolescência é uma fase de transformações do corpo e de descobertas do prazer.¹⁹⁶ Porém, a tecnologia digital é um novo elemento nesta fase, influenciando no desenvolvimento do corpo com o sedentarismo (peso e postura, por exemplo), e

¹⁹² GALHARDI, Luciana Pletsch. Publicidade emocional: a prática no cotidiano como forma de divulgar a marca construindo imaginários. **Sessões do Imaginário**, v. 19, n. 31, p. 64-73, 2014. p. 73.

¹⁹³ SANTOS, Leonardo Schwertner dos. **Storytelling**: o poder da narrativa estratégica dentro do branding e marketing. 2016. Univates, MBA Branding & Business, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 01 jul. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1629>. Acesso em 24 jan. 2023.

¹⁹⁴ GALHARDI, 2014, p. 68.

¹⁹⁵ COVALESKI, Rogério Luiz; MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. Vem ser feliz: estratégias de controle e manipulação discursiva das emoções nos domínios publicitário e corporativo. **Comunicacao, Midia e Consumo**, v. 17, n. 50, p. 489, 2020. p. 489.

¹⁹⁶ MARTINS, Christine Baccarat De Godoy; SOUZA, Solange Pires Salomé De. Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. **Avances en Enfermería**, v. 31, n. 1, p. 170-176, 2013.

nas descobertas do prazer, seja através de jogos ou de relacionamentos virtuais.¹⁹⁷ Pode-se dizer que se está diante de um ser humano pós-orgânico¹⁹⁸ no sentido de que os artefatos da cultura digital acabam integrando os corpos das pessoas – ainda é possível encontrar adolescentes sem um smartphone?

Ao destacar o canal de Lorena, se o fez de maneira proposital uma vez que a geração adolescente da contemporaneidade é consumidora dos artefatos culturais midiáticos. Por isso, é importante compreender a adolescência neste contexto.¹⁹⁹

2.3.1 Apontamentos sobre a adolescência

A adolescência é compreendida como uma construção social da Revolução Industrial e que adquire notoriedade a partir do fim do século XIX, “[...] na esteira do movimento de proteção à maternidade e à infância iniciados no século anterior.”²⁰⁰ Porém, está em permanente evolução e faz parte das categorias sociais²⁰¹ como classe, religião, etnia, gênero e está à mercê das investidas da sociedade do espetáculo como qualquer pessoa de qualquer faixa etária.

¹⁹⁷ Contini destaca as relações entre a sexualidade, o prazer e a tecnologia. Faz um levantamento dos artefatos digitais e as possibilidades que os mesmos oferecem na produção mercadológica do prazer, ou seja, transformando o prazer em mercadoria. (CONTINI, Guilherme Cardoso. **Erótica LAB: Reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia**. 2021. Dissertação (Mestrado). Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021.) Conclui-se disto que o prazer proporcionado não se dá mais somente nas relações diretas com as outras pessoas, mas está cada vez mais solitário, tendo podcast e redes sociais adultas como propulsoras do prazer.

¹⁹⁸ Paula Sibília discorre acerca da hibridização orgânico-tecnológica para se referir aos corpos “digitalizados”, que são tornados compatíveis com as tecnologias da contemporaneidade: “[...] os organismos contemporâneos transformaram-se em corpos sempre conectados e *on-line*. Corpos sintonizados e construídos na visibilidade das telas, corpos sempre ávidos e ansiosos, estimulados e endividados em vários sentidos ou direções. E, também, por assim serem e viverem, corpos renovadamente úteis. Acoplados à tecnologia digital, impulsionados e aparelhados por um instrumental sempre atualizado de dispositivos de controle, convertem-se suavemente em organismos cuja essência é considerada imaterial ou *virtual*.” SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. São Paulo: Contraponto, 2015. p. 240.

¹⁹⁹ Importante reiterar o lugar de fala do pesquisador, pai de um adolescente consumidor dos artefatos culturais midiáticos.

²⁰⁰ OLIVEIRA, Maria Amélia de C.; EGRY, Emiko Y. A adolescência como um constructo social. **Journal of Human Growth and Development**, v. 7, n. 2, p. 20-27, 1997. p. 20.

²⁰¹ Por categoria social toma-se a formulação de Fabiola Fiori, [...] como quadro imaterial e socialmente determinado a partir do qual se interpreta a realidade.” ZIONI, Fabiola. Exclusão social: noção ou conceito?. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 15-29, 2006. p. 23.

A adolescência é um período de transição para a vida adulta. Porém, o fim da infância e o início da adolescência não se dão da mesma forma para todas as pessoas. Dolto destaca que

Há quem prolongue a infância até quinze anos e situe a adolescência entre quatorze e dezoito anos, como uma simples transição para a idade adulta. Os que a definem em termos de CRESCIMENTO, como um período de desenvolvimento muscular e nervoso, chegam a ser tentados a prolongá-la até os vinte anos.²⁰²

Collins, por sua vez, entende que se trata de um período de conflito e crescimento com uma série de mudanças, como físicas, sexuais, emocionais, intelectuais e sociais. Também como momento em que a pessoa adolescente se afasta da proteção da família e segue para uma relativa independência. Além disso, o autor enfatiza que “O mundo do adolescente é geralmente confuso e muda tão depressa que os jovens imaturos nem sempre conseguem se ajustar direito.”²⁰³

Calligaris²⁰⁴ destaca a crise vivida pelo e pela adolescente, por pensar que já está totalmente integrado a sua cultura. A pessoa adolescente toma ciência de que os seus maiores desafios são ser percebidos pelas outras pessoas, bem como serem desejáveis, amar e viver a vida, além do sucesso social e profissional.²⁰⁵ Porém, são pessoas que se sentem podadas pelas regras pré-estabelecidas, pelos pais e pela escola, além de serem influenciadas pela mídia. Sente-se pessoa pronta para a competição, mas não reconhecida como adulta. Tais desafios ocorrem simultaneamente num período em que “[...] se refere ao desenvolvimento da identidade do eu, à autonomia pessoal e aos aportes próprios com respeito à individuação assim como à enculturação”.²⁰⁶ Além de todas essas transformações, adolescentes estão inseridos e inseridas no contexto da glamourização da vida, vivendo a sociedade espetacularizada, ou seja, sendo passíveis e à mercê das mídias, estes “dispositivos hegemônicos de valores”²⁰⁷, que manipulam a viver conforme as mercadorias da moda.

²⁰² DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 16.

²⁰³ COLLINS, Garry. R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 195.

²⁰⁴ CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

²⁰⁵ Desafio esse que pode continuar também na vida adulta, mas que tem sua primazia na adolescência.

²⁰⁶ DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 53.

²⁰⁷ OLIVEIRA, Adriano Machado; MACHADO, Márcia. A adolescência e a espetacularização da vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 529-536, 2015. p. 532.

Reitera-se, a partir de Gomes, que a sociedade do espetáculo é uma nova forma de interação entre as pessoas.²⁰⁸ Por ser muito relacionada à comunicação de massa e às mídias sociais, acaba, portanto, influenciando sobremaneira às pessoas adolescentes. Está relacionada com a indústria cultural, que é “[...] o conjunto dos diversos meios de produção e difusão de material simbólico na sociedade, articulados por grandes conglomerados empresariais, que ocupam o seu centro.”²⁰⁹ Nesta indústria, a cultura em si é prejudicada. Isso porque, segundo Cohn,

[...] na sua imbricação com a indústria, com as formas capitalistas de constituição de empresas de produção e difusão de material simbólico, ela perde a autonomia, a capacidade de por si mesma definir o modo específico da sua intervenção no mundo.²¹⁰

Na verdade, o que interessa é a geração de capital por meio de artefatos culturais, levando ao que se pode chamar de uma cultura induzida às pessoas através de narrativas dramáticas e dramatúrgicas.

2.3.2 Cultura adolescente

Stig Hjarvard traça um panorama da infância e da adolescência a partir da análise dos brinquedos e das brincadeiras. Entende que ambas foram transformadas pela proliferação dos meios de comunicação. Assim, o ato de brincar foi midiaticado.²¹¹ Defende que esta midiaticação mudou o conceito de infância e adolescência. Lembra que, no passado, as pesquisas privilegiavam o conceito de criança como um “vir a ser”, alguém em desenvolvimento, considerando as etapas da formação, ao passo que, na contemporaneidade, a criança é considerada como um “ser”, ativo e autoconfiante, já dotada de caráter social e cultural, e que interage com o seu ambiente de formas diversas, sem a necessidade de ser guiada por um caminho completo de desenvolvimento rumo à idade adulta.²¹²

Adriano Machado Oliveira e Márcia Machado indagam: “[...] se nos encontramos diante de uma adolescência organizada em torno do espetáculo, majoritariamente, poder-se-ia falar ainda em uma cultura adolescente propriamente

²⁰⁸ GOMES, 2014, p. 323.

²⁰⁹ COHN, Gabriel. Indústria cultural como conceito multidimensional. *In*: BACCEGA, Maria Aparecida (Orga.). **Comunicação e culturas de consumo**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 66.

²¹⁰ COHN, 2008, p. 67.

²¹¹ HJARVARD, 2014, p. 168.

²¹² HJARVARD, 2014, p. 170.

dita?”²¹³ A partir de Paula Sibilia, que discorre sobre a sociedade do espetáculo a partir de Debord, pode-se levantar a preocupação acerca de uma cultura adolescente, considerando as relações que se mercantilizam ao ser mediadas por imagens, levando a uma “ascensão de um tipo de subjetividade cada vez mais espetacularizada, o triunfo de um modo de vida baseado nas aparências e a transformação de tudo em mercadorias.”²¹⁴ A própria autora, no entanto, pergunta:

Mas o que são exatamente as subjetividades? Como e por que alguém se torna o que é, aqui e agora? O que nos constitui como sujeitos históricos, indivíduos singulares, embora também inevitáveis representantes de nossa época, partilhando um universo e certos traços importantes com nossos contemporâneos? Se as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remete ao ser humano como uma entidade não - histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais. A experiência de cada um se vê fortemente influenciada pela interação com os outros e com o mundo [...].²¹⁵

A cultura adolescente, na contemporaneidade, pode ser compreendida, portanto, a partir dos comportamentos e das expectativas que constituem as suas relações. Couldry e Hepp discorrem sobre o modo como as pessoas mutuamente se ajustam às expectativas que têm umas com as outras, chamando de tipificação recíproca de ações habituais.²¹⁶ Cada contexto, ou melhor, cada instituição (corporações, tribunais, escolas, governos, família) possui a sua particularidade e a sua reprodução a fim de manter uma estrutura. Mas com a mediação,

[...] novas e importantes infraestruturas para a interação e socialização humanas tornaram-se disponíveis [...], o que significa que (quer reconheçamos isso ou não) a construção da realidade cotidiana tornou-se *ela própria* sujeita a novos e importantes distúrbios e conflitos.²¹⁷

Assim, com a tipificação recíproca de ações habituais, ou seja, se as pessoas buscam se ajustar às expectativas alheias na sociedade do espetáculo, também é possível que a diversidade humana, espelhada no micro universo dos canais do YouTube destacados na pesquisa, pode, enquanto nova infraestrutura para interação e socialização, evidenciar uma realidade cotidiana. Isto pode ser possível ao se

²¹³ OLIVEIRA; MACHADO, 2015, p. 532.

²¹⁴ SIBILIA, 2016, p. 404.

²¹⁵ SIBILIA, 2016, p. 25-26.

²¹⁶ COULDRY; HEPP, 2020, p. 38.

²¹⁷ COULDRY; HEPP, 2020, p. 38. (grifo do autor).

contestar e divergir de pontos de vista, interpretação e usos, no centro dos vínculos sociais, de forma a colocar na berlinda o “construcionismo social padrão”.²¹⁸

Com a midiaticização das relações, adentra-se em um espaço de relações sociais específico, um campo²¹⁹ social e um espaço abstrato²²⁰, que compreende não somente as manifestações, mas que também é estruturado por posições sociais. As pessoas que ocupam um espaço social, e na adolescência não é diferente, se relacionam e, por isso, se afetam e se transformam, levando a novas relações.²²¹ Possui, enquanto campo social, relativa autonomia que se objetiva na definição de suas regras:

Autonomia normativa, portanto. Diz respeito aos processos sociais de definição de comportamento legítimo nas relações entre os agentes de campo. Um campo com maior autonomia requer instâncias próprias e legítimas de produção normativa. Definidoras de regras legítimas. Do bem e do mal. Do justo e do injusto. Do dizível e do indizível. Do bom e do mau gosto. Da prática que deve ser aplaudida e daquela que não pode ser aceita em hipótese alguma, sob pena de exclusão. Definem os consumos e usos sociais legítimos da cultura consumida, como instrumento de dominação simbólica, incompatível com as veleidades de uma estética da imanência, por vezes travestida de cientificidade, [...]. Essa autonomia de produção de normas pressupõe outra, a da definição de punições. De consequências entristecedoras para as transgressões. Desde uma simples galhofa ridicularizante ao rebaixamento ou exclusão do campo.²²²

A adolescência é um campo social, um espaço abstrato próprio. As relações na adolescência integram a sociedade do espetáculo, a glamourizada, como um todo, mas com as suas particularidades. Oliveira e Machado ponderam que a adolescência, na contemporaneidade, além do período de transição da vida infantil para a adulta, dos lutos e perdas típicos desta fase²²³, é caracterizada pela solidão afetiva. Tal solidão é compensada por pessoas cuidadoras pagas, ou pela tecnologia dos

²¹⁸ “Construcionismo social” é um termo desenvolvido a partir do sociólogo francês Luc Boltanski utilizado por Couldry e Hepp (2020, p. 41). Em linhas gerais, significa a construção da realidade de forma permanente por parte dos seres humanos.

²¹⁹ Por campo compreende-se como sendo um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social (nacional) global (LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002). Assim, o campo social é, nesta perspectiva, um microcosmo integrante de um macrocosmo (a sociedade como um todo).

²²⁰ Por espaço abstrato se compreende um campo ou lugar, mas que não corresponde, necessariamente, a algum lugar geograficamente definido. BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 108.

²²¹ BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 109.

²²² BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 110.

²²³ Especificamente sobre estas perdas e lutos, destacam-se a transição do corpo infantil para o adulto, assim como da identidade infantil para a identidade adulta, além da solidão gerada pela relação com o pai e a mãe (ou responsável). ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

videogames e computadores, sem afeto e sem o senso de alteridade.²²⁴ Se está criando, desta forma, uma geração (ou gerações) de pessoas individualistas, alheias às outras, reféns dos dispositivos tecnológicos que ditam as formas, ou modas, de vida. Mencionam, ainda, “[...] o crescimento da desatenção e da dificuldade de concentração dos adolescentes nas escolas.”²²⁵ Além disso, apatia e conformismo são os seus estilos de vida, “[...] mesmo que estes se apresentem camuflados por ideologias compradas na prateleira das lojas ou modas fruto de uma disciplinada imitação das celebridades.”²²⁶

A pergunta de Sibilia²²⁷, sobre como alguém se torna o que é, pode ser problematizada no contexto da adolescência. Na imitação²²⁸ das celebridades, na prática de ficar com pessoas desconhecidas devido à ausência do pai e da mãe ou pessoa responsável, ocorre a desconexão, para usar um termo próprio das tecnologias da informação, de adolescentes com as figuras paternas e maternas. Ou seja, as relações do passado, da infância, já não são mais significativas e, sim, a experiência da relação do momento, do presente: “são as imagens mediatizadas do espetáculo que demonstram exercer um verdadeiro monopólio da aparência.”²²⁹ Ou, no dizer de Maria Luiza Belloni, as mídias “[...] fornecem os conteúdos (heróis, personagens, mitos, valores e representações) com os quais elas [crianças] vão construir seu imaginário e suas próprias representações.”²³⁰ As imagens das figuras maternas e paternas, ou da pessoa responsável, são substituídas por imagens enaltecidas pela sociedade do espetáculo, ou seja, por imagens espetacularizada.

Megalomania estimulada, incitação à permanente criatividade pessoal, busca pela excentricidade e da diferença e da visibilidade midiática acabam moldando ou configurando toda uma geração. Isto ocorre num contexto da exigência pela

²²⁴ OLIVEIRA; MACHADO, 2015, p. 532.

²²⁵ OLIVEIRA; MACHADO, 2015, p. 533.

²²⁶ OLIVEIRA; MACHADO, 2015, p. 534.

²²⁷ SIBILIA, 2016, p. 12.

²²⁸ De acordo com René Girard, todas as sociedades estão, de alguma forma, envolvidas em conflitos por causa daquilo que chama de “desejo mimético” das pessoas. essa imitação ameaça, segundo ele, dilacerar as sociedades porque aquilo que se imita inicialmente, pode, posteriormente, ser obstáculo e rival. GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 185-187.

²²⁹ OLIVEIRA; MACHADO, 2015, p. 535.

²³⁰ BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil**: cenários de mudanças. Campinas: Papirus Editora, 2015. (E-book). p. 65.

visibilidade e conexão constantes, sem pausa²³¹, e que pautam os relacionamentos consigo mesmos e com as outras pessoas e com o mundo.²³² É neste contexto de midiatização intensa, de conquista de pessoas seguidoras, que Lorena vai se descobrindo para a vida, ou seja, vai adolescendo. Um pouco mais de um ano depois do primeiro vídeo, Lorena começou a fazer vídeos ao vivo. Para isso, contou com a ajuda da mãe e de profissionais da área da estética: “Nossa, como eu estou linda. Mas não foi nada demais porque eu já me maquiava aqui em casa, só que eu não maquiava tão bem. Daí eu fiquei: nossa, como eu tô linda!”²³³



Figura 6: Lorena maquiada

Fonte: Print de Tela, CARECATV, 17 jul. 2017.

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV. Mostra o rosto de Lorena, com destaque maior para a sua face direita, já com cabelos crescidos, levemente cacheados, castanhos, boca levemente aberta, com batom nos lábios e maquiagem suave na face, e sem brincos na orelha. Ao fundo é possível verificar o encosto da cadeira na qual ela se encontra, portanto, sentada.

²³¹ Esta observação, “sem pausa”, é muito significativa. Lorena, quando não posta vídeos de forma sistemática, é indagada “por onde anda”. Isto ocorreu com uma certa frequência porque, devido aos cuidados com a saúde, por vezes se encontrava mais fragilizada. A pergunta das pessoas pela Lorena mostram que a acompanham e aguardam os “novos capítulos”, como se fosse uma história narrada. Por analogia, pode se especular, como se fosse uma novela, na qual as pessoas aguardam pelo desfecho. Por isso, a exigência de ser “sem pausa”.

²³² SIBILIA, 2016, p. 20.

²³³ CARECATV. **Lorena retoma gravações e conta novidades do canal ‘Careca TV’**. YouTube, 17 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oYzfOwK2oEA>. Acesso em 24 jan. 2023. 3’.

A vaidade e o cuidado dividem o espaço com a novidade que traz o vídeo, a sua entrada com temáticas adolescentes. A Figura 6 mostra Lorena maquiada e com cabelos crescidos, evidenciando um dos aspectos da adolescência, a preocupação com a aparência e a sua aceitação pela sociedade.

Nicolau da Rocha Cavalcanti menciona que desde a década de 1960 a autoestima de adolescentes depende de um único fator, no caso, a beleza. Desempenho na escola, relações familiares, perspectivas profissionais não tinham grande importância: “[...] quando se consideravam bonitos, a sua autoestima tende a ser excelente.”²³⁴ Destaca que a beleza é tida como aquela que abre portas, sendo o passe de entrada para grupos, para ser uma pessoa aceita e querida.²³⁵ Por outro lado, sinaliza o autor que, ainda que a harmonia corporal seja muito valorizada, os padrões de beleza passaram a ser mais variáveis. Isso não significa que os chamados padrões de beleza tenham sumido, mas que há mais flexibilidade na contemporaneidade, indicando que outros valores, que não somente os estéticos, também sejam considerados, como ser natural ou artificial.²³⁶

Fernando Leite também lembra em sua obra que “belo é aquilo que, conhecido, deleita”.²³⁷ O belo, no entanto, deve ser problematizado. Byung-Chul Han²³⁸ discorre, a partir do filósofo Emmanuel Kant, afirma que o belo estimula o jogo harmônico das capacidades mentais, no caso, das faculdades de conhecimento, de forma que as pessoas têm prazer consigo mesmas em vista do belo. Porém, e aí já a partir de Theodor W. Adorno, Han destaca que esse belo é aquele formal, obedecendo à conformidade a leis, sem levar em conta - ou ser estremecido por - a outra pessoa.²³⁹

Leite discorre sobre a “emoção estética”²⁴⁰, que exige pureza de percepção, revisão com a convenção útil, além da imaterialidade da vida.²⁴¹ Ou, ainda, que o “belo

²³⁴ CAVALCANTI, 2013, p. 13.

²³⁵ CAVALCANTI, 2013, p. 13-14.

²³⁶ CAVALCANTI, 2013, p. 17.

²³⁷ LEITE, Fernando. Filosofia do belo. *Revista Portuguesa de Filosofia*, p. 58-80, jan. a mar. 1946. p. 58. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40332610?read-now=1&seq=8#page_scan_tab_contents. Acesso em 29 jan. 2023.

²³⁸ HAN, 2020^a, p. 35-37.

²³⁹ Han faz menção, ainda, ao sublime, que vai além do belo, que remete ao Criador, que supera qualquer representação, que vai além da imaginação e da exposição, uma vez que é “a exposição que destrói a sublimidade da criatura.” (HAN, 2020^b, p. 54).

²⁴⁰ A emoção do belo consiste, segundo Leite (1946, p. 74), “[...] no efeito do belo nas nossas faculdades de conhecimento”.

²⁴¹ LEITE, 1946, p. 65.

é um aspecto do bem.”²⁴² Este aspecto do bem é refletido em comentários dos vídeos do canal Careca TV, conforme a Figura 7.



Figura 7: A pureza da percepção

Fonte: Print de tela, CARECATV, 18 set. 2021.

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV com seis comentários sobre a sua imagem. Cada comentário é precedido por uma imagem circular com uma fotografia da pessoa, ou com a letra inicial do seu nome, ou por uma imagem aleatória.

A palavra linda aparece em vinte e sete comentários, dos 359. O que se lê nas palavras “Que linda mensagem”, “Me enchi de alegria”, ou “você está linda” é o bem se manifestando na pessoa telespectadora. Ao se fazer conhecida pelas palavras e na imagem da “superação” da doença, Lorena desperta a emoção estética e “deleita e agrada” às pessoas.

Porém, no mesmo vídeo se encontra a “emoção reversa”, aquela que não é o bem. Alguns comentários questionando Lorena pelo nome do seu canal, uma vez que ela aparece com cabelos, ou seja, pessoas sem o conhecimento. Outras, sem uma

²⁴² LEITE, 1946, p. 71.

explicação possível, uma vez que a pesquisa não fez o contato com tais pessoas, como do primeiro e do último comentário da Figura 8:

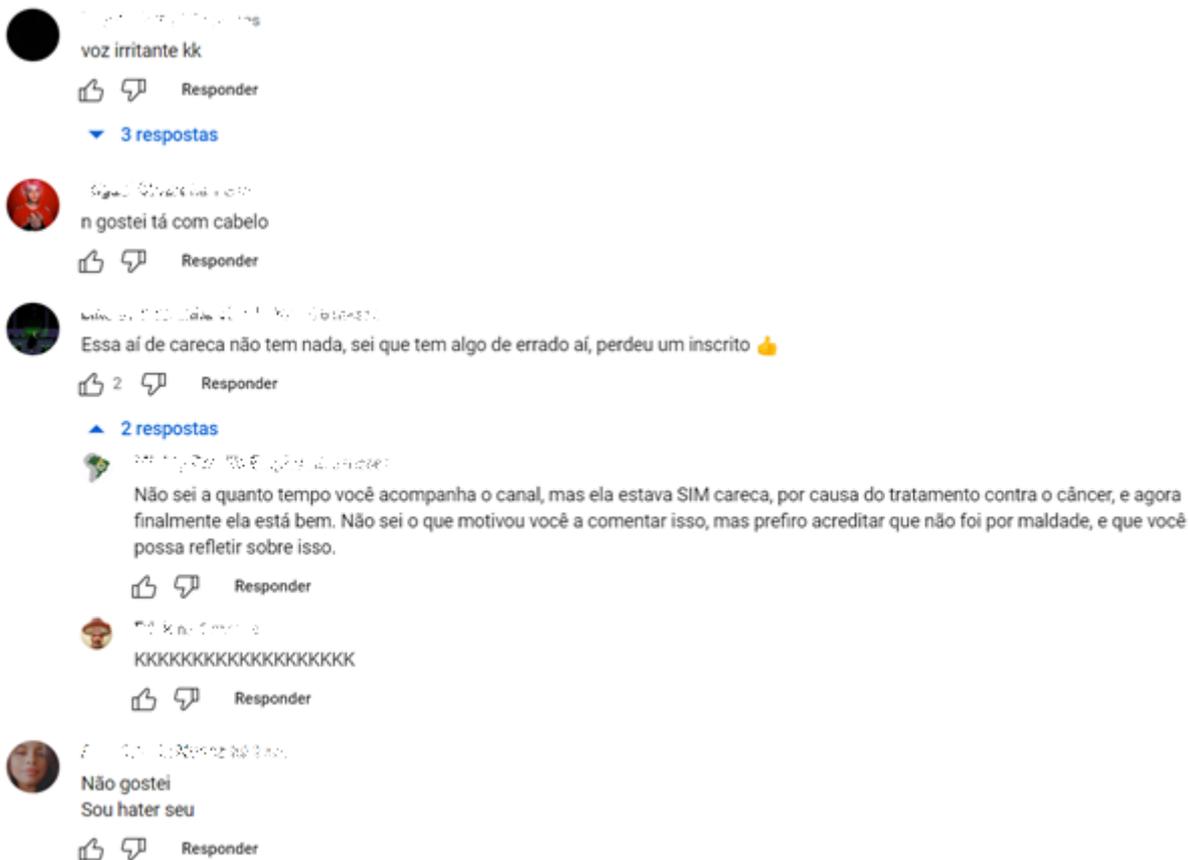


Figura 8: “Emoção reversa”
Fonte: Print de tela, CARECATV, 18 set. 2021.

Cavalcanti lembra que os paradigmas de beleza mostram apenas uma beleza parcial porque as imagens fornecem um conhecimento limitado da pessoa e, conseqüentemente, proporciona uma percepção limitada da beleza.²⁴³ Da mesma forma, pessoas que têm contato com o canal uma única vez, não conhecem Lorena e, por isso, também possuem uma visão limitada, ou melhor, deturpada, já que a criticam pelo cabelo e pela voz, por exemplo. Isso ocorre porque a interação entre as pessoas não se dá sempre no mesmo tempo, alterando, inclusive as relações entre participantes. Porém, isso não significa que seja “menos real”, aponta Hjarvard.²⁴⁴ Ou seja, os comentários refletem a realidade da pessoa que os faz, inclusive a mesma se definindo como “hater”, conforme o último comentário da Figura 8.

²⁴³ CAVALCANTI, 2013, p. 20.

²⁴⁴ HJARVARD, 2014, p. 56.

Assim, lidar com o feedback das pessoas nas redes sociais, ainda mais para adolescentes, requer cuidado. Como Lorena, demais adolescentes e pessoas fora dos padrões estéticos, ou mesmo as “normais”, necessitam de cuidado. Isto se torna muito importante na medida em que uma pessoa se encontra com a outra a partir dos olhos e Lorena, falando a partir de uma câmera com as outras pessoas, não pode olhar literalmente no olho delas. Conforme Scruton, “A presença do sujeito no rosto é ainda mais evidente nos olhos, e os olhos desempenham seu papel tanto nos sorrisos quanto nos olhares.”²⁴⁵ Nesse caso, a pessoa que está transmitindo não enxerga as outras, que a estão assistindo. A sua base de feedback são as “curtidas” e os comentários.

2.3.3 Cuidado para com adolescentes

As crianças e adolescentes recebem o que a biblista Anne-Claire Bolotte chama de poder régio a partir de Mateus 18. Quando Jesus é questionado sobre quem é o maior no reino dos céus, responde que são as aquelas pessoas como “os pequeninos”, as crianças: “a metáfora da criança permite assim a Jesus condenar tudo o que poderia escandalizar (ou seja, ‘fazer cair’) os que são considerados frágeis.”²⁴⁶ Mais adiante, em Mateus 25.40, Jesus ratifica o cuidado para com “as pessoas pequenas”: “Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.”

Fato é que a presença do pai e da mãe, ou da pessoa responsável, é fundamental ainda na adolescência. Isto não é um clichê, é uma realidade. Em contextos e épocas diferentes, ao mesmo tempo em que representam a maior fragilidade da vida, as crianças são a esperança mais forte de um mundo novo.²⁴⁷ Nas redes sociais acontece o mesmo que no mundo não virtual: “[...] vivemos diante dos olhos estranhos e somos julgados por eles.”²⁴⁸ Trata-se da necessidade do cuidado, de uma atenção que se poderia chamar de “velada”, não no sentido pejorativo do controle, mas de observação para orientar filhos e filhas. Isso porque, conforme

²⁴⁵ SCRUTON, 2015, p. 121. A pesquisa desenvolve a questão do rosto das pessoas nas relações pessoais no último capítulo.

²⁴⁶ BOLOTTE, Anne-Claire. Qual a atitude de Jesus para com as crianças?. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus: a enciclopédia**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 274.

²⁴⁷ BOLOTTE, 2020, p. 274.

²⁴⁸ SCRUTON, 2015, p. 151.

Sibilia²⁴⁹, muitas pessoas jovens não parecem ter instintos de proteção da privacidade e acabam deixando se levar pelo “amigo confiável” encontrado nas redes sociais.

É importante estabelecer regras e expectativas que se ajustem ao que eles desejam, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento. Aqui entra a capacidade dos pais de negociar para estabelecer regras que sejam aceitas pelo adolescente, sem que essas regras sejam muito permissivas. Dentro de uma comunicação aberta, o que favorece uma relação flexível, onde os pais exerçam a sua autoridade sem serem autoritários. As regras devem ser claras e comunicar valores específicos.²⁵⁰

Isto toma importância na medida em que o uso das mídias sociais digitais por adolescentes é cada vez maior. Segundo pesquisas mencionadas por Belloni, acaba afetando de forma negativa a construção das identidades pessoais, especialmente entre pessoas jovens mais desfavorecidos, sem acompanhamento educacional e familiar adequado.²⁵¹ No caso de Lorena, a questão da formação da sua identidade pode ser compreendida a partir das interações nos comentários dos vídeos. Chama a atenção o pedido das pessoas para que o nome do canal seja mudado uma vez que Lorena não está mais careca:

Júlia: Adorei o vídeo! Troca o nome do canal pra Cabelo TV, beijo  
 Axelsinho: deveria mudar o nome do canal pra cabeluda tv Rs :).
 Passo Rodo: não entendo pq ainda não mudou o nome do canal.
 Newbazada ta on: Tem que ser cabeluda tv agr.²⁵²

Outro comentário foi que: “*kr*²⁵³ nem parece que era careca”, ao que Lorena responde com risos: “Kkkkk”. Não mudar o nome do canal tem a ver com identidade da Lorena. Ela não está mais careca na sua imagem, mas a experiência da queda dos cabelos pela quimioterapia modelou a concepção de si. Lorena acaba fazendo aquilo que Paula Sibilia relata sobre situações de adolescentes que publicam fotos eróticas para autorrealização²⁵⁴, para visibilidade e busca de celebridade, mesmo que seja necessário o uso da violência, para “ser famoso”.²⁵⁵ Evidentemente, Lorena não forja

²⁴⁹ SIBILIA, 2016, p. 35.

²⁵⁰ GUEDES, Suzane. Um Olhar Para a Autoestima na Adolescência. **O psicólogo online**, s/d. Disponível em: <https://opsicologoonline.com.br/autoestima-na-adolescencia/>. Acesso em 10 set. 2020.

²⁵¹ BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudanças**. Campinas: Papyrus Editora, 2015. p. 88.

²⁵² CARECATV. **Histórias do tratamento: Escondemos uma pizza na mochila**. YouTube, 2 jul. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oj_mTCbDu-0. Acesso em 24 jan. 2023.

²⁵³ *Krl* é uma gíria cujo significado remete ao órgão genital masculino. Neste contexto, pretende passar a ideia de espanto.

²⁵⁴ SIBILIA, 2016, p. 397.

²⁵⁵ SIBILIA, 2016, p. 368.

a sua identidade: o seu “ser famosa” é consequência da sua realidade e identidade genuína.

Diante disso, refletindo a partir de adolescentes que manipulam a sua própria identidade para “ser famoso ou famosa”, a educação é a via de reversão, ou de resistência na sociedade do espetáculo. No entanto, não somente a educação na escola. Pessoas adultas também precisam ter acesso ao conhecimento. Cavalcanti pondera que

Enquanto desconhecemos algo, não percebemos de fato a sua beleza. Consequentemente, precisamos ter um profundo respeito pelo desconhecido, já que – por nos ser desconhecido – não temos a capacidade de avaliá-lo bem, e podemos errar com facilidade sobre a sua beleza. Quando uma pessoa conhece algo, abre-se uma nova perspectiva. Vê com os olhos do outro.²⁵⁶

Ou, ainda, trata-se de conhecer a realidade mais profunda e pessoal, que Cavalcanti resume em “[...] aprender a ver o bem, aprender a querer o bem, aprender a realizar o bem.”²⁵⁷ Para isso, é necessário calçar os sapatos das outras pessoas de forma a se colocar na perspectiva alheia.²⁵⁸

Porém, a educação na adolescência, enquanto lugar de reflexão, mediada por docentes, pode ser mais eficiente porque se trata, justamente, de um período de formação das pessoas. Isso porque os gostos são forjados justamente na socialização primária²⁵⁹:

É nela, portanto, que incorporamos determinados esquemas de percepção, classificação e valoração do mundo social que se convertem em disposições para a apropriação “material e/ou simbólica de uma categoria de objetos ou práticas classificadas ou classificadoras”. Por outras palavras, é principalmente nessa socialização que adquirimos certos *habitus* que nos inclinam a determinadas práticas de consumo. Que adquirimos *habitus* de consumo, portanto.²⁶⁰

²⁵⁶ CAVALCANTI, 2013, p. 27.

²⁵⁷ CAVALCANTI, 2013, p. 84-85.

²⁵⁸ CAVALCANTI, 2013, p. 29.

²⁵⁹ Por socialização primária compreende-se “imersão da criança em um mundo social no qual vive não como um universo possível entre todos, mas como o mundo, o único mundo existente e concebível, [...]. Essa imersão se faz a partir de um conhecimento de base que serve de referência para que ela consiga objetivar o mundo exterior, ordená-lo por intermédio da linguagem, bem como refletir e projetar ações passadas e futuras. É a incorporação desse saber de base na e com a aprendizagem primária da linguagem - oral e escrita - que constitui o processo fundamental da socialização primária, pois assegura a posse subjetiva de um eu e de um mundo exterior.” SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005. p. 340.

²⁶⁰ BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 114.

É uma tarefa difícil porque se está diante de uma ideologia do gosto. Há o gosto legítimo, o de escolher aquilo que será consumido. Porém, há o gosto ilegítimo, aquele que obedece a um padrão de consumo para o qual as pessoas são induzidas. Aqui a ideologia do corpo toma forma de modo a moldar concepções ou opções para além daquilo que se está consumindo. Barros Filho e Lopes exemplificam mencionando que as pessoas que bebem whisky tendem a votar na direita.²⁶¹ Com isso, os autores afirmam que as pessoas não conseguem transcender a qualquer lógica de consumo. Pode-se dizer que, ao consumir whisky, pode se estar optando por determinado modelo de vida.

Trazer as pessoas à consciência de tais artimanhas da sociedade do consumo, que dita comportamentos e leva a opções forjadas de antemão, é tarefa da educação, principalmente, na adolescência, ou seja, na socialização secundária.²⁶² Do contrário, tal ideologia do gosto continuará naturalizando diferenças que são sociais.²⁶³

Convém salientar que adolescentes podem enfrentar este período de formas diferentes. Isso pode ocorrer porque a exposição na sociedade espetacularizada pode se dar de forma mais intensa para algumas pessoas, e menos para outras. Algumas pessoas adolescentes, por exemplo, podem ter mais acesso às TICs do que outras. Além, ainda, da presença das pessoas responsáveis que podem ser mais ou menos negligentes em cada caso.

A exposição é característica da sociedade do espetáculo que Byung-Chul Han se refere a ela como “sociedade da exposição”, quando “[...] as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, e seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo.”²⁶⁴ Por isso, a educação é cada vez mais necessária para ajudar adolescentes a discernir a manipulação das relações sociais que realmente importam. A educação, portanto, na adolescência, pode auxiliar no desenvolvimento da criticidade em uma sociedade cada vez mais consumidora de

²⁶¹ BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 115.

²⁶² A socialização secundária se dá quando a pessoa já socializada se insere em novas e diferentes realidades sociais de convivência da sua sociedade. YASHINISHI, Bruno José. O processo de socialização secundária no filme O terminal (2004). **REVISTA LIVRE DE CINEMA**, v. 8, n. 1, p. 15-27, 2021.

²⁶³ BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 117.

²⁶⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**. Petrópolis: Vozes, 2020b. p. 27.

mercadorias “libidinizadas”²⁶⁵, ou seja, tornadas objetos do desejo, e que moldam comportamentos, influenciam na concepção de ideias, e assim por diante.²⁶⁶

Trata-se de tarefa complexa na medida em que adolescentes podem sofrer com a exclusão e a consequente invisibilidade. Por isso, para escapar da exclusão e da invisibilidade, buscam “[...] tornar-se personagens visíveis e em contato ativo com muitos outros, partilhando a intimidade enquanto se performa o que se é [...]”²⁶⁷ Principalmente através das redes sociais, onde as relações estão mais no nível de parecer algo que não se é, e onde possuem milhares de “amigos” ou “amigas”, buscam:

[...] seduzir, agradar, provocar, ostentar, demonstrar aos outros - ou a alguém em particular - quanto se é belo e feliz, mesmo que todos estejam a par de uma obviedade: o que se mostra nessas vitrines costuma ser uma versão “otimizada” das próprias vidas.²⁶⁸

Tudo isto ocorre porque se está à mercê de uma “[...] rede mundial de computadores, um terreno propício para experimentar e desenvolver novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais.”²⁶⁹

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade do espetáculo é uma realidade que predomina desde meados do século passado, tendo em Guy Debord a crítica inicial. Passadas décadas, a sociedade permanece enaltecendo a imagem como mercadoria de consumo, e possui nos artefatos culturais digitais a forma eficiente de expansão. Ocorreu que as mídias tradicionais foram levadas a criar outras mídias para promover a inserção de novos sujeitos ou instituições sociais na mídia. Ser, ter, parecer e aparecer são imperativos que definem as ações das pessoas. Elas são aquilo que possuem, no caso, a sua

²⁶⁵ Neologismo criado a partir do vocábulo “Libido”.

²⁶⁶ O psicanalista pondera que neste caso de libido por objeto, a energia (sexual) da pessoa está concentra de tal modo no objeto que o “eu” fica “empobrecido”. Justamente pelo deslocamento de toda a energia para esse objeto. SLAVUTZKY, Abrão. **Quem pensas tu que eu sou?** São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 98. Com isso, pode-se conjecturar que a identidade da pessoa acaba sendo afetada e moldada a tal ponto de mudar a sua representação e a consequente percepção das outras pessoas sobre ela.

²⁶⁷ SIBILIA, 2016, p. 411.

²⁶⁸ SIBILIA, 2016, p. 44.

²⁶⁹ SIBILIA, 2016, p. 56.

imagem produzida a partir daquilo que almejam parecer (ou seja, nem sempre a imagem real), para aparecer na sociedade.

Cada qual busca expor a sua imagem, e as mídias são uma das formas de fazer isso. A construção desta imagem significa consumir as mercadorias da moda, seguir determinado “canal” ou tendência. Assim, as identidades vão se moldando de acordo com o que é promovido pelos artefatos culturais digitais. É a identidade que muda com a mídia, com as propagandas, para produzir um novo “eu” e, de preferência, para usar uma expressão de Paula Sibilía, para fazer um “show do eu”.

As redes sociais digitais, enquanto artefatos culturais, influenciam na mensagem, conforme assertiva de Marshall McLuhan, de que o meio é a mensagem, porque é ele “[...] que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas.”²⁷⁰ No caso específico do YouTube e do Canal Careca TV, ao visibilizar especificamente a sua aparência e o som da sua voz trêmula, o meio influencia na mensagem causando emoção e comoção.

A identidade de Lorena é reafirmada mesmo no mundo virtual do YouTube. Verifica-se que adolescentes estão à mercê desta promoção constante do espetáculo na sociedade. Enquanto tempo de mudanças físicas e emocionais, referenciais são substituídos por estereótipos enaltecidos pela sociedade do espetáculo. Porém, Lorena expôs a sua identidade, de adolescente, curada do câncer, com sequelas, aspectos não negados, nem substituídos por outros referenciais das redes sociais. Na mesma esteira, Lorena confirma Pierre Lévy²⁷¹, evidenciando que o virtual não é oposto ao real. O virtual, no caso de Lorena, é o real, sem criação, invenção e produção de novas qualidades. Esta realidade exposta a coloca dentro da exclusão estrutural latente na sociedade, conforme reflexão no capítulo seguinte.

²⁷⁰ MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 23.

²⁷¹ LÉVY, 1998.

3 “DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA”: A EXCLUSÃO ESTRUTURAL E A DIVERSIDADE ESTRUTURAL

A exclusão das pessoas em função de alguma particularidade que foge ao normatizado pela sociedade está dentro daquilo que se pode chamar de exclusão estrutural. Há uma estrutura padronizada que determina comportamentos, consumo, ideais de beleza e de vida em geral. Trata-se do que Lévi-Strauss chama de construção de modelos que tornam manifesta a própria estrutura social, construção esta pelas relações sociais.²⁷² Assim, a pessoa que não se “encaixa” nas estruturas sociais construídas pelas relações sociais, ou seja, que não está padrões sociais estabelecidos, acaba sendo excluída.

O presente capítulo desenvolve o conceito de exclusão estrutural e, a partir dele, o de diversidade estrutural. Primeiramente, busca a utilização do termo em plataformas acadêmicas de pesquisa e referências em geral para verificar o estado de arte do termo. Em seguida, discorre sobre a exclusão estrutural propriamente dita, enquanto resultado da naturalização de padrões excludentes. A sociedade está diante de uma exclusão estrutural que envolve o racismo, questões de religião, etnia, gênero, deficiência física, déficit de aprendizagem, e todas que não são economicamente “úteis”, esteticamente “belas”, ideologicamente “corretas”, e assim por diante.

Em seguida, discorre sobre a diversidade estrutural, ou seja, sobre as diferenças presentes na sociedade e que fazem parte da estrutura da mesma, mas sem o poder, nem mesmo sem serem ouvidas. Enfatiza-se a necessidade de uma educação a partir da realidade e das falas das pessoas para reagir à estrutura excludente.

3.1 EXCLUSÃO ESTRUTURAL

O Canal do YouTube “Deficiência não é doença” espelha o desejo de participar da sociedade em redes. Trata-se do canal de Júlio Guerreiro que tem uma deficiência chamada Síndrome de Escobar.²⁷³ Possui duas mil e quatrocentas

²⁷² LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: CosacNaify, 2012. p. 400.

²⁷³ “A síndrome de Escobar é a forma atenuada da síndrome do pterígio múltiplo. As características clínicas dessa síndrome incluem: retardo do crescimento ou baixa estatura, pterígio do pescoço, axila, antecubital, região poplíteia e intercrural. Múltiplas contraturas articulares (artrogruposos),

peessoas inscritas desde abril de 2019. Seus vídeos são sempre realizados de forma simples, sem cuidados artísticos ou de produção, Revelam a simplicidade da sua moradia. O cenário mostra uma lona cinza ao fundo, com brechas que permitem visualizar tijolos da parede da casa, conforme a Figura 9:



Figura 9: Cenário simples

Fonte: Print de tela, DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019.

#pratodosverem: print de tela do canal Deficiência não é doença. Em primeiro plano aparecem os irmãos Fernando, à esquerda, e Júlio, à direita, ambos aparecem com imagem da barriga para cima.

Fernando usa óculo preto e veste uma camiseta cinza. Está com as mãos cruzadas. Júlio usa um boné com a aba virada para trás, veste uma camiseta azul com um zíper de aproximadamente dez centímetros na parte frontal do colarinho. Ao fundo há uma espécie de lona cinza que cobre a parede de tijolos crus, vistos a partir da fresta entre as junções das partes da lona atrás de Fernando.

Júlio iniciou o canal com o seu irmão, Fernando, também com Síndrome de Escobar, mas depois seguiu sozinho. Algumas vezes o irmão aparece em vídeos, mas em contextos determinados. Na primeira chamada, ambos encenam um encontro. Fernando pergunta a Júlio: “Olá, você é deficiente? Não, eu sou eficiente.”²⁷⁴ Aliás, a

sindactilia e campodactilia dos dedos, escoliose e cifo escoliose, fusão de vértebras cervicais, deformidades dos pés, anomalias genitais, defeitos cardíacos congênitos, além de redução da massa muscular também já foram relatados.” BATTISTI, Caroline. Síndrome de Escobar—forma rara e atenuada da síndrome do pterígio múltiplo. **35ª Jornada Sul Brasileira de Cirurgia Plástica, Rev. Bras. Cir. Plástica**, n. 34, Supl. 1, p. 176-178, 2019. p. 176.

²⁷⁴ DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019, 0’.

família é muito valorizada por Guerreiro, chamando sua mãe²⁷⁵ para participar e outras famílias.²⁷⁶ Na sua apresentação, conforme a Figura 10, menciona que fala sobre deficiência, superação, autoajuda e finaliza afirmando: “Deficiência Não é Doença mas sim EFICIÊNCIA.”²⁷⁷



Figura 10: Deficiência não é doença - apresentação

Fonte: Print de tela, DEFICIÊNCIA, 17 abr. 2019.

#pratodosverem: print de tela do canal Deficiência não é doença. Na parte superior está um banner com fundo verde, e com a imagem de Júlio mais à esquerda, da cintura para cima, usando uma camisa com gola, azul clara, e dois bolsos frontais. Do centro para a direita, abaixo do seu nome Júlio Guerreiro, com um estrela separando nome e prenome, e com uma imagem da silhueta do seu corpo, estão os seus endereços do Instagram e do TikTok.

Júlio Guerreiro está inscrito e atua ativamente nas redes sociais mesmo em uma sociedade cujas estruturas excluem pessoas com o seu perfil. Em pesquisa realizada nas plataformas digitais acadêmicas, o termo “exclusão estrutural” está geralmente alinhado a uma determinada causa. José Antônio Melo Bisneto menciona exclusão estrutural em relação à adolescente na periferia, sem a assistência do

²⁷⁵ DEFICIÊNCIA não é doença. **Minha mãe pediu para falar um pouquinho.** YouTube, 19 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=msUGeMPPdpk>. Acesso em 25 jan. 2023.

²⁷⁶ DEFICIÊNCIA não é doença. **Bate Papo - Síndrome de Escobar (Part. Família Germano).** YouTube, 19 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvuZA9OKZ08>. Acesso em 25 jan. 2023.

²⁷⁷ DEFICIÊNCIA não é doença. **Sobre.** YouTube, 17 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DeficienciaNaoeDoenca/about>. Acesso em 25 jan. 2023.

Estado enquanto garantidor de direitos, deixando à mercê da sorte.²⁷⁸ João Paulo Malerba estende a toda a comunidade da periferia, das pessoas de todas as gerações que são ignoradas pelo Estado e pela sociedade em geral. Para isso, menciona a luta pela implantação de uma rádio comunitária como forma de luta contra a exclusão estrutural.²⁷⁹ Silvana Marinho utiliza o termo para questões de gênero, especificamente às mulheres trans e à violência sofrida por elas, que denomina como violência transfóbica.²⁸⁰ Também o autismo é inserido neste contexto de exclusão estrutural, conforme Leda Mariza Fischer Bernardino.²⁸¹

Noble e Roberts percorrem o caminho da exclusão a partir do que chamam de elites tecnológicas digitais, os mitos da meritocracia e da façanha intelectual, tidos como “[...] marcadores de raça e gênero por uma supremacia branca masculina que consolida recursos de forma desproporcional em relação a pessoas não brancas, principalmente negros, latinos e indígenas.”²⁸² Em estudo realizado sobre a diversidade do contexto organizacional, as autoras verificaram que a gestão da diversidade é até abordada, mas de forma a homogeneizar as diferenças, ou seja, classificar como se as diferenças fossem todas iguais, ou tratam das dimensões da diversidade de modo isolado umas das outras, quando, na verdade, a diversidade dentro das organizações reflete os diferentes grupos que fazem parte da sociedade, mas agora em um ambiente específico, o do trabalho, no qual buscam a participação nos processos decisórios e o senso de pertencimento.²⁸³ Assim, é possível listar uma série de estudos que utilizam o termo sempre para uma determinada situação de exclusão.

²⁷⁸ MELO BISNETO, José Antônio. Excluídos de hoje, encarcerados de amanhã: uma análise da situação de vulnerabilidade das crianças e adolescentes como fator determinante para a sua inserção no mundo do crime. *In: IV Seminário Internacional Pós-Colonialismo, Pensamento Descolonial e Direitos Humanos na América Latina*. 2019.

²⁷⁹ MALERBA, João Paulo. Uma rádio comunitária da cidade: um relato de inspiração etnográfica. *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*. n.5, p.127-139, 2011.

²⁸⁰ MARINHO, Silvana. Mulheres trans, violência de gênero e a permanente caça às bruxas. *Argumentum*, v. 12, n. 3, p. 86-101, 2020.

²⁸¹ BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. De que pathos se trata no autismo. *In: Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*. 2006. p. 1-13.

²⁸² NOBLE, Safiya Umoja; ROBERTS, Sarah T. Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós raciais no Vale do Silício. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 36-46, 2020. p. 36.

²⁸³ FRAGA, Aline Mendonça et al. As diversidades da diversidade: revisão sistemática da produção científica brasileira sobre diversidade na administração (2001-2019). *Cadernos EBAPE. BR*, 2021. p. 17.

A definição de exclusão de Maria Izabel Sanches Costa e Aurea Maria Ianni abarca essa diversidade e a estrutura social normatizada:

[...] a exclusão pode e deve ser compreendida como um processo pluridimensional que segrega e inferioriza um indivíduo ou um grupo perante sua comunidade e seu território. Sua base de segregação está nos valores dominantes da sociedade. [...] partimos da definição da exclusão social como processo de vulnerabilidade composto de três dimensões: precarização do trabalho, precarização da sociabilidade primária e estigma.²⁸⁴

A exclusão estrutural é tematizada por Sílvio Almeida quando trata do “racismo estrutural” argumentando que se trata de uma realidade já estruturada na sociedade, como um elemento integrante da organização econômica e política da sociedade: “[...] o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.”²⁸⁵ Especificamente para a questão racial, Almeida destaca que o racismo é sempre estrutural, integrante da organização econômica e política da sociedade, uma “[...] manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.”²⁸⁶ Compreende-se que o racismo é algo já intrínseco, parte da estrutura, assim como o preconceito com pessoas com deficiência, e todas aquelas que não correspondem ao perfil e às demandas da sociedade da aparência.

Este questionamento é corroborado com a concepção de ser civilizado, conforme Almeida mesmo explica: com o iluminismo, o ser humano é colocado como objeto principal, enquanto pessoa que pensa e que trabalha, diferente do ser selvagem. Com o pretexto de inserir este sujeito selvagem na modernidade e ser civilizado e inscrito na modernidade, defendeu-se projetos colonialistas.²⁸⁷ Costa e Ianni, a esse respeito, mencionam que a noção de indivíduo é histórica, mas com os significados diferentes dos atribuídos atualmente, e que remonta ao Iluminismo e à ideia da libertação pela razão.²⁸⁸ Explicam as autoras que, até o fim da Idade Média,

²⁸⁴ COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea**: uma análise teórica. Santo André: UFABC, 2018. p. 1032; 1036.

²⁸⁵ ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (E-book). p. 16.

²⁸⁶ ALMEIDA, 2019, p. 16.

²⁸⁷ ALMEIDA, 2019, p. 18-20. A Revolução Haitiana, em 1804, no entanto, ao reivindicar os preceitos de liberdade da Revolução Francesa, mostrou que nem todas as pessoas eram iguais e reconhecidas como seres humanos.

²⁸⁸ COSTA; IANNI, 2018, p. 177.

as pessoas estavam submissas à coletividade, às tradições e aos costumes, e a uma função previamente determinado pelo nascimento.

A identidade das pessoas era definida e fixa, cuja vida era organizada por instituições rígidas e coletivas. Porém, com o

[...] advento da modernidade, emergiu a noção de indivíduo e sua prevalência sobre a noção do coletivo, o que quer dizer que a ênfase iluminista sobre o homem autônomo e racional trouxe mudanças fundamentais ao entendimento do indivíduo e de sua relação com a tradição, a obediência e a sociedade.²⁸⁹

Na sociedade contemporânea, o individualismo diferencia-se daquele da sociedade moderna porque não está mais submisso às imposições e ordenamentos dos organismos ou instituições sociais. “A valorização da noção de igualdade cedeu lugar à diferenciação, à liberdade de construção da identidade e à sobreposição do individual sobre o coletivo.”²⁹⁰ Do ponto de vista teológico, a partir da criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-27), Brakemeier considera que “a aplicação do conceito de imagem de Deus ao ser humano é o estatuto de igualdade humana [...]”²⁹¹ Esta igualdade, no entanto, explica o autor, não conflitua com a variedade humana existente: “Apesar de se agruparem em espécies, todos os exemplares das mesmas primam por individualidade.”²⁹² As pessoas são iguais e diferentes simultaneamente, cada qual em sua individualidade, não se permitindo uma nivelção das particularidades.²⁹³ Porém, a sociedade contemporânea cria novas formas de engessamento e padronização das pessoas, por um lado, a partir do consumo, impactando nas relações entre a sociedade e o Estado²⁹⁴, e por outro a partir da capacidade de trabalho, ou seja, se possui mão de obra ou *know how* para o mercado de trabalho, levando a uma estigmatização de individualidades e preconceitos em relação a minorias ou grupos que não atendem ao padrão estabelecido por esse consumo.

Júlio Guerreiro e seu irmão Fernando expõem exatamente isso, a forma como a sociedade os enxerga, como incapazes e “coitados”: “tadinho, ele não pode

²⁸⁹ COSTA; IANNI, 2018, p. 181.

²⁹⁰ COSTA; IANNI, 2018, p. 352.

²⁹¹ BRAKEMEIER, 2002, p. 21.

²⁹² BRAKEMEIER, 2002, p. 21-22.

²⁹³ BRAKEMEIER, 2002, p. 22.

²⁹⁴ COSTA; IANNI, 2018, p. 352.

trabalhar, ele não pode estudar, não pode namorar... Tadinho.”²⁹⁵ Ou seja, devido à sua síndrome, ambos são vistos como incapazes, ou seja, nas entrelinhas, improdutivos. Esta exclusão faz parte da estrutura social que não contempla, nem visibiliza pessoas com deficiência. Por conta disso, Júlio e Fernando destacam que mesmo as pessoas deficientes se escondem da sociedade por causa do preconceito;²⁹⁶ ou seja, a visibilidade a partir das mídias sociais é uma forma de visibilizar a estrutura excludente para a diversidade de forma geral e mudar a imagem preconceituosa.

Igualmente, quando Almeida diferencia discriminação, preconceito e racismo, é possível buscar elementos para a exclusão mais ampla, das pessoas colocadas à margem por características específicas: assim como o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, seja de forma consciente ou inconsciente²⁹⁷, pessoas da chamada diversidade são discriminadas a partir de estereótipos criados para uma sociedade tida como ideal, a partir da imagem e das aparências e, evidentemente, daquelas que são “úteis” na produção. Aliás, Aírton Krenak bem lembra que, quando a pessoa para de produzir, passa a ser uma despesa.²⁹⁸ Pode-se acrescentar que todas as pessoas excluídas passam a ser consideradas, de certa forma, despesas.

E isto leva à estratificação social. Assim como o racismo institucional, aquele que “é [...] tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”²⁹⁹, também a exclusão da diversidade mais ampla é resultado do funcionamento das instituições, que enaltece a estética³⁰⁰ do belo e os resultados produtivos. Almeida destaca que as instituições são aquelas que orientam, rotinizam e coordenam comportamentos que conduzem a ação social, levando à relativa estabilidade aos sistemas sociais. As instituições normalizam os conflitos para orientar as pessoas. Com tais regras de normatização, as pessoas se tornam sujeitos

²⁹⁵ DEFICIÊNCIA não é doença. **Deficiência não é doença! Mas é eficiência!** YouTube, 18 de abril de 2019. 1’.

²⁹⁶ DEFICIÊNCIA, 18 abr., 2’.

²⁹⁷ ALMEIDA, 2019, p. 24.

²⁹⁸ KRENAK, Aírton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020. (E-book).

²⁹⁹ ALMEIDA, 2019, p. 27.

³⁰⁰ Este enaltecimento estético tem como pano de fundo a comparação. Byung-Chul Han menciona que se está em uma “era da comparação”, não sendo ela apenas a justaposição de formas culturais diferentes, mas uma era de seleção orientada por uma hierarquia de valor. HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade, cultura e globalização**. Petrópolis: Vozes, 2017a. p. 59-63).

e são homogeneizadas. Porém, tal homogeneização ocorre através da hegemonia do grupo dominante nas instituições. No caso do racismo, “[...] as instituições são racistas porque a sociedade é racista.”³⁰¹ Novamente, considerando a diversidade excluída de forma mais ampla, a sociedade é excludente.

Por isso, assim como o racismo é da ordem social, não criado pela instituição que apenas o reproduz, a exclusão da diversidade também é social, ou seja, está na estrutura da sociedade, um “[...] modo normal com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional.”³⁰² Assim, mesmo combatendo o ato racista individual ou institucional, é necessário compreender que se trata de um reflexo da estrutura da sociedade que leva a estes atos e, portanto, que necessita de uma mudança mais ampla nesta sociedade, problematizando os processos políticos e históricos.³⁰³

3.2 FAZENDO PARTE DA SOCIEDADE

A partir das concepções de Almeida acerca do racismo, é possível inferir que premissas semelhantes que definem o racismo estrutural, definem a exclusão de diversas minorias, ou seja, das pessoas que não estão no padrão ou em conformidade com a estrutura da sociedade, ou melhor, das pessoas excluídas, as que não se “encaixam” no padrão estético imagético da sociedade do espetáculo. De acordo com Djamila Ribeiro, “É preciso ressaltar que mulheres e homens negros não são as únicas vítimas de opressão estrutural: muitos outros grupos sociais oprimidos compartilham experiências de discriminação”³⁰⁴.³⁰⁵ É neste contexto que se “encaixa” Júlio Guerreiro. Não à toa, quando chegou a mil inscritos no seu canal de YouTube, emocionado, desabafou: “A minha vez chegou, a minha hora chegou. Acabei de ser aprovado! Eu venci canal monetizado!”³⁰⁶ Júlio teve o seu canal “aprovado” pelo YouTube, conforme mostra a Figura 11:

³⁰¹ ALMEIDA, 2019, p. 35.

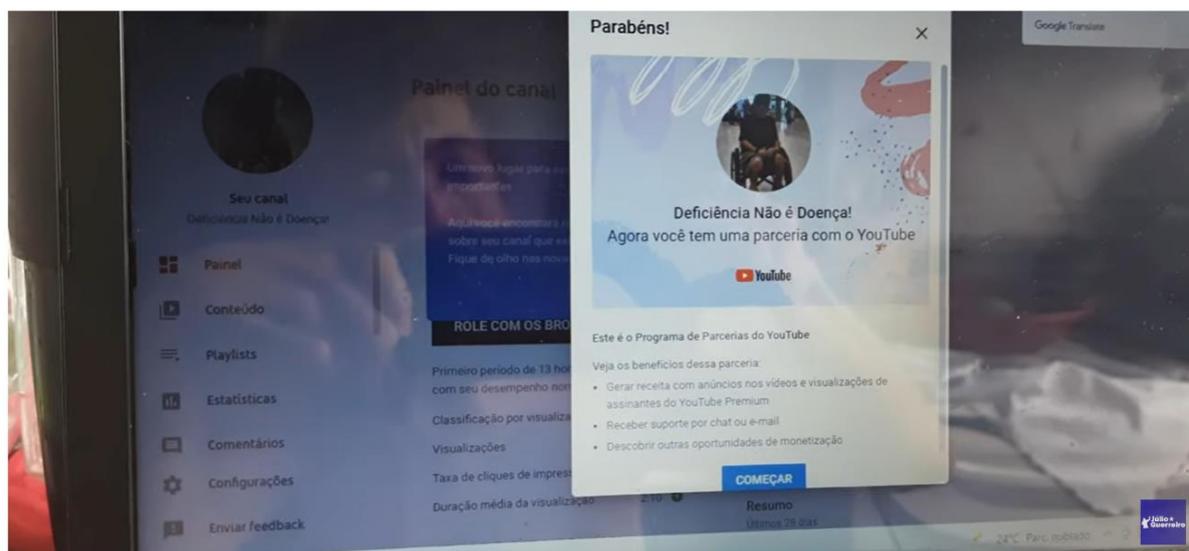
³⁰² ALMEIDA, 2019, p. 37.

³⁰³ ALMEIDA, 2019, p. 37.

³⁰⁴ Enfatiza-se que cada experiência, cada pessoa, cada grupo social oprimido é único e, logo, incomparável. “Em seu rosto, outrem é único e incomparável [...]” (LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 273.) Levinas lembra que mesmo Deus, ao chegar com um molde impondo a sua imagem, cria uma multiplicidade dessemelhante de “eus”.

³⁰⁵ RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Pólen, 2019b. (E-book). p. 7.

³⁰⁶ DEFICIÊNCIA não é doença. **Eu venci canal monetizado**. YouTube, 9 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6e1wf_4wfWQ&t=. Acesso em 25 jan. 2023.



SETE LAGOAS

EU VENCI CANAL MONETIZADO #deficiêncianãoédoença #setelagoas #monetização #canalmonetizado

Figura 11: Eu venci. Canal monetizado

Fonte: Print de tela, DEFICIÊNCIA, 9 nov. 2021.

#pratodosverem: print de tela do canal Deficiência não é doença. A imagem é uma fotografia feita por Júlio da tela do seu computador, com o fundo espelhando levemente Júlio fotografando. Do centro para a direita há um quadrado com uma imagem mostrando a mensagem do YouTube que diz: “Deficiência Não é Doença!” Agora você tem uma parceria com o YouTube.

A partir de Couldry e Hepp³⁰⁷, quando discorrem sobre “processos baseados em dados”, pode-se dizer que Júlio Guerreiro chegou ao “número” suficiente para ser “reconhecido”. A vida dele alcançou um público interessado em seu perfil fazendo com que fosse incluído na vida mensurável, quando “[...] a vida é despida de toda a narrativa de sentido. Ela não é mais o narrável, mas o mensurável e o contável.”³⁰⁸ Esse alcance leva a querer mais: “quanto mais intensa parece nossa vida social, maior a sua dependência recursiva aos meios de comunicação tecnológicos.”³⁰⁹

No caso de Júlio, vai na contramão do argumento de Byung-Chul Han quando menciona que “a comunicação atinge a sua maior velocidade lá onde o igual encontra o igual. O like acelera.”³¹⁰ O like acelerou, mas não exatamente porque Júlio encontrou “o seu igual”, ainda que pessoas com a sua síndrome, ou que possuem vínculos com pessoas que a possuem, seja também parte do seu público. Ora, ter o canal monetizado significa que houve “likes” e inscrições.³¹¹ Isso significa que está sendo

³⁰⁷ COULDRY; HEPP, 2020, p. 15.

³⁰⁸ HAN, 2021a, p. 36.

³⁰⁹ COULDRY; HEPP, 2020, p. 15.

³¹⁰ HAN, 2021a, p. 73.

³¹¹ Um inscrito, 4mil horas assistidas, Aprovação no regulamento da comunidade (sem violação de direitos autorais), Aprovação no cadastro do AdSense.

visto pela “sociedade da exposição”, que só confere valor se for visto.³¹² Júlio Guerreiro é seu próprio “objeto-propaganda”, assim como Lorena no seu canal CarecaTV, conforme Han entende a atuação das pessoas na sociedade expositiva.³¹³

Júlio cativou o “não igual”. Na verdade, ele chamou a pessoa aberta ao conhecimento³¹⁴ do outro ou da outra a partir da dor que, segundo Han, atua contra a comunicação e os “likes”. Desta forma, ao ter os seus “likes” e inscrições, Júlio se insere na sociedade e fez com que a sua dor fosse “[...] uma parteira do novo, uma parteira do inteiramente outro. A negatividade da dor interrompe o igual.”³¹⁵

Assim, ao mesmo tempo em que Júlio Guerreiro é vítima de opressão estrutural, ele mesmo celebra o seu “aceite” por parte da sociedade excludente. Trata-se de fazer parte de uma coletividade que está relacionada ao poder que a membresia dessa figuração exerce no mundo social, segundo Couldry e Hepp.³¹⁶ A partir do sociólogo Norbert Elias, Couldry e Hepp mencionam que essa figuração diz respeito ao pertencimento que faz com que as pessoas se tornem “[...] cada vez mais interdependentes por meio de fluxos de sentido, promessas, obrigações e performances.”³¹⁷

Desta forma, retoma-se Pierre Lévy quando destaca que uma sociedade é condicionada pelas técnicas (e tecnologias) desenvolvidas dentro de uma cultura. Enfatiza que é condicionada e não determinada tomando como exemplo a invenção do estribo, que possibilitou uma nova forma de cavalaria, “[...] a partir da qual foram construídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a causa do feudalismo europeu.”³¹⁸ Da mesma forma, as tecnologias e as mídias sociais não são a causa da exclusão. É bem verdade que o acesso pode ser mais fácil para algumas pessoas do que para outras. As políticas sociais por parte do Estado podem contribuir nesse aspecto, no sentido de ofertar acessibilidade ampla, seja no meio virtual seja no meio não virtual. As tecnologias e redes sociais acabam, mesmo, condicionando a

³¹² HAN, 2020b, p. 28.

³¹³ HAN, 2020b, p. 31.

³¹⁴ Esse conhecimento que rompe com a normatização só é possível a partir da dor: “apenas a dor surte uma transformação radical. [...] A dor aprofunda o pensamento.” (HAN, 2021a, p. 77).

³¹⁵ HAN, 2021a, p. 73.

³¹⁶ COULDRY; HEPP, 2020, p. 94-95.

³¹⁷ COULDRY; HEPP, 2020, p. 96.

³¹⁸ LÉVY, 1999, p. 25.

sociedade para novos tipos e formas de relações. A exclusão existia antes das redes sociais e continuará existindo com elas. O que se mostra essencial é a apropriação das tecnologias e das redes sociais por parte das pessoas excluídas.³¹⁹

Júlio Guerreiro mostra que é possível fazer parte da sociedade virtual, assim como Lorena em seu canal e, principalmente, fazer a diferença na sociedade mostrando a diversidade. Júlio, atualmente, se apresenta como palestrante motivacional, capoeirista, *influencer* digital e *TikToker*.³²⁰ Assinou um contrato de dois anos com o TikTok³²¹ para produção de vídeos no segundo semestre de 2022, o que possibilitou morar sozinho.³²² Desta forma, prossegue na tendência apontada por Couldry e Hepp, da necessidade da multiplicidade de mídias.³²³

Júlio e Lorena fazem parte da rede social digital e, ao se mostrarem, mostram a sua beleza e provocam a alteridade, com comentários como “fico muito feliz por vc”, além dos incentivos como “vencedor”, conforme a Figura 12:

³¹⁹ Pierre Lévy aponta que o risco de exclusão é real porque exige infraestrutura de comunicação de custo alto para regiões em desenvolvimento. Menciona que mesmo havendo disponibilidade, ainda é preciso passar pelos obstáculos humanos, como os “freios institucionais, políticos e culturais. Destaca, ainda, a necessidade de educar tecnologicamente. Além disso, a cibercultura reúne todas as heresias de forma caótica. Diante disso, defende que: “É certo que é preciso favorecer todas as formas adequadas de facilidade e redução dos custos de conexão. Mas o problema do “acesso para todos” não pode ser reduzido às dimensões tecnológicas e financeiras geralmente apresentadas. Não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa, etc. [...] Devem, em contrapartida, evitar o surgimento de novas dependências provocadas pelo consumo de informações ou de serviços de comunicação concebidos e produzidos em uma óptica puramente comercial ou imperial e que têm como efeito, muitas vezes, desqualificar os saberes e as competências tradicionais dos grupos sociais e das regiões desfavorecidas.” LÉVY, 1999, p. 243-244).

³²⁰ DEFICIÊNCIA não é doença. **Você é o meu convidado**. YouTube, shorts [s.d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6e1wf_4wfWQ&t=. Acesso em 26 jan. 2023.

³²¹ O TikTok é um aplicativo gratuito para os sistemas iOS e Android. Permite a criação e o compartilhamento de vídeos de 15 segundos a 3 minutos. (WALLAROOM. **TikTok Statistics** – Updated Sep 2021. 2021. Disponível em: <https://wallaroomedia.com/blog/social-media/tiktok-statistics/>. Acesso em: 10 fev. 2023. Segundo Cervi, o TikTok representa o espelho da chamada Geração Z, pessoas nascidas entre 1990 e 2010. CERVI, Laura. Tik Tok and generation Z. **Theatre, dance and performance training**, v. 12, n. 2, p. 198-204, 2021.

³²² DEFICIÊNCIA não é doença. **Vou me mudar, morar sozinho**. YouTube, 11 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RuLQGuogGog>. Acesso em 27 jan. 2023.

³²³ COULDRY; HEPP, 2020, p. 107.



Figura 12: “Fico feliz por vc”

Fonte: Print de tela, DEFICIÊNCIA, 9 nov. 2021.

#pratodosverem: print de tela do canal Deficiência não é doença com os comentários de cinco pessoas, quatro delas com a sua imagem ao lado do nome e uma com a imagem sendo a letra inicial do seu nome.

Desta forma, é possível pensar, ainda que de forma utópica, em mudanças estruturais da sociedade, ainda que o que se observa é justamente o contrário com a ascensão da sociedade do espetáculo. Isto significa que o processo histórico de categorização e classificação permanece em constante evolução, com novas roupagens. As pessoas são moldadas inconscientemente por essa sociedade, por uma ideologia que molda o inconsciente. No caso do racismo, e que se toma como premissa para as pessoas excluídas em geral, a ação das pessoas

[...] se dá em uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente. Ou seja, a vida cultural e política no interior da

qual os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes e onde formam os seus afetos é constituída por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas. Desse modo, a vida “normal”, os afetos e as “verdades” são, inexoravelmente, perpassados pelo racismo, que não depende de uma ação consciente para existir.³²⁴

Assim como o racismo acaba sendo uma consequência das construções sociais, as pessoas excluídas em geral assim são também por tais construções excluídas. Houve uma naturalização da “categoria racial branca”, construída no ponto de encontro entre o direito e os regimes de extorsão da força de trabalho³²⁵, e que teve a valorização das suas características físicas e tida como padrão de beleza. Novamente se chega às categorizações e às classificações das pessoas individualmente e dos grupos. “A superação do racismo passa pela reflexão sobre formas de sociabilidade [...]”³²⁶

Parafraseando Almeida, a superação da exclusão estrutural passa pela reflexão sobre formas de sociabilidade, ou seja, da convivência da diversidade, ou ainda, da liberdade a que tem direito essa diversidade. Sidnei Nogueira, a partir da negação da religiosidade e da cultura das “outras pessoas”, denuncia a falta de liberdade da diversidade. “Perseguições, nesse contexto, podem referir-se a julgamentos parciais, prisões ilegais, espancamentos, torturas, execuções sumárias, negação dos direitos e da liberdade civil.”³²⁷ No caso específico da perseguição religiosa, Nogueira destaca que as funções hermenêuticas desempenhadas pelas instituições religiosas, ao revelarem a sua “verdade”, considerada por seus seguidores como uma “verdade universal”, acaba por ser vista como uma afronta à “verdade” de uma maioria que é aquela inserida na sociedade estruturada.³²⁸

É importante, portanto, que as pessoas conheçam os lugares de fala das pessoas, como propõe Djamila Ribeiro, em seu livro “Lugar de fala”.³²⁹ A partir do contexto das mulheres, menciona que elas não são pensadas a partir de si, mas em comparação aos homens. Assim, as pessoas que não pertencem ao mesmo lugar são as outras. Essa perspectiva vai ao encontro da proposta em pesquisa, que é ouvir e ver as pessoas excluídas, “as outras”, nas suas necessidades, nos seus anseios, nas

³²⁴ ALMEIDA, 2019, p. 46.

³²⁵ ALMEIDA, 2019, p. 55.

³²⁶ ALMEIDA, 2019, p. 152.

³²⁷ NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020. (E-book). p. 28.

³²⁸ NOGUEIRA, 2020, p. 30-40.

³²⁹ RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019a. (E-book).

suas perspectivas, enfim, como um exercício de empatia para, então, ter uma base para propor atitudes, mudanças e assim por diante. Esse colocar-se na posição da outra pessoa é exemplificado por Ribeiro:

Simone de Beauvoir, em referência a Stendhal, autor que segundo a filósofa atribuía humanidade às suas personagens femininas, dizia que um homem que enxergasse a mulher como sujeito e tivesse uma relação de alteridade para com ela poderia ser considerado feminista. Esse mesmo raciocínio pode ser usado para pensar o antirracismo, com a ressalva de que sobre a mulher negra incide a opressão de classe, de gênero e de raça, tornando o processo ainda mais complexo.³³⁰

Boaventura de Sousa Santos menciona que relatar uma experiência, seja próxima ou estranha, ao converter gradualmente conjuntos de semelhanças e proximidade, leva a uma intermediação que possibilita tornar o estranho (o diferente) familiar. Chama esta tradução da experiência de solidariedade ativa, que implica em esforço e riscos, mas cujos conjuntos de semelhança e proximidade são capazes de ativar os imperativos éticos, no caso, “[...] uma vez que isto tem a ver comigo, tenho de me envolver.”³³¹

O teólogo José Míguez Bonino lança questionamentos acerca das motivações das pessoas para as suas ações, como por que fazer isto e não aquilo; como decidir, como saber o que é bom; qual a intensão, e assim por diante.³³² A esse respeito, sobre como fazer e o que fazer, o filósofo Michael J. Sandel, a partir do filósofo Immanuel Kant, destaca que o que importa é “[...] a boa ação seja feita por ser a coisa certa – quer isso nos dê prazer, quer não.”³³³ Trata-se do imperativo categórico, ou seja, incondicional.³³⁴

O filósofo Michael Rosen classifica a ética de Kant como a ética do dever, mas que poderia ser chamada, também, de ética da honra e do respeito.³³⁵ O que é de dever, assim deve ser feito, mesmo que não gere benefícios. Ou seja, há que se fazer simplesmente porque é o certo, é o que vem em benefício da humanidade: “Age de

³³⁰ RIBEIRO, 2019b, p. 11.

³³¹ SOUSA SANTOS, 2022, p. 125.

³³² MÍGUEZ BONINO, José. **Ama e faze o que quiseres**. São Bernardo do campo: Imprensa Metodista, 1982. p. 22.

³³³ SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 147.

³³⁴ SANDEL, 2022, p. 151.

³³⁵ ROSEN, Michael. **Dignidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2015. p. 134.

tal forma que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na de qualquer outra, sempre e ao mesmo tempo como um fim, e nunca simplesmente como um meio.”³³⁶

Graziano Ripanti, filósofo italiano contemporâneo, destaca, a partir do filósofo Martin Buber (1878-1965), que o Eu não é substância, mas relação, e que existe somente enquanto se refere a um Tu. Prossegue afirmando que a verdadeira alteridade não é uma percepção, mas é trata-lo por Tu. Primeiro há que se falar com a outra pessoa, antes de falar dela, para que não dilacere a relação. Este ato de falar com significa fazer com que a alteridade se realize. Por isso, a importância da alteridade, relacionada com a transcendência do Tu diante do Eu.³³⁷ Assim, não se trata de uma lógica da reciprocidade porque se equivaleria à lógica da relação comercial, mas de responsabilidade em relação à (e para com) outra pessoa.

À parte às discussões filosóficas, para fins da pesquisa, importa considerar a alteridade enquanto relação e, principalmente, a transcendência³³⁸ do Tu em relação ao Eu. Enquanto relação, há conhecimento acerca da outra pessoa, para além da percepção, e que considera envolvimento³³⁹ para com a outra pessoa.

Essa relação pressupõe fazer parte da dor da outra pessoa. Ao assumir a dor, a pessoa se relaciona com a outra. A dor faz enxergar. Enquanto a dor inexistente ou é anestesiada, os olhos são fechados para as dificuldades ou problemas, ou para aquilo que não se mostra como belo. A anestesia não torna aquilo que é considerado “feio” pelos padrões da sociedade em belo; a anestesia ignora (ou apaga momentaneamente, até precisar de nova dose anestésica) esse “feio”. “Sem dor somos, então, cegos, incapazes de verdade ou de conhecimento.”³⁴⁰

A dor, portanto, é vínculo, é realidade e acentua a autopercepção. “A anestesia permanente social impede o conhecimento e a reflexão, reprime a

³³⁶ KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 64.

³³⁷ RIPANTI, Graziano. Emmanuel Levinas e o infinito diálogo: introdução. *In*: LEVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 8-11.

³³⁸ Esta transcendência se dá a partir do rosto da outra pessoa. Scruton lembra, a partir de Levinas, que o rosto é transcendência, que “[...] rosto entra em nosso mundo compartilhado [...]” (SCRUTON, 2015, p. 106). O último capítulo destaca o rosto como ponto inicial das relações pessoais, como reflexo da integralidade da pessoa.

³³⁹ Papa Francisco vai mais além e fala em “ser envolvido”. (PAPA FRANCISCO. **O Nome de Deus é misericórdia**. Uma conversa com Andrea Tornielli. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016. p. 130).

³⁴⁰ HAN, 2021a, p. 62.

verdade”.³⁴¹ Byung-Chul Han defende que essa anestesia está relacionada com a individualização do ser humano porque está ocupado cuidando da própria felicidade. É o contrário da revolução, quando a dor é sentida em comum.³⁴²

Nesse contexto, as políticas sociais necessitam ouvir as pessoas e compreender as dores. Propostas, projetos, e leis são verticais, ou seja, sem ouvir – e sem sentir a dor – e sem, portanto, realmente conhecer o que reivindicam e precisam “as outras” pessoas que, “[...] como sujeitos coletivos, pulverizaram-se em suas características individuais, restringindo-se às suas particularidades de mulher, negro, judeu, homossexual etc.”³⁴³ Não há envolvimento para com a outra pessoa, muito menos relação. Por isso, Costa e Ianni ponderam que a política que universaliza não é mais efetiva porque são necessárias “[...] políticas específicas, inscritas nos campos setoriais da diversidade existente na sociedade.”³⁴⁴ Para alcançar essas políticas, e ter a sua voz ouvida, são fundamentais a permanência das “[...] expressões diversas da sociedade civil por meio da constituição de movimentos sociais de resistência e luta contra os perversos mecanismos de exclusão presentes no corpo social que ferem a existência humana.”³⁴⁵

Júlio Guerreiro, do canal “Deficiência não é doença”, é atuante. Ele manifesta a sua voz, expõe o seu chão, de modo que as decisões das políticas possam ser a partir da realidade e da necessidade de fato. “Não há inclusão, há exclusão. [...] faltam intérpretes, [...] acessibilidade [...], faltam oportunidades, ³⁴⁶

São essas falas, que estão inscritas nos campos setoriais da diversidade, que precisam ser consideradas como ponto de partida. O que se espera, conforme Ribeiro,

³⁴¹ HAN, 2021a, p. 29.

³⁴² HAN, 2021a, p. 30.

³⁴³ COSTA; IANNI, 2018, p. 465.

³⁴⁴ COSTA; IANNI, 2018, p. 465.

³⁴⁵ ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. Petrópolis: vozes, 2020. p. 121.

³⁴⁶ DEFICIÊNCIA não é doença. **Audiência pública**. YouTube, 4 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWGkGrZavoU>. Acesso em: 27 jan. 2023.

não é condescendência, para pessoas, por exemplo, com dificuldades cognitivas. Mas, sim, uma avaliação a partir da sua realidade a fim de que haja equidade^{347, 348}.

Como a presente pesquisa defende a educação como possibilidade de mudanças, ela mesma precisa ser revista, uma vez que também ela é excludente, inclusive quando se argumenta em favor de uma educação igual para todas as pessoas. Demo desmistifica essa educação igual no sentido de que as pessoas a buscam para se tornarem iguais. Na verdade, ela é buscada pelas pessoas para se destacarem em relação às demais. As oportunidades podem até ser equalizadas com a educação, capacitando as pessoas para as disputarem.³⁴⁹

Novamente as diferenças precisam ser consideradas, e a equidade enaltecida. Nessa linha, Demo menciona que as pessoas são iguais perante a lei porque ela não tem como declarar alguma pessoa superior à outra. No princípio jurídico, aponta o autor, todos são iguais. Na prática, todas as pessoas são diferentes, diferenciadas por muitos fatores, como família, origem, história de vida, contexto social, econômico e moral, além das características específicas, como identidade de gênero, etnia, religião, e assim por diante. Por isso, oferecer a mesma escola para todas as pessoas, no sentido de aplicar um método único como se todo o corpo discente fosse igual, mesmo que pareça uma questão de justiça, não é:

É, porém, injusto. A mesma escola, entre outras coisas, não sana atrasos dos excluídos, que podem ser astronômicos (por exemplo, falta de vocabulário na comunicação, déficits culturais informativos, falta de acesso a instrumentações que podem impactar a ascensão social, como computador/internet, livros e revistas, jornais, TV etc., alfabetização deficitária, e assim por diante). O excluído precisa de uma escola visivelmente

³⁴⁷ Cabe distinguir entre igualdade e equidade. A igualdade tudo nivela, enquanto equidade parte da potencialidade da pessoa. (WESTHELLE, Vitor. Perdão em perspectiva teológica. *In*: WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler et al. (Orgs.). **Perdão**: onde saúde e espiritualidade se encontram. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016). Assim, a equidade é justa, enquanto a igualdade, ao nivelar todas as pessoas sem considerar as suas especificidades, acaba sendo, neste caso, injusta. Pedro Demo insere o termo “igualitário e oportunidade. Afirma que “distinguímos acima entre “igual” e “igualitário”. Esta distinção é fundamental também para definirmos o que é “oportunidade”. “Oportunidade igual” é um contrassenso social na prática, porque se for “igual”, não é “oportuna”. Oportunidade é distintiva, ou seja, só é oportuna se trazer correspondente vantagem. Oportunidades não se distribuem horizontalmente, mas se ranqueiam verticalmente, em grande parte porque as sociedades se organizam hierarquicamente.” DEMO, Pedro. **Igualdade é coisa de pobre**: privilégio é o que importa. Ensaio sobre manobras de exclusão social e políticas educacionais. São Paulo: Amazon, 2020. (E-book). p. 56. Também importante mencionar Papa Francisco, quando discorre sobre a misericórdia, afirmando que somente a justiça não basta. A misericórdia supera a justiça porque nela se experimenta o amor, que é o fundamento da verdadeira justiça. (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 114). A misericórdia é destacada no último capítulo desta pesquisa.

³⁴⁸ RIBEIRO, 2019b, p. 13.

³⁴⁹ DEMO, 2020, p. 76.

superior (poderia ser a Escola Integral, na tradição de Darcy Ribeiro e Paulo Freire), tanto para poder sanar atrasos comprometedores, quanto para, apertando o passo, alcançar o mais rico e poder concorrer de maneira minimamente adequada.³⁵⁰

Conclui Demo que é necessário descobrir o lugar da igualdade, mesmo que como parâmetro negativo.³⁵¹ Isso significa partir da realidade da pessoa:

[...] quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades. Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma.³⁵²

Para isso, ressalta-se a interseccionalidade enquanto instrumento teórico-metodológico, “pensada como uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe.”³⁵³ Interseccionalidade é um conceito de Kimberlé Crenshaw. Segundo a autora, “[...] é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.”³⁵⁴ Trata sobre como os sistemas discriminatórios, como racismo, patriarcalismo e outros, criam desigualdades básicas. Com a interseccionalidade é possível verificar a colisão das estruturas.

[...] as contribuições de estudos acerca das diversidades na diversidade poderiam ser mais expressivas caso tencionassem mais fortemente discussões interseccionais. Quando falamos da diversidade de corpos, por exemplo, há aqueles considerados saudáveis e bonitos, em detrimento de outros. Há também o estigma social sobre pessoas que vivem com HIV, ainda erroneamente atrelado à homossexualidade masculina. É possível, de igual modo, problematizar as vivências da diversidade de famílias, para além da origem geográfica e cultural, com formatos distintos do considerado padrão – casal cisgênero, heterossexual, monogâmico, com filhos biológicos e/ou filhas biológicas. Além disso, como observado, muitos estudos denunciam violências das mais diversas formas sofridas por pessoas em contexto de diversidade. Isso suscita a reflexão de que novos termos incluídos na discussão são necessários para que essas questões sejam visibilizadas, como misoginia, machismo, sexismo, racismo, homofobia, bifobia, lesbofobia,

³⁵⁰ DEMO, 2020, p. 417.

³⁵¹ DEMO, 2020, p. 424.

³⁵² RIBEIRO, 2019a, p. 50.

³⁵³ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2018. (E-book). p. 15.

³⁵⁴ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002. p. 177.

transfobia, gordofobia, sorofobia, aporofobia, intolerância religiosa, entre outros.³⁵⁵

Assim, as exclusões das diversidades são contempladas na união das mesmas, não de forma isolada, fazendo com que ataques contra pessoas negras sejam, também, uma questão lésbica e gay. Isso porque, conforme Akotirene, não há uma hierarquia de opressão. Não se pode lutar contra uma forma de opressão apenas.³⁵⁶

Por isso, é através da interseccionalidade que é possível a articulação das divisões identitárias: “na heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento está interceptado pelas estruturas.”³⁵⁷ Há sofrimentos maiores do que outros? Sim, porém a luta contra a exclusão deve se dar de forma conjunta. Nesse sentido, o sofrimento hierarquizado necessita dar lugar à luta conjunta contra as exclusões. Isso porque há o que Carla Akotirene chama de “matriz de opressões”, uma origem comum, das falas comuns que se sobrepõem às falas das “outras” pessoas. A Interseccionalidade é, segundo Akotirene, desinteressada nas diferenças identitárias, mas preocupada com as desigualdades impostas pela matriz de opressão.³⁵⁸ Evidentemente, as narrativas individuais, e mesmo de grupos, é importante porque elas se juntam ao todo excluído.

Essa condição social, de pessoa marginalizada, é que definirá se a pessoa terá dinheiro, ou não, será presa, ou não.³⁵⁹ A estrutura social imposta define quem são essas pessoas. Também esta estrutura define o que é justiça e qual o castigo imposto, no caso, o cárcere como sinônimo de justiça.

Em sendo, portanto, a prisão um ato político, porque definida em regras políticas, todos e todas nós que atendamos a essas características do que deve ser abominado, marginalizado, controlado e, em última instância, exterminado, como mulheres, pobres, negras e LGBTQs, nos coloca na mira e na possibilidade de uma prisão. Precisamos pensar que as prisões não estão distantes de nós. Elas são produto de negligência e políticas que tratam diferenças como desigualdades.³⁶⁰

³⁵⁵ FRAGA *et al.*, 2021, p. 18.

³⁵⁶ AKOTIRENE, 2018, p. 34.

³⁵⁷ AKOTIRENE, 2018, p. 34.

³⁵⁸ AKOTIRENE, 2018, p. 40.

³⁵⁹ BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019. (E-book).

³⁶⁰ BORGES, 2019, p. 90.

A história é contada a partir do colonizador, do ponto de vista dos vencedores. As lutas de resistência são ignoradas, ou colocadas como uma nota de rodapé. É uma estrutura toda criada, um sistema que "[...] vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas."³⁶¹ É um sistema que nega a história e, conseqüentemente, os direitos das pessoas negras. Por isso, explica a autora, o racismo é parte da estrutura social e não necessita de intenção para se manifestar.

Portanto, nunca entre numa discussão sobre racismo dizendo 'mas eu não sou racista'. O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. A questão é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente—a inação contribui para perpetuar a opressão.³⁶²

As “outras pessoas” acabam buscando a visibilidade. Todas as pessoas são diferentes. Tais diferenças não são pejorativas, mas parte da diversidade. Por isso, tornar visível o invisível é essencial. Mas ver o invisível só é possível quando a pessoa está aberta para a outra. Significa naturalizar a diversidade.

É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como 'eu não vejo cor' não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso. Se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude.³⁶³

Joice Beth chama essa busca pela visibilidade de empoderamento, no caso, resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. O empoderamento, destaca a autora, inicia no momento em que as pessoas não somente reconhecem as forças sistêmicas que as oprimem, mas, também, atuam para mudar as relações de poder existentes. Trata-se de um processo direcionado para a transformação das forças do sistema que oprimem os setores excluídos em determinados contextos.³⁶⁴ A partir da feminista norte-americana Nelly Stromquist, Joice Berth destaca que

³⁶¹ RIBEIRO, 2019b, p. 7.

³⁶² RIBEIRO, 2019b, p. 7.

³⁶³ RIBEIRO, 2019b, p. 13

³⁶⁴ BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen: 2019. (E-book). p. 15-16.

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si própria, para levar as mulheres a atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente).³⁶⁵

O empoderamento deve ser compreendido enquanto aliança entre a conscientização crítica e a transformação prática. “O empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro.”³⁶⁶

A exclusão estrutural ocorre para todas as pessoas que não estão inseridas no padrão de uma sociedade projetada como ideal. A diversidade está à margem da sociedade. Diante disso, a pergunta que se coloca é como fazer parte de uma sociedade excludente? Seria a partir da inclusão? No entanto, a inclusão é, conforme Costa e Ianni, parte constitutiva da exclusão:

[...] isto é, não é uma coisa ou um estado, mas, sim, um processo que envolve o indivíduo perante a sociedade. É um produto do funcionamento do sistema. Seus mecanismos estão inseridos nas estratégicas histórias de manutenção de uma ordem social perversa, no estabelecimento de formas de desigualdade, nos processos de concentração de riqueza. O excluído é parte integrante de uma sociedade, de forma a sustentar uma dada ordem social.³⁶⁷

Para tanto, é necessário refletir sobre a sociedade contemporânea na sua diversidade a fim de verificar as possibilidades para uma “inclusão” sem que esta seja comprometida com a estrutura excludente.

3.3 DIVERSIDADE ESTRUTURAL

A inclusão é referida pelas pessoas excluídas do sistema, da estrutura excludente. Porém, referir-se à inclusão significa, por um lado, admitir a existência da exclusão e, por outro, a pretensão de ser inserido nesse sistema. A mentalidade escondida, inconscientemente, por trás do pedido pela inclusão é a de participar de uma sociedade machista, racista, homofóbica, meritocrática, e assim por diante.

Um motivo que pode ser colocado para a problemática em questão é o erro epistemológico para tratar da inclusão. Utilizar o termo “inclusão” acaba por reforçar

³⁶⁵ BERTH, 2019, p. 32.

³⁶⁶ BERTH, 2019, p. 104-105.

³⁶⁷ COSTA; IANNI, 2018, p. 1024.

que a sociedade é construída a partir de muros que determinam o que se considera “normal” ou dentro de um determinado “padrão”. A inclusão deveria reforçar o sentido da diferença, não como contraposição ao igual³⁶⁸, mas como parte da diversidade. Assim, inclusão é reivindicar pertença, ao mesmo tempo que é reivindicar o reconhecimento da diversidade, ao mesmo tempo que é identificar desigualdade e exclusão.

O que se propõe é a incorporar ao termo “inclusão” um sinônimo, no caso, “diversidade”. Ao reivindicar a inclusão, o que se está pedindo é para fazer parte da estrutura excludente. Por um lado, tal reivindicação pode parecer um contrassenso. Mas, por outro, significa afirmar, também, a diversidade.

Com certeza, ao se vislumbrar uma sociedade justa, a estrutura não pode ser excludente, mas que contemple a diversidade, um fenômeno natural. Assim, para compor uma sociedade, pode-se dizer que é necessária a estranheza, ou seja, o estranho a si, porque, conforme Byung-Chul Han, é um erro acreditar que permanecer no mesmo círculo (ou dentro de um mesmo quadrado) pode levar a uma vida bela e verdadeira.³⁶⁹

Assim, parte-se da utopia de que ao se naturalizar a diversidade, as gerações futuras não precisarão falar em “inclusão” que reporte à ideia de exclusão. Essa naturalização passa pela educação, pela escola, pela pesquisa, envolvendo os saberes e as experiências das pessoas que sofrem na carne a rejeição. O sofrimento está no corpo e no espírito das pessoas excluídas. Rubem Alves menciona que “Pensar é estar doente do corpo”.³⁷⁰ É o sofrimento que move para a reflexão, para a pesquisa e para a visibilização da diversidade.

Nas palavras de Byung-Chul Han, “A dor aprofunda o pensamento.”³⁷¹ Com a dor começa a narrativa, menciona Han: “A narrativa cristã verbaliza a dor e transforma também o corpo da mística em palco. A dor aprofunda a relação com Deus. Ela produz

³⁶⁸ ORRÚ, 2020, p. 120-121.

³⁶⁹ HAN, 2017a, p. 12-14.

³⁷⁰ ALVES, Rubem apud REBLIN, Iuri Andréas. Quando o saber tem doses saborosas de coragem, ousadia e muita experiência. *In*: PAIVA NETA, Raimunda Ferreira. **Educação inclusiva construída com os professores**: uma experiência exitosa. Passo Fundo: IMED, 2016. p. 19.

³⁷¹ HAN, 2021a, p. 77.

uma intimidade, uma intensidade.”³⁷² Essa dor, é tida por Han como verdade que se tornou carne.³⁷³

A dor da indiferença e do desejo de ser incluído na estrutura excludente fez com que Júlio Guerreiro iniciasse o seu canal de YouTube para mostrar que é deficiente, diferente, mas não doente. Para definir o termo “deficiência”, recorre-se a Fernando, irmão de Júlio, uma vez que se trata de uma pessoa que a vive cotidianamente. Ele menciona que “deficiência é uma falta de alguma coisa. Ou seja, falta de movimentos, de visão, mas isso não impede de ser uma pessoa bem sucedida.”³⁷⁴ Júlio segue a conversa afirmando que “ser deficiente é ser diferente, que você consegue fazer coisas que as pessoas ‘normais’ não conseguem.”³⁷⁵ Em outro vídeo, Júlio pergunta ao irmão o que é ser deficiente, ao que Fernando responde: “é ser normal!”³⁷⁶

Júlio menciona que tem cinco irmãos, quatro “normais”, mas que ele faz coisas que os demais não conseguem, assim como eles fazem outras coisas que ele não faz.³⁷⁷ De maneira simples, a partir do seu chão, os irmãos definem deficiência e caracterizam a diversidade das pessoas, que cada uma é diferente da outra, com aptidões e habilidades diferentes.³⁷⁸

A diversidade é compreendida como um conceito polissêmico, que contempla, conforme Fraga *et al.*:

[...] noções de representatividade, proporcionalidade, equidade de oportunidades, respeito às diferenças e inclusão. [...]. Como conceito vivo, a diversidade é dinâmica e indissociável de aspectos históricos, bem como de atravessamentos sociais, econômicos, políticos e culturais. Entendida como um termo guarda-chuva, a diversidade abrange questões relativas a gênero, corpo, estética, deficiência, raça, cor, etnia, geração, sexualidade, orientação sexual, religião, formação, classe social, origem geográfica e cultural, entre outras. Além disso, abarca a inclusão de pessoas estigmatizadas socialmente por diferenças mais aparentes ou imperceptíveis num primeiro momento.³⁷⁹

³⁷² HAN, 2021a, p. 44.

³⁷³ HAN, 2021a, p. 61.

³⁷⁴ DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019, 5’.

³⁷⁵ DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019, 6’.

³⁷⁶ DEFICIÊNCIA não é doença. **Temos a Síndrome de Escobar**. YouTube, 1 maio 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q241hTSDTPA>. Acesso em 27 jan. 2023. 7’.

³⁷⁷ DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019, 7’.

³⁷⁸ DEFICIÊNCIA, 1 maio 2019..

³⁷⁹ FRAGA, 2021, p. 17-18.

O poder para categorizar ou definir quem é incluído ou excluído é da pessoa que detém o poder simbólico de instituir novas identidades, é a própria estrutura social excludente. É ela quem determina a referência do que é o normal para dizer o que é o diferente. Nesse sentido, cabe mencionar a relação que se estabelece entre deficiência e doença, e ser normal. Por isso, importante considerar as palavras de Cavalcanti:

Reconhecer a limitação do nosso ponto de vista pessoal ajuda também na avaliação das opções minoritárias presentes na sociedade. Em geral, as posições majoritárias são mais bem conhecidas e mais bem compreendidas. No entanto, aquilo que é vivido por alguns poucos é mais difícil de ser analisado. Facilmente, pode-se julgar precipitadamente, olhar com as lentes equivocadas, sem o devido contexto.³⁸⁰

Observa-se como é difícil reconhecer as limitações alheias mesmo para quem faz parte deste grupo marginalizado. Wellington Germano, convidado do canal “Deficiência não é doença”, quando apresenta seu filho Mateus, fala de intercorrências durante duas cirurgias logo que nasceu, que foi desenganado pelos médicos, mas que “pela misericórdia do grandioso Deus, Mateus abriu os olhos e sem sequela nenhuma Mateus acordou [...] e hoje ele está saudável e inteligente. [...] isso é uma dádiva de Deus.”³⁸¹ A fala remete à interpretação do que é a deficiência causada pela síndrome: a síndrome é fato, a deficiência é reiteradamente mencionada, mas, também, o aspecto de ser saudável. No vídeo, podem ser observadas as sequelas em Mateus, na sua locomoção, por exemplo. Assim, Mateus é deficiente, mas não doente. Ser saudável está relacionado, para Wellington – e mesmo para Júlio Guerreiro, que reiteradamente menciona que “deficiência não é doença” – com não ter uma doença.

Desta forma, cabe mencionar que o próprio canal “Deficiência não é doença” passa a ter o poder de categorizar pela identidade do seu proprietário, sendo avalizado pelas suas visualizações e inscrições. Assim, ao reivindicar a sua visibilidade, o direito de fazer parte da sociedade, acaba, no entanto, estigmatizando a “doença” de forma geral. Ao definir que a sua deficiência não é doença, lança inconscientemente a sua “discriminação inconsciente” para com as pessoas doentes. A família de Wellington Germano, com o filho Mateus com a mesma síndrome, também menciona não ser uma doença.

³⁸⁰ CAVALCANTI, 2013, p. 30.

³⁸¹ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 6’.

Conjectura-se haver uma necessidade de se distanciar das “doenças” em si, talvez, para não passar a ideia de que a sua deficiência seja contagiante. É o caso da hanseníase, por exemplo. Iací Proença Paolmeira, Ana Beatriz Azevedo Queiroz e Márcia Assunção Ferreira atribuem à construção de saberes sociais, de forma a marcar literalmente o ambiente.³⁸² Importante mencionar que a hanseníase, por muito tempo, incurável e mutiladora, tem tratamento e cura, e que após o início do tratamento, a pessoa portadora não é mais transmissora, conforme aponta estudo realizado por profissionais da saúde.³⁸³ O mesmo ocorre com outras doenças que, contagiosas ou não, trazem estigmas na sociedade, como Psoríase³⁸⁴, Tuberculose³⁸⁵, doenças mentais³⁸⁶, HIV/AIDS³⁸⁷, e assim por diante.

Lorena, do Canal Careca TV, que teve uma doença, o câncer, em sua apresentação, ao justificar sua voz trêmula, pede que as pessoas “não liguem” e menciona que é normal: “Às vezes eu dou uma tremida [na voz] também. Mas não liga. Eu sou normal³⁸⁸.”³⁸⁹ Quando perguntada, nos comentários de um dos vídeos, sobre a sua voz, se voltaria ao “normal”, tanto pergunta como respostas, mesmo que não da própria Lorena, desconstroem o “normal” enquanto padrão comum, conforme a Figura 13.

³⁸² PAOLMEIRA, Iací Proença; AZEVEDO QUEIROZ, Ana Beatriz; ASSUNÇÃO FERREIRA, Márcia. Quando o preconceito marca mais que a doença. **Tempus–Actas de Saúde Coletiva**, v. 6, n. 3, p. ág. 187-199, 2012.

³⁸³ SOUZA CID, Renata Dias et al. Percepção de usuários sobre o preconceito da hanseníase. **Rev Rene**, v. 13, n. 5, p. 1004-1014, 2012. p. 1013.

³⁸⁴ GUEDES, Daniele Ramos; DA CUNHA FERREIRA, Solange. A trajetória de uma vida marcada pelo preconceito e exclusão social em decorrência do estigma da Psoríase: Relato de caso. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e7889109107-e7889109107, 2020.

³⁸⁵ FERNANDES, Thauana dos Santos et al. Estigma e preconceito na atualidade: vivência dos portadores de tuberculose em oficinas de terapia ocupacional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. e300103, 2020.

³⁸⁶ SILVA MOURA, Dinoelma et al. Condição da Loucura: Invisibilidade e Preconceito. **Semioses**, v. 13, n. 3, p. 57-65, 2019.

³⁸⁷ ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de et al. Análise da resiliência entre pessoas que vivem com HIV/AIDS: um estudo psicossocial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

³⁸⁸ Esta é a mesma frase dita por Júlio Guerreiro em seu canal, Deficiência não é doença, quando do recebimento da mensagem do YouTube informando a monetização do canal. (DEFICIÊNCIA não é doença, 19 nov. 2021, 4’).

³⁸⁹ CARECATV, 28 mar. 2016, 1’.

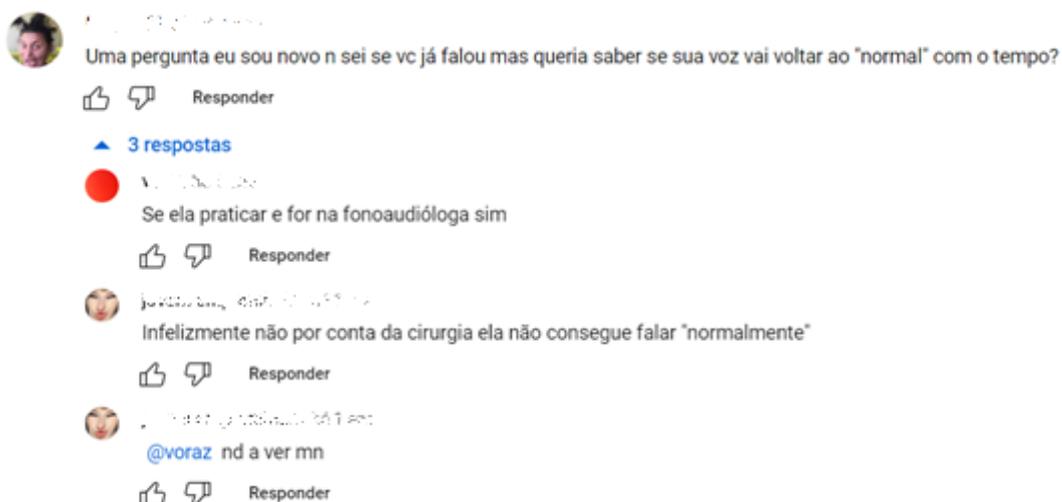


Figura 13: Voz “normal”

Fonte: Print de tela, CARECATV, 2 de jul. de 2021.

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV com quatro comentários. São três reações à pergunta de uma pessoa sobre quando a voz de Lorena voltará ao normal.

“Normal”, para Lorena, é falar dentro das suas possibilidades, ou, como ela mesma diz em resposta a outro comentário, “falo assim ‘estranho’”, conforme a Figura 14:

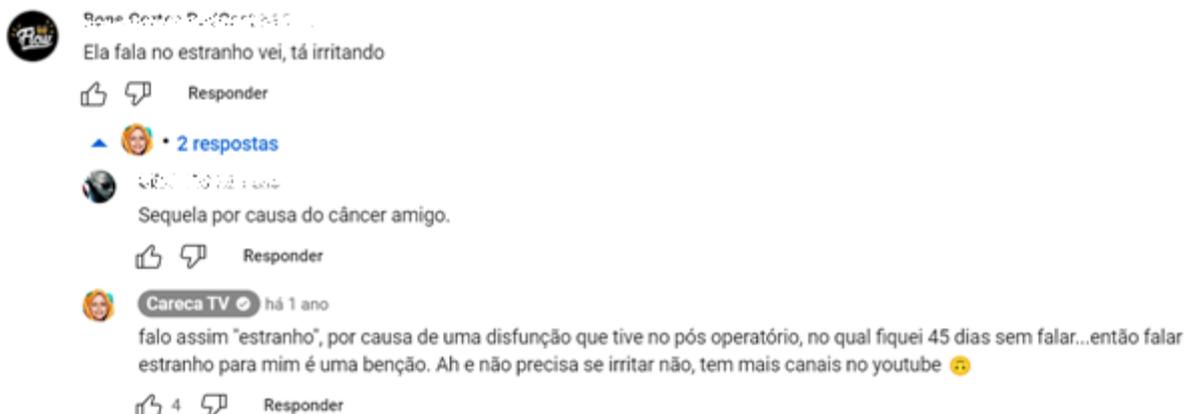


Figura 14: Fala “estranha”

Fonte: Print de tela, CARECATV, 2 de jul. de 2021.

#pratodosverem: print de tela do canal CarecaTV com três comentários. São duas reações a um comentário acerca da voz de Lorena, que seria irritante. A última reação é da própria Lorena explicando o porquê de a sua voz ser assim e que a pessoa não precisa ficar irritada e que há mais canais no YouTube.

Na mesma Figura 14 se observa como Lorena rejeita o “feio”, aquilo que não é belo, que não é o bem, ao afirmar “Ah e não precisa se irritar não, tem mais canais

no YouTube.” Toda a experiência de vida da adolescente Lorena é evidenciada nesta fala, de rejeitar o feio. “Saber olhar é também saber rejeitar o que é feio.”³⁹⁰

Desta feita, Lorena, ao se inserir na sociedade em rede, tem o poder de transformar a visão de mundo, se faz reconhecer, ou seja, acaba tendo o poder influir em possíveis recategorizações, daquilo que já estava instituído como “normal”. Segundo Pierre Bourdieu, o poder simbólico é aquele

[...] poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer e fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário.³⁹¹

Talvez Lorena não tenha o poder de fazer exatamente o que Bourdieu pondera, que se trata de um poder que faz as coisas com palavras. Mas consegue, pelo menos, em seu nicho, relativizar a normalidade. É, portanto,

[...] um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isso significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é selecionada e designada como tal, um grupo - classe, sexo, religião, nação - só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido, segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento.³⁹²

E, novamente a pergunta: quem detém esse poder que pode ser visto em toda a parte, em todos os campos? E novamente Lorena faz o que Bourdieu defende, que é preciso saber descobrir, lá onde ele se deixa ver menos, ou onde é ignorado: “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que exercem.”³⁹³

Outro exemplo de questionamento da homogeneização é o canal “Vanny e Netto Oficial”, dos pais de uma criança com nanismo. A visibilização de histórias como a de Netto, sete anos evidenciam, novamente, a diversidade humana. Na descrição consta que o canal tratará sobre “[...] maternidade atípica, história de superação,

³⁹⁰ CAVALCANTI, 2013, p. 92,

³⁹¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 14.

³⁹² BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 167.

³⁹³ BOURDIEU, 2010, p. 8.

educação, informações sobre nanismo [...]”³⁹⁴, além de atividades do cotidiano. Tal poder está, em princípio, na homogeneização latente da sociedade, nos mecanismos de enquadramentos, de invisibilização, de naturalização, na eliminação das diferenças, conforme apontam Élcio Cecchetti, Lilian Branck Oliveira e Lúcia Schneider Hardt. Porém, conforme os autores, é preciso questionar toda e qualquer relação que produz discriminação, preconceito, segregação e violência.³⁹⁵

Lorena abriu espaço para perguntas das pessoas. Uma delas foi sobre Bullying, afirmando ter sofrido bastante. Destaca comentários como: “por que dar like, ela vai morrer?” Byung-Chul Han acerca dos “likes”, menciona que a sociedade positiva – aquela que desconstrói a negatividade em favor da positividade – destaca justamente que não há espaço para a negatividade porque “o veredicto da sociedade positiva é este: ‘me agrada’”. É significativo que o facebook se negue coerentemente a introduzir um *emotion* de *dislike button*.³⁹⁶ O “Like”, também, acelera a comunicação, segundo Han, e eleva seu valor econômico. Também destaca a perda do cabelo como fator de bullying, mas que não deu importância “[...] porque as pessoas não fazem a mínima ideia do que eu passei, do que as pessoas passam no hospital. [...] Não tô nem aí para o que dizem.”³⁹⁷

Na contemporaneidade, na mesma medida em que desaparecem os contextos que dão sentido e identidade, com a desintegração do horizonte experimentado como um vazio dolorido, como uma crise da narrativa, é possível vislumbrar uma nova práxis da liberdade.³⁹⁸ As redes sociais de pessoas como Lorena motivar para uma nova práxis uma vez que expõem a outra pessoa e luta contra a homogeneização. No entanto, a homogeneização torna invisível o indesejado, o que não traz benefício às estruturas culturais. Cecchetti, Oliveira e Hardt compreendem que os mecanismos de poder das sociedades contemporâneas modelam as pessoas

³⁹⁴ VANNY e Netto Oficial. **Descrição**. YouTube, 16 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/@vannyenettooficial2150/about>. Acesso em: 30 jan. 2023.

³⁹⁵ CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck; HARDT, Lúcia Schneider. Educação, diversidade religiosa e cultura da paz: cuidar, respeitar e conviver. In: FLEURI, Reinaldo Matias et al. (Orgs.). **Diversidade Religiosa e Direitos Humanos: Conhecer, respeitar e conviver**. Blumenau: Edifurb, p. 203-228, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32111-diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 jan. 2021. p. 212.

³⁹⁶ HAN, 2020b, p. 24.

³⁹⁷ CARECATV. **Sofri bullying por ser careca? - careca responde**. YouTube, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ur3SoL7Irlw>. Acesso em 24 jan. 2023. 10’.

³⁹⁸ HAN, 2017a, p. 93-94.

segundo o universo simbólico hegemônico, sendo a dimensão econômica a privilegiada e como critério de definição das identidades pessoais e coletivas.³⁹⁹ Para isso, é necessário articular igualdade e diferença, não negando ou afirmando um polo, mas no sentido dialético entre ambas, superando desigualdades e reconhecendo as diferenças.

Na realidade, a igualdade não está oposta à diferença e sim à desigualdade. Diferença não se opõe à igualdade e sim à padronização, à produção em série, a tudo o “mesmo”, à “mesmice”. O que estamos querendo trabalhar é, ao mesmo tempo, negar a padronização e também lutar contra todas as formas de desigualdade presentes na sociedade. Nem padronização, nem desigualdade. E sim lutar pela igualdade e pelo reconhecimento das diferenças.⁴⁰⁰

O problema não está na diferença, uma vez que “[...] a diversidade significa riqueza, de sorte que as diferenças não são problemas. Segundo ele: O problema existe quando a diferença instrui desigualdade.”⁴⁰¹ O risco se dá quando a diferença fundamenta a desigualdade. A busca por um tratamento diferente/diferenciado só será edificante quando se partir da premissa que se trata de diversidade. Assim se naturaliza a diversidade. Capellini vislumbra que “no futuro, ninguém mais tenha que aprender a conviver com o outro sujeito ‘diferente’, pois a perspectiva é que essa diferença humana desde a mais tenra idade seja incorporada como parte da nossa cultura.”⁴⁰²

Diante disso, defende-se que todas as pessoas possam participar das redes sociais. As suas particularidades e suas singularidades, diferentes dos padrões ou das normativas que estabelecem um tipo de sociedade ideal, em que aquilo que é construído como “feio” é ignorado e repudiado, podem ser “monetizadas”, podem ser “famosas”, podem expor as suas “diferenças”. A tarefa está em fazer as pessoas pisarem no chão da diversidade e isto se dá através da abertura para o outro e para a outra, a começar por olhar a pessoa e ver refletida a sua própria imagem enquanto pessoa criada à imagem e semelhança de Deus. Significa olhar para a outra pessoa com amor e alteridade.

³⁹⁹ CECCHETTI; OLIVEIRA; HARDT, 2013, p. 209

⁴⁰⁰ CANDAU, V. M. Direitos humanos, diversidade cultural e educação: a tensão entre igualdade e diferença. In: FERREIRA, L. de F. G.; ZENAIDE, M. de N. T.; DIAS, A. A. (orgs.). **Direitos humanos na educação superior**. Subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 205-228, 2010. p. 211.

⁴⁰¹ CARNEIRO, 2017, p. 123.

⁴⁰² CAPELLINI, 2017, p. 135.

O reconhecimento é “ensinado” pelas próprias pessoas fora dos padrões sociais. Júlio Guerreiro, quando da realização de uma cirurgia bucal, passou pela experiência de ter que ficar quinze dias sem falar. Isso não impactou na realização dos seus vídeos, pelo contrário, o fez reconhecer a importância da aprender libras.⁴⁰³ É bem verdade que os vídeos seguintes não tiveram tradução em Libras. Aliás, provavelmente, porque os vídeos do YouTube possuem a ferramenta das legendas, o que facilita no processo. No entanto, houve por parte de Júlio, o reconhecimento de mais um grupo em meio à grande diversidade.

A igualdade está na promoção dos direitos humanos, no reconhecimento das diferenças, “[...] o que supõe lutar contra todos os processos de exclusão, desigualdades, preconceitos e discriminações existentes na atualidade.”⁴⁰⁴ Assim, se reconhece a outra pessoa para educar e se educa para reconhecer também a outra pessoa. Conforme Orrú, “entender a diferença como própria da espécie humana é imprescindível para a construção de uma educação que nos liberta a todos das algemas da opressão pelos preconceitos e discriminações [...]”.⁴⁰⁵

Demo destaca igualdade e diversidade são termos dialéticos imbricados:

[...] as pessoas e sociedades são iguais e diversas, perfazendo esta condição o mesmo direito. No início, o movimento feminista fixou-se na igualdade de condição, mas logo deu-se conta de que “ser diferente” era parte crucial de “ser igual”. Este é, ademais, um recado formidável da evolução: a biodiversidade. A natureza não produz seres iguais, porque os dota de individualidades/personalidades próprias, em especial no nível da experiência subjetiva. Nem produz “desiguais”, mas diversos, diferentes. A desigualdade é produto sócio-histórico – “natural” neste sentido (ou “naturalizado”).⁴⁰⁶

Para isso, Orrú menciona a escuta sensível e atenta às vozes daqueles que chama de “superviventes”, as pessoas que resistem e se movem através de uma força incomum, que são e que fazem movimentos: “Eles se constituem e se (re)conhecem nas adversidades e nos territórios hostis das distorções que regem as exclusões. Eles re-existem em movimento de mutação.”⁴⁰⁷

⁴⁰³ DEFICIÊNCIA não é doença. **Venci a primeira etapa.** YouTube, 22 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7Wg1ThXLjl>. Acesso em 27 jan. 2023. 3’.

⁴⁰⁴ CECCHETTI; OLIVEIRA; HARDT, 2013, p. 211.

⁴⁰⁵ ORRÚ, 2020, p. 135.

⁴⁰⁶ DEMO, 2020, p. 19.

⁴⁰⁷ ORRÚ, 2020, p. 137.

Um caso sobre a escuta sensível e atenta é dado por Diniz Candido, uma pessoa cega, que tem o canal “Mundo Cegal”. Diniz conta que, certa vez, na estação de trem, veio um funcionário oferecer ajuda. Como ele conhecia as estações, agradeceu e recusou. Mas o funcionário insistiu e permaneceu ao lado de Diniz. Houve um diálogo no qual Diniz reiteradamente dizia que não precisava da ajuda, que o funcionário poderia ficar à disposição de outras pessoas que pudessem necessitar ajuda. Mas de nada adiantou. Aconteceu que, na escada rolante, ao chegar no final, uma das pessoas que acompanhava Diniz caiu. Diniz publicou a história em suas redes sociais e foi duramente criticado, motivando o vídeo. Mais uma vez ele expôs que, se quer ajudar, não insista quando há recusa. Isso porque a pessoa sabe das suas possibilidades. Porém, como ele mesmo salienta, “[...] as pessoas compram o discurso capacitista [...]”.⁴⁰⁸

A criação do canal “Sobre Rodas Oficial” também tem esse objetivo, de expor o que é a deficiência e do que as pessoas deficientes precisam e o que não precisam. A forma de educar o olhar das pessoas é justamente desta forma, quando as pessoas deficientes (e isso vale para toda a diversidade humana que não está dentro dos padrões “normais”) se mostram e falam. Na descrição, o canal expõe que

Este canal foi criado para mostrar como é a vida de uma pessoa com deficiência, para mostrar a vocês que não paramos no tempo, que mesmo com alguns obstáculos em nossa frente podemos sim ter uma vida social como qualquer outra pessoa, podemos nos apaixonar, casar, ter filhos, enfim. Muitas vezes podemos fazer muito mais coisas que uma pessoa sem deficiência alguma.⁴⁰⁹

Descrições enfáticas como esta são necessárias para explicar o que é o capacitismo que, por sua vez, não é tema de aula, da educação escolar, a não ser quando tratado como um tema transversal. Assim, as pessoas precisam saber que “o termo capacitismo denota, em geral, uma atitude ou discurso que desvaloriza a deficiência, em oposição a uma avaliação positiva da integridade corpo, que é equiparado a uma suposta condição essencial humano normal.”⁴¹⁰ Para não se render

⁴⁰⁸ MUNDO CEGAL. **Quer mesmo ajudar? Então não insista quando houver recusa.** YouTube, 28 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dZcFEvQN-vs>. Acesso em: 30 jan. 2023. 3’.

⁴⁰⁹ SOBRE RODAS Oficial. **Descrição.** YouTube, 3 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/@SobreRodas/about>. Acesso em : 30 jan. 2023.

⁴¹⁰ *El término capacitismo denota, en general, una actitud o discurso que devalúa la discapacidad, frente a la valoración positiva de la integridad corporal, la cual es equiparada a una supuesta condición esencial humana de normalidad.* TOBOSO-MARTÍN, Mario. **Capacitismo.** Instituto de Filosofía, CSIC, 2017. Disponível em:

ao discurso capacitista⁴¹¹, é necessário compreender que a diversidade também está na estrutura. Assim, a diversidade estrutural, ou seja, as diferenças presentes na sociedade precisam ser ouvidas. Permanece a defesa da educação, tanto escolar, como do olhar, como forma de romper com a exclusão estrutural na medida em que forma uma geração.

O reconhecimento das diferenças a partir da educação do olhar se dá quando os olhos passam a enxergar as pessoas na sua diversidade e identidade. Significa, conforme Paulo Freire, colocar-se em face do “não eu” para compreender esse “não eu”.⁴¹²

Como não enxergar que a vida na diversidade é plena, olhando a Figura 15?

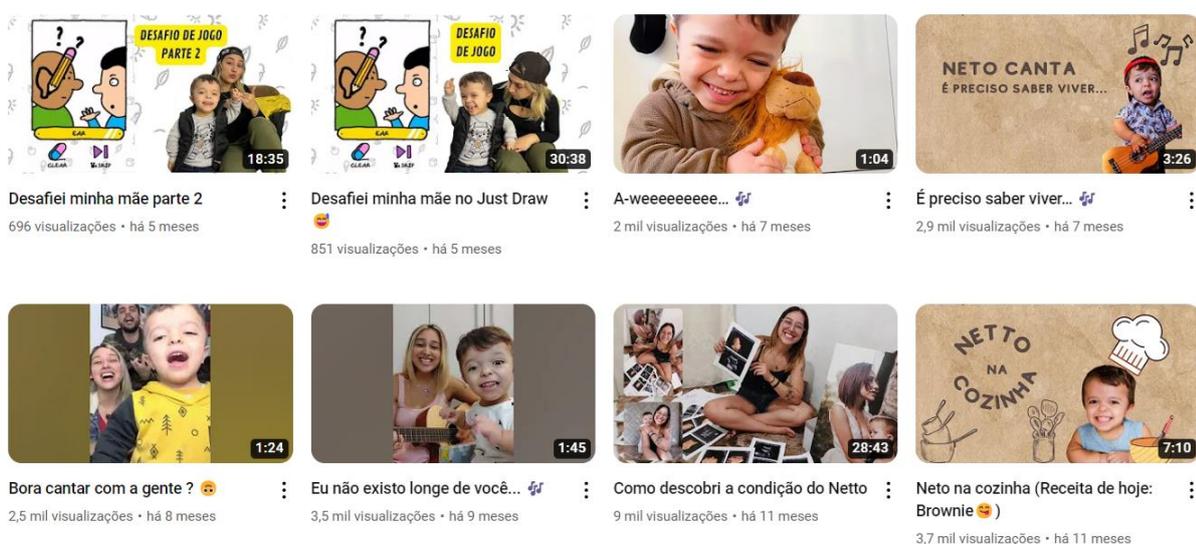


Figura 15: Vida plena na diversidade

Fonte: Print de tela, VANNY e Netto Oficial, capa.

#pratodosverem: print de tela do canal Vanny e Netto Oficial com a miniatura das capas de oito vídeos do canal distribuídos em duas linhas de quatro com Netto e sua mãe em destaque na maioria.

Couldry e Hepp mencionam que a pessoa que não possui uma rede social pode muito bem estar morta. A pessoa, ou mesmo uma instituição, precisa falar sobre

https://digital.csic.es/bitstream/10261/153307/1/2017_Capacitismo_Cap_Barbarismos%20queer.pdf
f. Acesso em: 30 jan. 2023. p. 1. (Tradução nossa).

⁴¹¹ Ao ser questionado se poderia ser um youtuber com “Pai, eu posso?”, conforme destacado na introdução desta pesquisa, o pesquisador - e pai - acreditava que se tratava de uma pergunta sobre as possibilidades de ser um youtuber com as suas particularidades. A pesquisa mostrou que o próprio pai – e pesquisador – estava tomado pelo discurso capacitista. Na verdade, a pergunta tinha a conotação de simples permissão, assim como um filho pergunta se pode ir a uma festa, sair com pessoas amigas, e assim por diante. Por trás da pergunta, por parte do filho, as suas particularidades não faziam diferença nenhuma. E não fazem! Do ponto de vista destas particularidades ele pode ser um youtuber.

⁴¹² FREIRE, Paulo. **Ação cultural:** para a liberdade e outros escritos. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

si, modular o seu valor único, evidenciar a sua marca pessoal ou profissional e não apenas identificar a sua diferença, mas comunicá-la, e ter “[...] seus rastros digitais apresentados em um espaço relevante de avaliação.”⁴¹³ Os canais do YouTube de pessoas fora dos padrões da sociedade do espetáculo, como os mencionados na pesquisa, acabam por se inserir dentro desta lógica neoliberal de “venda de si” também, como no caso de Júlio ao vibrar com a sua monetização. Porém, atua, também, na lógica inversa do mercado, para a visibilização e o reconhecimento de si, da sua pessoa dentro da diversidade humana.

A educação escolar, por exemplo, é protagonista na promoção dos direitos humanos e no reconhecimento das diferenças: “[...] os sistemas de ensino e as instituições educacionais têm um papel fundamental no sentido de construir currículos e práticas que considerem a perspectiva das diferentes culturas”.⁴¹⁴ Para isso, a educação auxilia a questionar as hierarquias e os padrões culturais universalizantes que impedem o conhecimento da outra pessoa e fazer esta nos conhecer também, numa espécie de educação intercultural (questionando essa construção de um monoculturalismo universal). Os currículos com perspectiva intercultural, bem como a abordagem das diferenças de forma contextual se fazem necessários. No entanto, Pedro Demo argumenta que a educação tem a tendência a ser estratégia de intensificação da pobreza porque proporciona vantagens para algumas pessoas, e outras não são capazes de efetivar.⁴¹⁵ Não se trata, afirma o autor, de fechar a escola, mas reinventá-la, para que possa ser relevante para a emancipação das pessoas excluídas.

Nesse sentido, Silvia Ester Orrú destaca a complexidade da inclusão e da diferença, defendendo que a diferença é um atributo de todas as pessoas, algo intrínseco à condição humana. Dar atenção para a singularidade de cada pessoa, na escola, por exemplo, leva a um desafio sobre a forma como a educação é posta em prática, partindo de premissas como a não existência de turmas homogêneas, levando ao rompimento com metodologias e currículos estanques.⁴¹⁶

⁴¹³ COULDRY; HEPP, 2020, p. 191.

⁴¹⁴ CECCHETTI; OLIVEIRA; HARDT, 2013, p. 212.

⁴¹⁵ DEMO, 2020, p. 17.

⁴¹⁶ ORRÚ, Silvia Ester. **O re-inventar da inclusão**: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Petrópolis: Vozes, 2017.

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone menciona que as disposições dos documentos sobre a educação inclusiva em comparação com a realidade encontrada, evidencia que a teoria não corresponde com a prática. “Ou seja, alcançar a educação inclusiva demanda uma postura prática contextual com a realidade sociocultural.”⁴¹⁷ A educação deveria ser emancipatória, mas depende muito da infraestrutura, além da leitura da realidade, como propõe Paulo Freire.⁴¹⁸ Num mundo permeado pela exclusão estrutural,

[...] qualquer diferença, diversidade, variação é motivo suficiente para virar subalternidade, desigualdade, hierarquia. [...] Educação em geral entra neste composto como estratégia de refinamento de distinções vantajosas, revertendo-se em integrações sociais hierarquizadas, verticalizadas, não horizontalizadas.⁴¹⁹

Por isso, há a necessidade da educação emancipatória, da leitura da realidade e da educação do olhar das pessoas. E quem sinaliza para essa educação emancipatória são os próprios grupos excluídos. A própria educação escolar, enquanto lugar de discussão acerca dos direitos humanos, necessita ser revista, na medida em que ela mesma acaba reproduzindo e fomentando a exclusão, assim como os olhares precisam ser educados. A escola é, também, um dos lugares de fala das pessoas excluídas, enquanto espelho da diversidade social. Porém, se enfatiza que é necessária a educação do saber olhar que não se restringe ao período escolar, nem ao âmbito dos pais e das mães.⁴²⁰ O ser humano é um ser em formação constante.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível fazer parte de uma sociedade excludente, e Júlio Guerreiro mostra que sim, assim como Lorena em seu canal. Mais do que isso, ambos querem fazer parte. A hipótese de que as pessoas que não estão normatizadas na sociedade do espetáculo não querem fazer parte desta estrutura excludente não se confirma. O lugar de fala do pesquisador, ao se encontrar com o das pessoas fora do padrão do espetáculo, da glamourização, evidencia que é necessário escutar antes de agir. Ações verticais, sem a escuta, estarão à mercê de equívocos. Aquilo que se presume,

⁴¹⁷ GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. **A educação inclusiva e os direitos humanos**. Marília, UNESP, s/d.

⁴¹⁸ FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Editora Paz e Terra, 2014.

⁴¹⁹ DEMO, 2020, p. 16.

⁴²⁰ CAVALCANTI, 2013, p. 94.

que se “imagina” ser o melhor, na verdade pode ser mais uma forma de exclusão, mesmo na tentativa de incluir. Por isso, enfatiza-se, por exemplo, no caso da educação, que as políticas educacionais ouçam as pessoas que se pretende alcançar.

Percebe-se, ainda, que ambos, Júlio e Lorena, inseridos na sociedade do espetáculo, que padroniza e exclui, convertem as suas identidades, e conseqüentemente a diversidade humana, em condição natural, no sentido de que mostra que a humanidade tem por característica esta diversidade. Isto é possível porque tanto um como a outra expõem as experiências de vida: “só a experiência da luta permite que se ultrapasse essa condição [da opressão que se naturaliza].”⁴²¹ É bem verdade que comentários a alguns vídeos são preconceituosos e maldosos. Mas esconder as identidades, obviamente, não favorece a visibilização.

A utilização da palavra “diversidade” em lugar de “inclusão” auxilia no processo de rompimento com os muros que demarcam uma sociedade tida como ideal ou “normal”. A diversidade possui em seu DNA a não categorização e a não sujeição à estrutura excludente da sociedade contemporânea.

A diversidade há que ser pensada de forma mais ampla, iniciando pela educação, com uma escola sem muros e que segregue a diversidade. Não uma educação igual, mas equitativa e emancipatória, a partir da realidade de cada pessoa ou grupo. Já no meio escolar, a partir da convivência, é possível reconhecer na outra pessoa a sua dignidade humana. O confronto se dá para com o poder simbólico que universaliza/padroniza a sociedade e tudo o que a ela se refere. Uma mudança de pensamento radical é urgente.

A educação é a mestra para a via de superação de marcas e de resistência aos poderes simbólicos instituídos. Por um lado, trata-se da educação do olhar, aquela que vai ao encontro da outra pessoa na sua singularidade e pessoalidade. Por outro, a educação escolar, que necessita ser repensada porque ela mesma acaba sendo instrumento na exclusão estrutural, com seus currículos homogeneizantes. Ambas, a do olhar e a escolar, levam à naturalização da diversidade fazendo com que leis passem a ser menos importantes porque a conduta das pessoas será naturalizada de forma a ver na outra pessoa a diversidade. Para isso, as narrativas das experiências são fundamentais, ou seja, as falas das pessoas necessitam ser ouvidas. O saber das

⁴²¹ SOUSA SANTOS, 2022, p. 132.

experiências e a escuta sensível não que ser contemplados nas pesquisas de forma a legitimar aquilo que a sociedade é na sua essência, ou seja, espelho da diversidade humana. A diversidade está na estrutura da sociedade e a sua naturalização passa pelo encontro com a outra pessoa, encontro esse que pode ser visto e percebido em Jesus Cristo nas suas relações com a diversidade humana.

4 CARECA E DEFICIÊNCIA: RECONHECENDO CRISTO NA DIVERSIDADE

A partir de uma perspectiva cristã, todas as pessoas são parte da criação divina e, conseqüentemente, fazem parte da sociedade. Isso significa que as pessoas, em sua diversidade, têm o mesmo direito de interagir e de se expor como qualquer outra pessoa. Lorena e Júlio Guerreiro, escolhidos para pesquisa para simbolizar a diversidade nas redes sociais, são parte da mesma diversidade com a qual Jesus Cristo se relacionou.

Assim, o presente capítulo destaca, primeiramente, o “fazer teologia” na contemporaneidade como necessário para compreender o ser humano e a sua diversidade, e em relação com outras áreas do conhecimento. Em seguida, aborda as construções imagéticas de Jesus Cristo, feitas pelas pessoas, a partir de lugares de fala, épocas e contextos específicos. Tais imagens, defende Benedito Ferrarro, se modificam no decorrer da história, expressando aspectos do mistério cristão de acordo com o momento. Isto leva ao perigo da redução deste mistério cristão por não conseguir traduzir o conteúdo do Evangelho.⁴²²

As experiências com o Sagrado⁴²³, ou, como formula Ferrarro, as experiências de fé, trazem consigo a imagem de Jesus Cristo sempre contextualizada.⁴²⁴ Aliás, conforme destaca o teólogo francês Michel Fédou, Jesus herda a imagem de Deus que foi transmitida pelas Escrituras, com o que chama de “acentos privilegiados”, principalmente como pai bondoso e como amor.⁴²⁵ Assim, bondade e amor “deveriam”, em tese, ser os pressupostos para a contextualização da imagem de Cristo para a contemporaneidade.

⁴²² FERRARRO, 2021, p. 26.

⁴²³ Compreendendo Sagrado (peculiar ao campo religioso) a partir de Rudolf Otto, para quem o Sagrado somente pode ser entendido por quem vive uma experiência religiosa. Por isso, o *numinoso* não pode ser entendido, nem explicado, apenas vivido, composto pelo racional e o irracional. Seu caráter é inefável, indizível. É mencionado como o totalmente outro, e que está acima de quaisquer criaturas. OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

⁴²⁴ FERRARRO, 2021, p. 25.

⁴²⁵ FÉDOU, Michel. O Deus de Jesus. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus**: a enciclopédia. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 7.

Por fim, discorre acerca das palavras e das ações de Cristo como possibilidades para as relações e a convivência humana. No tempo de Jesus Cristo, a mediação foi através da palavra direta de Jesus e das suas ações, depois registradas nas Sagradas Escrituras. A Bíblia narra as experiências das pessoas com Jesus, ou seja, com o Sagrado.⁴²⁶ Nesse sentido, a revolução digital, com as mídias sociais digitais, tem uma importante contribuição ao ser humano, sendo, também, um meio de revelação da diversidade. Isto significa que O fazer teologia adentra a cibercultura. Em tempos de cultura digital, interconexão entre as pessoas pelo ciberespaço, emerge uma ciberteologia.⁴²⁷

Observa-se estudos acerca das relações das pessoas com o Sagrado, que são transformadas com as mídias e todos os artefatos digitais.⁴²⁸ Mas em que medida a diversidade exposta na sociedade espetacularizada e midiaticizada possibilita encontrar o rosto de Cristo?

Salienta-se que não é objetivo analisar experiências religiosas reveladas nos artefatos culturais, mas enxergar a diversidade humana e a narrativa que é construída e nas relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais. Compreende-se a diversidade humana como revelação de Deus a partir do Verbo encarnado. No entanto, convém salientar que, ainda que se trata de pesquisa que adentra no campo dos artefatos culturais, considerando a diversidade humana como revelação de Deus a partir do Verbo encarnado, configura uma análise da revelação da diversidade a partir dos canais do YouTube e seus vídeos. Por isso, as formas de interação devem ser repensadas continuamente a partir dos contextos e das suas realidades emergentes, ainda mais em tempos de midiaticização.⁴²⁹ Isso porque os rostos

⁴²⁶ De acordo com Ulrich Schoenborn, os textos bíblicos representam experiências feitas, transmitidas. (SCHOENBORN, Ulrich. **Fé entre história e experiência**. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 10).

⁴²⁷ Trata-se da Teologia feita no ciberespaço, o lugar em que se estabelece a comunicação sem presença física humana. (PINHEIRO, Felipe. **Ciberteologia: a comunicação da Igreja no século XXI**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 56).

⁴²⁸ Moisés Sbardelotto elenca uma série de celebrações online, como missas e acendimento de velas (Velas Virtuais). SBARDELOTTO, Moisés. Interações em rituais online: a midiaticização do fenômeno religioso na internet. In: **Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (INTERCOM SUL)**. Novo Hamburgo. 2010. Adam, Reblin e Saldanha problematizam o culto on-line, acerca do espaço, do tempo, do rito e da interação, afirmando que é possível a celebração online: “[...] É possível realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet, à medida que a igreja aprenda a linguagem digital.” ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível?. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020. p. 608.

⁴²⁹ COULDRY; HEPP, 2020, p. 13.

oprimidos, excluídos pelas estruturas, tais quais evidenciados por Jesus Cristo, também podem estar nas redes sociais.

4.1 AS POSSIBILIDADES DA TEOLOGIA

No caso da análise das redes sociais digitais, identifica-se a possibilidade de pensar a Teologia em suas particularidades assemelhadas às particularidades de outros saberes. Assim, a jornada teológica na reflexão acerca da midiatização das interações sociais se dá de forma interdisciplinar, com áreas do conhecimento como da sociologia e da antropologia e da comunicação. Nesse sentido, a Teologia da Alteridade auxilia no processo de compreensão das questões fundamentais reveladas em cada contexto.

4.1.1 Teologia da Alteridade

Entrar no horizonte da outra pessoa significa ampliar o seu próprio horizonte. Para Hans Georg Gadamer, “o horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de determinado ponto [situação].”⁴³⁰ Roger Scruton menciona que cada pessoa está no centro de um horizonte no qual se desenrola a sua experiência. Destaca que, mesmo sabendo da existência de outras pessoas, não é possível entrar no horizonte delas para chegar aos seus pontos de vista.⁴³¹

A Teologia da Alteridade busca, de certa forma, adentrar horizontes do outro e da outra. Nicolás Panotto⁴³², no campo do pluralismo religioso e das novas subjetividades, por exemplo, defende uma teologia da alteridade sócio-política. Menciona que a teologia, ao pretender ser sensível e pertinente aos novos cenários sócio-políticos vigentes, necessita, entre outras coisas, considerar o contexto, denunciar toda a absolutização, redefinir e desconstruir sentidos que foram estabelecidos para legitimar determinada teologia. Para isso, defende uma nova epistemologia a partir da recuperação da noção de alteridade, ou seja, a abertura para um espaço de reconhecimento da outra pessoa:

⁴³⁰ GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 399.

⁴³¹ SCRUTON, 2015, p. 56.

⁴³² PANOTTO, 2020.

[...] o conceito de alteridade implica evidenciar esse espaço de mistério, de diferença, que se joga dentro e entre as identidades estabelecidas. O absoluto não existe como entidade acabada fora da pluralidade de particularidades que o compõem, de modo que nenhuma particularidade pode se tornar absoluta em razão da própria existência de outra. Essa dinâmica entra em jogo ao reconhecer o espaço diferencial em que habitamos.⁴³³

O espaço de reconhecimento da outra pessoa implica em interpessoalidade, a ação (ética) para aquilo que é o certo, independente do custo, e cuja ação da outra pessoa como ação (ética) obrigatória.⁴³⁴ A interpessoalidade implica no reconhecimento da outra pessoa a partir da responsabilidade por aquilo que se faz, segundo Scruton.⁴³⁵ Por isso, o altruísmo não é algo instintivo:

É uma resposta ponderada, às vezes baseada em ágape ou amor ao próximo, às vezes em complexas emoções interpessoais como orgulho e vergonha, que por sua vez se baseiam no reconhecimento do outro como alguém semelhante a mim. Em todos os casos, o altruísmo nas pessoas envolve o reconhecimento de que aquilo que é mau para o outro é algo que eu tenho motivação para remediar.⁴³⁶

No entanto, ainda que não seja algo instintivo, a alteridade, quando praticada cotidianamente, passa a ser uma prática (ação ética) natural. Uma ética do cuidado que, conforme o teólogo Gottfried Brakemeier, “[...] ao servir ao bem, pretende a proteção do ser humano e o resguardo da sua integridade física, psíquica e espiritual.”⁴³⁷ Brakemeier destaca que o ser humano, como imagem e semelhança de Deus, “[...] tem a atribuição de administrar a criação, e até de tornar-se ele mesmo criativo e de construir seu *habitat* na terra.”⁴³⁸ Isto implica em ser responsável pela criação, ou seja, com as pessoas e com o meio ambiente. Em outras palavras, significa alteridade em relação à criação. Significa uma ética do compromisso com a outra pessoa revelando a sua importância a partir da busca pela sua realidade e pelo seu contexto.⁴³⁹

⁴³³ [...] el concepto de alteridad implica evidenciar ese espacio de misterio, de diferencia, que se juega dentro y entre las identidades instituidas. Lo absoluto no existe como entidad acabada fuera de la pluralidad de particularidades que lo compone, así ninguna particularidad puede absolutizarse a razón de la misma existencia de otro. Esta dinámica entra en juego al reconocer el espacio diferencial en que habitamos. PANOTTO, 2020, p. 79. (Tradução nossa).

⁴³⁴ SCRUTON, 2015, p. 48.

⁴³⁵ SCRUTON, 2015, p. 50.

⁴³⁶ SCRUTON, 2015, p. 53.

⁴³⁷ BRAKEMEIER, 2002, p. 12,

⁴³⁸ BRAKEMEIER, 2002, p. 19.

⁴³⁹ SELLETI, Jean Carlos; GARRAFA, Vonei. **As raízes cristãs da autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 92.

Portanto, a teologia acentua o sentido de alteridade para a contemporaneidade a fim de contemplar a pluralidade. Panotto enfatiza a alteridade em relação à pluralidade religiosa, mas que pode ser expandida para a pluralidade social, econômica, cultura, enfim da diversidade humana. Até porque como ele mesmo afirma, “[...] a promoção da alteridade implica em uma resposta ética perante o outro, especialmente o outro marginalizado pelo que foi estabelecido como absoluto [padrão], único, total”.⁴⁴⁰ Este “outro” ou “outra” marginalizado ou marginalizada tem a dor como uma das imagens. Esta dor, segundo Byung-Chul Han,

[...] é o rasgo por meio do qual o inteiramente outro tem entrada. [...] a consciência que não é capaz de estremecer é uma consciência coisificada. [...] Só o ser-tocado pelo outro mantém a vida viva. Caso contrário, ela permanece presa no inferno do igual.⁴⁴¹

Scruton lembra que cada pessoa, enquanto autoconsciente, tem um ponto de vista sobre o mundo.⁴⁴² Não é possível que o ponto de vista da outra pessoa seja inteiramente assimilado ou compreensível, muito menos vivido da mesma forma. O lugar de fala, da vivência, é particular. Por isso, “ser tocado” a partir da dor da outra pessoa é crucial para compreender e agir (ação ética). Papa Francisco, conforme mencionado, vai mais além e fala em “ser envolvido”⁴⁴³, de forma a fazer parte da dor. Emmanuel Levinas menciona “ser afetado”, que seria muito além de qualquer tipo de contato.⁴⁴⁴ Ou, ainda, ser sensibilizado, que, segundo Selletti e Garrafa, implica em “[...] transcender a nós mesmos e compreender a dor do outro.”⁴⁴⁵

Lorena e Júlio Guerreiro, assim como as demais redes sociais mencionadas, que refletem a diversidade humana, expõem o diferente de tal forma que podem levar a uma nova práxis libertadora, de apropriação do outro e da outra. “Quem se apropria do outro não fica igual. A apropriação estabelece uma transformação do próprio. [...] Não apenas o sujeito da apropriação, mas também o outro apropriado se transformam.”⁴⁴⁶

⁴⁴⁰ [...] la promoción de la alteridad implica una respuesta ética hacia el otro, especialmente hacia el otro marginado por lo establecido como absoluto, único, total. (PANOTTO, 2020, p. 80).

⁴⁴¹ HAN, 2021a, p. 18-19.

⁴⁴² SCRUTON, 2015, p. 55.

⁴⁴³ PAPA FRANCISCO, 2016, p. 130.

⁴⁴⁴ LEVINAS, Emmanuel. **Dios, la muerte y el tiempo**. Madrid: Cátedra, 1994. p. 166.

⁴⁴⁵ SELLETTI; GARRAFA, 2005, p. 92.

⁴⁴⁶ HAN, 2017a, p. 108.

Assim, a partir da Teologia da alteridade, a interpretação, ou a reinterpretção dos principais símbolos, textos, eventos, imagens, pessoas e rituais clássicos, segundo Tracy, “[...] ocorrerão na e para a compreensão das questões fundamentais reveladas na situação.”⁴⁴⁷ Conforme Albert Nolan, o desafio é ver Jesus Cristo a partir da perspectiva na qual a pessoa se encontra, pois, “se não conseguirmos ter a visão nítida de Jesus a partir da perspectiva de nossas circunstâncias atuais, então não conseguiremos de modo algum ter a visão nítida dele.”⁴⁴⁸

Tracy alerta para o risco da interpretação pessoal, mas enfatiza que o senso da pessoa teóloga para a pertença a esse evento da manifestação, proclamação e ação é o que desencadeia o poder da liberdade da busca teológica pelo sentido.⁴⁴⁹ Fato é que a teologia pode auxiliar no processo de conscientização das pessoas da sua situação no mundo, conforme pondera Denis Cotta, rompendo com o ciclo de alienação, fazendo “[...] perceber que as ilusões psicossociais são nutridas pela sociedade da aquisição, que por sua vez promove o estado de indiferença, de egoísmo, entre outros aspectos necrófilos.”⁴⁵⁰ Nesse sentido, Jesus Cristo, ao se relacionar com as pessoas em sua diversidade, assumindo as dores através das suas palavras e ações, acaba sendo o rosto da diversidade humana.

4.1.2 A pesquisa teológica em narrativas das redes sociais digitais

Importante destacar que, na pesquisa científica teológica, “[...] a teologia pode e deve beneficiar-se também do alimento vital da revelação divina ao qual o indivíduo só alcança eficazmente inserindo-se no *corpo místico* de Cristo e genuflectindo-se a quem dá origem àquela revelação.”⁴⁵¹ Jesus Cristo, portanto, é o evento para a interpretação e compreensão daquilo que espelha as manifestações contemporâneas das suas palavras e ações. Alves⁴⁵² lembra 1 Co 3.11 para corroborar a sua assertiva: “ninguém pode colocar outro alicerce diferente do que já está colocado: Jesus Cristo.”

⁴⁴⁷ TRACY, David. **A imaginação analógica**: a teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 513.

⁴⁴⁸ NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 17.

⁴⁴⁹ TRACY, 2006, p. 513-514.

⁴⁵⁰ COTTA, Denis. Liberdade transcendente: interfaces entre a educação e a religião na cosmovisão de Paulo Freire. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 19, n. 4, p. 34-54, 2021. p. 44.

⁴⁵¹ ALVES, César Andrade. **Método Teológico e Ciência**: a Teologia entre as disciplinas acadêmicas. São Paulo: Loyola, 2019. p. 25.

⁴⁵² ALVES, 2019, p. 41.

E conclui a partir de Johannes Beumer⁴⁵³ que é necessário raciocinar no sentido de prosseguir a edificação em cima de Cristo, cuja expressão máxima é *intellectus fidei*, ou “raciocínio sobre a fé”: “Para isso, quem faz a reflexão poderá se valer de instrumentais conceituais de seu tempo.”⁴⁵⁴ Esta busca teológica é a produção de alguma ordem, ainda conforme Tracy, que

[...] é desenvolvida pela explicação das relações análogas entre várias realidades (eu, outros, mundo, Deus), pelo esclarecimento da relação de cada uma com o análogo precípua, o sentido escolhido como o enfoque precípua para interpretar a realidade. Na sistemática cristã, o sentido focal precípua será o evento Jesus Cristo [...].⁴⁵⁵

Zeferino e Fernandes destacam, diante de um contexto de narrativas exclusivistas e autoritárias, a força de sentido de produções literárias como forma de criação e de revisões estéticas de uma humanidade sensibilizadora, que é negligenciada, e que passa a revelar uma ética desconhecida.⁴⁵⁶ Da mesma forma, as redes sociais também possuem força de sentido que podem criar estéticas e romper com estruturais e excludentes. Os autores se apoiam, também, no teólogo David Tracy⁴⁵⁷ e sua concepção de “clássico”, que pode ser uma pessoa, um texto, uma pintura, um evento, uma experiência humana transmitida de forma artística, filosófica ou religiosa, e que possui dimensões revelacionais, pedagógicas e transformadoras.⁴⁵⁸ Para a pesquisa de Zeferino e Fernandes, a literatura marginal revela realidades, com as narrativas acerca dos problemas sociais e da vida de personagens que vivem na periferia, se apresenta como ponto de interlocução a esta teologia pública de valorização do humano.⁴⁵⁹

Deixar-se afetar pela realidade de rostos sofredores pode gerar, simultaneamente, angústia e desejo de mudança. Com efeito, encontram-se exemplos vários de fechamento e negligência diante do outro, muitas vezes desenvolvidos de modo violento. A tentativa de construção de muros físicos como tradução de muros culturalmente sedimentados; o tratamento de humanos em migração como se fossem escória; a perpetuação de políticas paliativas de assistência sem a crítica apropriada ao sistema gerador de injustiças sociais; a utilização de práticas obsoletas em atividades

⁴⁵³ BEUMER, Johannes. Die theologische Methode. In: SCHMAUS, Michael et al. **Handbuch der Dogmengeschichte**. Freiburg: Herder, 1972. Band I, Faszikel 6. p. 17.

⁴⁵⁴ ALVES, 2019, p. 45.

⁴⁵⁵ TRACY, 2006, p. 518.

⁴⁵⁶ ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Marcio Luiz. O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal. **TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias**, v. 10, n. 21, p. 470-497, 2020. p. 472.

⁴⁵⁷ TRACY, 2006.

⁴⁵⁸ ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 473.

⁴⁵⁹ ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 473.

extrativistas em virtude de vantagens econômicas; a eliminação de pessoas que lutam pelos direitos daqueles e daquelas em condição de vulnerabilidade social; descaso na formação humana e sucateamento das escolas; entre várias outras formas de violência estruturalmente legitimadas (pecado social) pela negação prática da dignidade de pessoas relegadas à subcidadania.⁴⁶⁰

O mesmo se aplica às narrativas das redes sociais digitais. Zeferino e Fernandes reconhecem que o ponto de interlocução a esta teologia pública de valorização do humano se aplica ao “[...] todo das ciências humanas, pois localiza o teológico no humano.”⁴⁶¹ Segundo Tracy, o teólogo ou a teóloga articulam um sentido focal teológico e refletem de forma a desenvolverem uma série ordenada de relações analógicas entre Deus-eu-mundo.⁴⁶² Trata-se daquilo que Ferrarro,⁴⁶³ defende como o caminho a ser percorrido do histórico ao teológico para que se possa compreender os significados das profissões de fé, ou seja, das experiências de fé. Para a pesquisa em questão, a alteridade é um sentido focal a partir do qual há o empenho

[...] mediante interpretações críticas dos símbolos centrais na gama completa da tradição cristã e mediante interpretações críticas das realidades da situação contemporânea – por encontrar certas relações ordenadas para compreender as similaridades-na-diferença dentro do todo: as realidades globalmente denominadas Deus-eu-mundo.⁴⁶⁴

Considerando os horizontes e as possibilidades, a alteridade passa a ser o terreno comum para o ponto de partida do pensamento teológico contemporâneo em meio às diversidades. Opta-se, assim, por localizar nas narrativas das redes sociais digitais, como de Lorena e de Júlio, por exemplo, a experiência humana revelada e que leva a uma ação ética, ou seja, a própria alteridade. É a revelação do Deus Oculto na contemporaneidade revelado nas narrativas das redes sociais digitais em questão, um

[...] Deus Oculto imprevisível, libertador e incompreensível, pois este Deus se revela na ocultez ou abscondidade: nos místicos, na religião do povo, na cruz e na negatividade, principalmente no sofrimento de todos aqueles outros que a grandiosa narrativa da modernidade desprezou demasiadas vezes como não-povos, não eventos, não-memórias, em suma, como não-história.⁴⁶⁵

⁴⁶⁰ ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 471-472.

⁴⁶¹ ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 474.

⁴⁶² TRACY, 2006, p. 523.

⁴⁶³ FERRARRO, 2021, p. 27.

⁴⁶⁴ TRACY, 2006, p. 540.

⁴⁶⁵ TRACY, 2005, p. 88.

Este Deus Oculto que se revela na diversidade humana espelhada no rosto de Cristo que acaba sendo os rostos de todas as pessoas excluídas.

4.2 ROSTOS

Dorilda Grolli sustenta que a alteridade é o “Outro”, no caso, a outra pessoa, assim como a exterioridade absoluta, e que se manifesta sob a forma de rosto, olhar e presença.⁴⁶⁶ Importante compreender que a exterioridade está relacionada às pessoas excluídas, às pessoas pobres, aos povos originários⁴⁶⁷, e a todas as outras vítimas da totalidade.⁴⁶⁸ Estes grupos de pessoas precisam ser considerados sujeitos para que, conforme Felipe Fróes Couto e Alexandre de Pádua Carrieri, a relação de exploração e dominação não se perpetue e ocorra o reconhecimento.⁴⁶⁹ Em tempos de valorização da imagem, o rosto é o “cartão de visitas” (metáfora do rosto acompanha a pesquisa) da pessoa, uma vez que é a primeira parte do corpo que uma pessoa olha na outra. David Le Breton, sociólogo, antropólogo e psicólogo francês, sustenta que é no rosto que está o todo o ser de uma pessoa.⁴⁷⁰ Em que medida a Figura 16 revela o ser de Lorena, a partir dos seus rostos ao longo dos anos?

⁴⁶⁶ GROLLI, Dorilda. **A filosofia da libertação de Enrique Dussel**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 66.

⁴⁶⁷ Compreende como “povos originários” aqueles que descendem dos primeiros habitantes de um território. PRINTES, Rafaela Biehl. Presença indígena nos livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 4, n. 8, p. 195-220, 2014.

⁴⁶⁸ Compreende-se como totalidade “[...] um estado de dominação, de supressão do não-idêntico, [...]” KUGNHARSKI, Gabriel Petrechen. O papel hermenêutico do conceito de totalidade em Theodor W. Adorno. **Cadernos de filosofia alemã: Crítica e modernidade**, v. 24, n. 1, p. 67-81, 2019. p. 70. Por isso, a alteridade se instaura sempre além do horizonte de um sistema excludente. (GROLLI, 2004, p. 75).

⁴⁶⁹ COUTO, Felipe Fróes; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Enrique Dussel e a filosofia da libertação nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, p. 631-641, 2018. p. 635-636.

⁴⁷⁰ LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 71.



Figura 16: Os rostos de Lorena

Fonte: canal CarecaTV

#pratodosverem: imagem dos rostos de Lorena em formato de selfie, em dois momentos diferentes.

As fotos na parte superior são da fase inicial do tratamento contra o câncer. Na parte superior esquerda, Lorena está sorrindo e usa uma touca amarela de cachorro. Na parte superior direita, Lorena está sorrindo, careca, com um fundo com uma estante de metal com xícaras e panelas. As fotos da parte inferior são recentes. Na parte inferior esquerda, Lorena está sorrindo, com cabelos curtos e usa óculos. Na parte inferior direita, Lorena está sorrindo, com cabelos curtos, com um fundo mostrando uma janela.

O rosto revela a identidade das pessoas. Scruton, por sua vez, defende, em sua obra “O rosto de Deus”, que o rosto reflete a subjetividade.⁴⁷¹ Por isso, pode ser difícil compreender o rosto em tempos de objetividade, em que tudo deve ser – e é – rápido e passageiro, como o *fast food*.

⁴⁷¹ SCRUTON, 2015, p. 76.

Suzana de Magalhães Dourado e Ceci Vilar Noronha destacam que a cabeça e a face oferecem mais visibilidade, exceto quando para certos grupos sociais, por motivos religiosos, ou mesmo climáticos, ou ainda pelo desejo voluntário de ocultação da identidade, encobrem parcial ou totalmente. Suzana de Magalhães Dourado e Ceci Vilar Noronha ponderam que “justamente por estar mais à vista, o rosto está também mais sujeito à apreciação e ao julgamento de outros atores que fazem parte do mesmo cenário social.”⁴⁷²

Byung-Chul Han entende que o valor cultural do que chama de “semblante humano” desapareceu. Este semblante, em tempos de *Facebook* e *Photoshop* se transformou em face, “[...] que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A face é o *rostro exposto* [...], é a forma de mercadoria do semblante humano.”⁴⁷³

Magdalena Bosch, por sua vez, destaca que o rosto é o mais belo dos elementos da natureza:

Rosto: É a representação da pessoa e o mais belo dos elementos da natureza. Os fisionomistas concordam que a maior atração de um rosto é sua expressividade, e não sua perfeição formal ou estrutural. No rosto é onde melhor se reflete a beleza interior, que é a verdadeira e mais profunda beleza das pessoas.⁴⁷⁴

Seja pelas marcas do sofrimento físico, da ação do tempo com o envelhecimento, ou pelas características étnicas, o rosto pode, ainda, expressar a identidade através do olhar.⁴⁷⁵ Levinas destaca que o rosto fala: “Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura.”⁴⁷⁶ Jean-Marc Narbonne, filósofo francês, pondera, a partir de Levinas, que o termo rosto é empregado para se referir à outra pessoa. O rosto é o

⁴⁷² DOURADO, Suzana de Magalhães; NORONHA, Ceci Vilar. A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 623-643, 2014. p. 633.

⁴⁷³ HAN, 2020b, p. 29.

⁴⁷⁴ *Rostro: Es la representación de la persona y el más bello de los elementos de la naturaleza. Los fisionomistas coinciden en reconocer que el mayor atractivo de un rostro es su expresividad, más que su perfección formal o estructural. En el rostro es donde mejor se refleja la belleza interior, que es la verdadera y más honda belleza de las personas.* BOSCH, Magdalena. **El poder de la belleza**. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2015. (e-book). p. 84. (Tradução nossa).

⁴⁷⁵ LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

⁴⁷⁶ LEVINAS, 1993, p. 59.

que está por trás da mortalidade da outra pessoa. Por isso, esse mesmo rosto obriga que não se o deixe só.⁴⁷⁷ Esta mortalidade revela toda a humanidade da outra pessoa.

Jean Carlos Selleti e Volnei Garrafa mencionam, a esse respeito, que “ao olhar para o outro enquanto preocupação, vemos a sua face. Face, neste contexto, diz respeito à transcendência.”⁴⁷⁸ Trata-se de uma face, conforme os autores, que traz a identidade e a história da pessoa, e que constituem a sua singularidade,⁴⁷⁹ e, acrescenta-se, evidencia a sua mortalidade. Assim, os rostos espelham a pessoa no seu exterior e no seu interior. A esse respeito, Cavalcanti menciona que a expressividade é o que faz com que o rosto tenha tanto valor, porque é a apresentação para o mundo, comunicando o interior da pessoa. Destaca, ainda, que é possível analisar uma pessoa em seu peso, forma e cor, mas sem ver o rosto, qualquer afirmação sobre a mesma é temerária porque ela não é conhecida.⁴⁸⁰

Esta é a discussão acerca do que vem a ser o belo em uma pessoa, beleza que se manifesta quando se conhece a outra pessoa, ou seja, o seu interior, seja através das suas palavras, seja através das suas ações. É através do rosto que a pessoa se revela ao mundo e às outras pessoas, da mesma forma que estas outras pessoas se revelam a partir dos seus rostos; “o rosto humano anuncia o corpo humano e o precede de um emblema. [...] ele se torna alvo e expressão de nossas atitudes interpessoais, e olhares, olhadelas e sorrisos tornam-se moeda corrente de nossos afetos.”⁴⁸¹ Assim, a pessoa que olha constrói uma imagem da pessoa, construção esta a partir da sua vivência particular, logo, de si mesmo. Abrir-se à outra pessoa significa, em certa medida, desnudar-se de pré-conceitos. Isto em tempos em que “[...] os olhos olham para o nada, já que não buscam nada além do prazer imediato.”⁴⁸²

Lorena, do canal Careca TV, destaca que as pessoas buscam enxergar a si mesmas nela, na sua trajetória de vida.

As pessoas dizem: ah, eu me inspiro em você, eu também tenho câncer, você me ajuda. Tem vezes que eu nem acredito porque pensa comigo, você é uma pessoa que basicamente ninguém sabe da sua existência e de repente, *pá*,

⁴⁷⁷ NARBONNE, Jean-Marc. Deus e a filosofia segundo Levinas. In: LANGLOIS, Luc; zarka, Yves Charles. **Os filósofos e a questão de Deus**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 368-369.

⁴⁷⁸ SELLETI; GARRAFA, 2005, p. 91.

⁴⁷⁹ SELLETI; GARRAFA, 2005, p. 91.

⁴⁸⁰ CAVALCANTI, 2013, p. 40.

⁴⁸¹ SCRUTON, 2015, p. 114.

⁴⁸² SCRUTON, 2015, p. 145.

você vira alguém que é inspiração para outros. É uma coisa muito legal e uma coisa muito estranha. Mas é mais legal que estranha.⁴⁸³

Lorena acaba sendo espelho para outras pessoas, aquilo que as pessoas buscam em si em que está em Lorena. Estes “encontros” passam por um estágio de sujeição, conforme Scruton, quando cada parte reconhece na outra pessoa o direito a um tratamento equânime, “[...] em que as relações se fundem não na coerção, mas no consentimento.”⁴⁸⁴ Desta forma, pode-se dizer que Lorena explicita a eficácia das redes sociais na visibilização e naturalização da diversidade.

Ser espelho acaba sendo complexo. Por um lado, a ação da pessoa revela às demais o que somos, segundo Míguez Bonino. Por outro, provoca determinados resultados ou ações.⁴⁸⁵ Também depende dos olhos da pessoa que olha para este espelho, de como ela está aberta para enxergar e perceber a outra pessoa. Cada pessoa enxerga de forma diferente. Umberto Eco destaca que o belo está nos olhos da pessoa que vê a partir de um olhar que é influenciado pelos padrões culturais: “Aquilo que é belo é definido pelo modo como nós aprendemos, analisando a consciência daquele que pronuncia um juízo de gosto.”⁴⁸⁶

Por isso, pondera o psicanalista Abrão Slavutzky, é preciso aprender a olhar.⁴⁸⁷ Ou, conforme mencionado no capítulo anterior, educar o olhar. Menciona Slavutzky que o espelho é um objeto sem vida porque apenas reflete a imagem da pessoa que se mira nele, mas que é, também, simbolizada como porta de acesso a outras realidades.⁴⁸⁸

Sílvia Ester Orrú menciona que o espelho mostra apenas de forma superficial e artificial aquilo que reflete, e utiliza o mito de Narciso para discorrer a respeito:

Não há movimento real, tão somente o espelhamento. O narcisismo faz referência ao mito de Narciso, onde um belo jovem, que é indiferente ao amor, apaixonou-se pela própria imagem refletida na água. Tal qual Narciso, a sociedade contemporânea supervaloriza a imagem e a usa para o controle social e econômico. Pela imagem ela determina o processo de desrealização e aniquila a identidade do sujeito, de modo a estabelecer uma subjetividade social oca, insustentável e efêmera.⁴⁸⁹

⁴⁸³ CARECATV, 29 mar. 2018, 3’.

⁴⁸⁴ SCRUTON, 2015, p. 94.

⁴⁸⁵ MÍGUEZ BONINO, 1982. p. 169.

⁴⁸⁶ ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 275.

⁴⁸⁷ SLAVUTZKY, 2009, p. 113.

⁴⁸⁸ SLAVUTZKY, 2009. P. 110.

⁴⁸⁹ ORRÚ, 2020, p. 32-33.

Cada pessoa, portanto, é enxergada, primeiramente, por esta imagem, a do rosto, principalmente, mas que pode não refletir a realidade, sendo um espelhamento. Cada pessoa, ao se olhar no espelho, (re)conhece a sua imagem, a sua identidade, e quer que a outra pessoa a deseje porque o ser humano é dependente do olhar desejanste, das palavras e do reconhecimento da outra pessoa.⁴⁹⁰ Mas até que ponto consegue transmitir a sua identidade, o seu “eu”? E, além disso, como e com quais parâmetros a outra pessoa a enxerga?

Sousa Santos explica que homens e mulheres se olham de formas diferentes em um espelho. Enquanto homens usam o espelho enquanto utensílio, de forma pouco frequente, e não confundem a imagem do que veem com aquilo que são, as mulheres o usam de forma mais frequente, atentando para o visual, e apara construir uma identidade que “permita funcionar” em uma sociedade narcisística.⁴⁹¹ As sociedades, continua Sousa Santos, usam o espelho de modo mais feminino:

[...] são a imagem que têm de si vistas nos espelhos que constroem para reproduzir as identificações dominantes num dado momento histórico. São os espelhos que, ao criar sistemas e práticas de semelhança, correspondência e identidade, asseguram as rotinas que sustentam a vida em sociedade. Uma sociedade sem espelhos é uma sociedade aterrorizada pelo seu próprio terror.⁴⁹²

Diante disso, Lorena, enquanto espelho, reproduz uma imagem às avessas, sem maquiagem, uma vida na sua realidade cotidiana de fato, sem roupagens. Mas ela mesma, por vezes, acaba procurando nas outras pessoas a imagem das identificações dominantes quando se indaga: “Por que comigo? O que eu fiz?”⁴⁹³ São perguntas que refletem dúvidas existenciais por um lado, busca pela culpa, por outro, além de querer se inserir nas identidades padrão.

As perguntas de Lorena refletem que todas as pessoas, independente do seu contexto, fazem uma imagem de si mesmas, das outras, da sociedade, do mundo e de Deus, conforme Leonardo Boff. E, geralmente, pondera Boff, são imagens distorcidas que “[...] fazem crer em outra realidade imaginada. Até a própria

⁴⁹⁰ SLAVUTZKY, 2009, p. 16.

⁴⁹¹ Boaventura Sousa Santos menciona que esta diferença é marca da discriminação sexual e que é “[...] reconstruída como ponto de partida para a afirmação de uma identidade feminina libertada que reivindique o espelho como uma forma própria de conhecer e aceira o corpo.” SOUSA SANTOS, 2011, p. 47.

⁴⁹² SOUSA SANTOS, 2011, p. 47.

⁴⁹³ CARECATV, 29 mar. 2018, 4’.

humanidade pode ser afetada. As diferenças são reduzidas a desigualdades, o que consoma a distorção mais grave.”⁴⁹⁴

A Figura 17 expõe dois rostos de Júlio Guerreiro a partir da capa de vídeos do seu canal. São imagens que trazem as marcas da sua deficiência, mas que expressam a alegria de Júlio naqueles momentos em que gravou os vídeos. No entanto, a partir de uma leitura sem alteridade, sem compreender o contexto de Júlio Guerreiro, pode levar à distorção das mesmas:



Figura 17: Os rostos de Júlio Guerreiro

Fonte: Canal do YouTube “Deficiência não é doença”

#pratodosverem: print de tela de duas capas de vídeos do canal “Deficiência não é doença” mostrando o rosto de Júlio Guerreiro. Na imagem da esquerda, levemente fora de foco, Júlio está sorrindo, com olhos levemente arregalados. A proximidade permite ver olheiras e rugas faciais. Está usando uma camiseta branca. Há uma escrita diagonal que cobre parte do queixo que diz “terçou papai”. Na imagem da direita, Júlio está usando um boné com a baba virada para trás. A bica está levemente aberta, evidenciando o uso de aparelho ortodôntico. Está usando uma camiseta azul com uma listra branca que envolve a circunferência do colarinho.

A pessoa está atrás do seu rosto.⁴⁹⁵ Os vídeos que têm as imagens de capa da Figura 17 revelam uma pessoa alegre, dançando com uma música eletrônica no

⁴⁹⁴ BOFF, Leonardo. Prefácio. In: ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. Petrópolis: vozes, 2020. p. 10.

⁴⁹⁵ Interessante a abordagem de Scruton (SCRUTON, 2015, p. 127)), acerca da máscara veneziana e a evolução da sua função, de esconder o rosto para se enquadrar a um determinado grupo. Essa máscara (*prósopon*, traduzida por *persona* pelos romanos), aponta Kathlen Luana de Oliveira, a partir de Fábio Konder Comparato e Marcel Muass, conferia à pessoa reconhecimento como alguém

primeiro⁴⁹⁶, e cumprimentando as pessoas no segundo, exortando que as pessoas agradeçam a Deus pela vida.⁴⁹⁷ As expressões dos rostos da Figura 17 evidenciam o mesmo ânimo e vivacidade dos conteúdos dos vídeos.

Júlio Guerreiro, do canal “Deficiência não é doença”, relata um passeio no Shopping, quando uma pessoa ficava olhando para ele. Ele ficou incomodado. Foi ao encontro do homem e o cumprimentou, perguntando se estava tudo bem: “Eu não posso deixar o olhar dele me abater, o preconceito.”⁴⁹⁸ A pessoa ficou calada.

Isso se dá devido aos espelhos sociais mencionados por Boaventura Sousa Santos, espelhos que são processos sociais, que têm vida própria, que demonstra a crise da consciência espetacular:

[...] de um lado, o olhar da sociedade à beira do terror de não ver nenhuma imagem que reconheça como sua; do outro lado, o olhar monumental, tão fixo quanto opaco, do espelho tornado estátua que parece atrair o olhar da sociedade, não para que este veja, mas para que seja vigiado.⁴⁹⁹

Júlio não foi reconhecido como parte da sociedade daquela pessoa que o olhava, por um lado e, por outro, estava sendo vigiado. Não se intimidou e se mostrou mais ainda indo ao encontro da pessoa. Em outro vídeo, Fernando, irmão de Júlio, pede que as pessoas deficientes não tenham medo de se mostrar.⁵⁰⁰

Este olhar preconceituoso tem a ver com as imagens colocadas como paradigmas de beleza, segundo Cavalcanti⁵⁰¹, que norteiam as pessoas em seu cotidiano. Byung-Chul Han explica que, na contemporaneidade, o rosto acaba sendo “disciplinado”, de modo a ser fechado, a ter um ponto de vista fixo.⁵⁰² Assim, a violência exibida em excesso leva à passividade e à indiferença e não incentiva,

de direitos e deveres, mas não se referia à sua singularidade e individualidade, mas à sua existência da *pólis*, onde se construía a igualdade. (OLIVEIRA, Kathlen Luana. **Por uma política da convivência**. Teologia, direitos humanos, Hannah Arendt. Passo Fundo: IFIBE, 2011. p. 92-95). Assim, a pessoa, enquanto expressão da singularidade e da nobreza do ser humano (BRAKEMEIER, 2010, p. 51), tinha a sua igualdade somente dentro de um grupo, ou de um domínio político, conforme aponta Oliveira, como cidadãos, e não como pessoas particulares. A noção cristã, por sua vez, destaca a concepção de “uno” que a noção de pessoa é criada, enquanto racional, indivisível e individual. (OLIVEIRA, 2011, p. 90).

⁴⁹⁶ DEFICIÊNCIA não é doença. **terçou papai**. YouTube, shorts, [s.d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/-1IF_CHiODc. Acesso em: 25 jan. 2023.

⁴⁹⁷ DEFICIÊNCIA não é doença. **Agradeça**. YouTube, shorts, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/cDpVESXZTGg>. Acesso em: 25 jan. 2023.

⁴⁹⁸ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 23’.

⁴⁹⁹ SOUSA SANTOS, 2011, p. 48.

⁵⁰⁰ DEFICIÊNCIA, 18 abr. 2019, 5’.

⁵⁰¹ CAVALCANTI, 2013, p. 20.

⁵⁰² HAN, 2021a, p. 23.

conforme lembra Han, o imperativo moral ao qual Susan Sontag se referia: “a imagem diz: ponha um fim a isso, intervenha, aja.”⁵⁰³ A quantidade de violência e da dor exibida transforma a dor em número, em “mais um caso”, e a outra pessoa “dolorida”, desaparece, é ignorada. No caso de Júlio, ele até não foi ignorado, ele foi visto, mas sua imagem não levou a pessoa à ação, à alteridade. Foi um olhar de alguém mirando mais um caso, mais um número.

Júlio Guerreiro foi espelho no sentido positivo. Quando do encontro com a família do pequeno Mateus, a mãe do menino expôs a sua curiosidade em saber sobre a vida de Júlio e do seu irmão Fernando para saber o que aconteceria com o seu filho. Ela se diz feliz em saber que ambos são formados em curso superior, que podem se locomover, porque dá a perspectiva para o seu filho trilhar o mesmo caminho.⁵⁰⁴ Júlio foi espelho para a esposa de Wellington!

Ao mesmo tempo, evidencia o percurso que o pequeno Mateus poderia atravessar, como o do Fernando, irmão de julho: “Na escola é o lugar mais difícil porque as crianças não estão acostumadas como a gente; quando vê, acha coisa de outro mundo. Eu me lembro do meu primeiro dia de aula quando uma criança olhou pra mim e disse: ‘olha um cachorrinho’. Aquilo lá pra mim acabou. E futuramente ela se tornaria um grande amigo meu, até hoje.”⁵⁰⁵ Ainda na escola, menciona que já apanhou. Mas salienta que depois que as pessoas nos conhecem, tudo muda. “As pessoas vão nos aceitando.”⁵⁰⁶

Nessa exposição de Júlio, Wellington, pai de Mateus, lembra o evangelho de Lucas, de que os humilhados serão exaltados, e o evangelho de Mateus, que no Reino dos Céus, os últimos serão os primeiros.⁵⁰⁷ Importante destacar que Wellington remete sempre à Bíblia e às falas de Jesus Cristo.

4.2.1 O rosto de Cristo

A diversidade é visibilizada a partir do rosto. Quando se defende que a diversidade humana está espelhada no rosto de Cristo, se refere às pessoas para as

⁵⁰³ HAN, 2021a, p. 99.

⁵⁰⁴ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 8’.

⁵⁰⁵ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 13’.

⁵⁰⁶ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 15’.

⁵⁰⁷ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 18’.

quais Jesus voltou a sua atenção. Essa diversidade, que os fariseus se referiam como pecadora ou “ralé” que não conhece nada da lei, conforme lembra Nolan, são:

[...] os pobres, os cegos, os coxos, os aleijados, os leprosos, os famintos, os miseráveis (aqueles que choram), pecadores, prostitutas, coletores de impostos, endemoninhados (aqueles que estavam possuídos por espíritos impuros), os perseguidos, os esmagados, os cativos, todos os que labutam e estão sobrecarregados, a ralé que não conhece nada da lei, as multidões, os pequenos, os que são menos que nada, os últimos e as criancinhas ou as ovelhas perdidas da casa de Israel.⁵⁰⁸

Assim, o entendimento do rosto de Cristo, por sua vez, pode levar a um senso emancipatório, de revisão com a padronização das imagens e rotulações, para o encontro com o conhecimento do outro e da outra em sua beleza integral.

A cristologia parte das ações do Jesus histórico e cuja divindade, segundo Jon Sobrino, se descobre historicamente na experiência de fazer história junto de Jesus: “[...] só se consegue saber que Jesus é o Filho em comunhão de fraternidade com ele, percorrendo o caminho de sua fé.”⁵⁰⁹ Jesus se relacionou com a diversidade social e humana e a incluiu em seus ensinamentos e em suas ações. Ter fé em Jesus Cristo⁵¹⁰ significa percorrer juntamente com ele, em comunhão de fraternidade com a diversidade humana. Essa fé é a prática do amor, uma fé que não pode ser ensinada, ela é transmitida por contágio, menciona Nolan.⁵¹¹ Esse contágio é o ser tocado, o ser envolvido.

Sobrino⁵¹² salienta que Jesus é o Filho enviado por Deus - o “Verbo que se fez carne”. Ele se torna revelação de Deus.⁵¹³ Porém, essa encarnação não tem uma descrição física do ser humano, revelando características específicas. A narrativa, que se dá a partir da linguagem, e não da imagem, leva à criação imaginária, ou seja, a transformação das palavras em uma imagem. Conforme a ensaísta portuguesa Tatiana Salem Levy, ao tratar da literatura de forma geral, aponta que ela instaura “[...]”

⁵⁰⁸ NOLAN, 2018, p. 39-40. No capítulo três do seu livro, Nolan faz um estudo acerca de cada diversidade mencionada e como foi a relação com Jesus. (NOLAN, 2018, p. 39-50).

⁵⁰⁹ SOBRINO, 1983, 126-127.

⁵¹⁰ Jesus é o Cristo, o critério fundamental, a confissão de que Jesus é o Cristo. “A afirmação de que Jesus é o Cristo não é uma conclusão, mas caminho de fé elevado a confissão.” SILVA, António Jesus da. **Humanidade e humanização em Cristo: análise a partir do contributo cristológico de Walter Kasper**. 2018. 162 fls. Tese (Doutorado). Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, Lisboa, 2018. p. 147-148.

⁵¹¹ NOLAN, 2018, p. 55.

⁵¹² SOBRINO, 1983, p. 123.

⁵¹³ HIGUET, Etienne Alfred. Vida e Encarnação no ser humano, em Cristo e na pintura de Kandinsky. Leitura de Michel Henry. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 2, p. 41-69, 2020. p. 62.

um espaço de contestação do pensamento representativo. É uma nova ontologia que aqui surge: não mais a do ser-homem, mas a do ser-linguagem.”⁵¹⁴ Assim, abre-se o espaço para imaginar a criação humana na sua diversidade. O ser humano, também carne transformada a partir do Verbo, traz consigo a diversidade humana. Logo, a diversidade humana também é revelação. Assim, a diversidade forma uma unidade a partir da fé cristã. Desta forma, a outra pessoa, enquanto Verbo que se fez carne, é revelação de Deus e reconhecer nela Deus, significa reconhecer a diversidade humana. Logo, Deus – Jesus e toda a humanidade – espelha essa diversidade.

Desta forma, há que se mencionar que, quando se refere a Jesus enquanto imagem de Deus, não se trata de antropomorfizar Deus. De igual maneira, quando se menciona que o rosto de Cristo é o rosto de Deus, não se está referindo às feições. “Por um rosto em Deus equivale a suprimir a sua divindade, a torná-lo um homem superlativo, reconhecível, que compartilha os contornos de um rosto com os seres humanos.”⁵¹⁵ Deus, enquanto Sagrado, é aquele numinoso inominável, conforme Rudolf Otto.⁵¹⁶

Jesus Cristo é a imagem de Deus (2 Co 4.4). Brakemeier menciona que, a partir do Novo Testamento, se concretiza o anseio pelo “novo ser humano” através de Jesus.⁵¹⁷ Destaca que

Viveu como filho de Deus, e o fez de modo consequente. Não queria se nem mais, nem menos do que isto, colocando exatamente assim o padrão para o autenticamente humano. Jesus, em sua qualidade de filho de Deus, encarna, exemplifica e define a imagem de Deus.⁵¹⁸

Enquanto filho de Deus, confluem o humano e o divino, menciona Brakemeier: “Jesus é imagem de Deus em ambos os sentidos, como representante de Deus e do ser humano. Ele é simultaneamente norma do ‘humano’ e redentor de ‘desumanidade’”⁵¹⁹ Exibe os sinais da sua humanidade como qualquer pessoa. Ele se apavora diante da morte (Mc 14.32s) e sofre na cruz com o abandono de Deus (Mc 15.34). “Ele chora, assim como também sabe alegrar-se e saborear os lados gostosos

⁵¹⁴ LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 63.

⁵¹⁵ LE BRETON, David. **Rostos**: ensaios de antropologia. Petrópolis: Vozes, 2020. (E-book). p. 8.

⁵¹⁶ OTTO, 2011.

⁵¹⁷ BRAKEMEIER, 2002, p. 25.

⁵¹⁸ BRAKEMEIER, 2002, p. 26.

⁵¹⁹ BRAKEMEIER, 2002, p. 32.

da vida. [...] Em Jesus, o humano está em sintonia e continuidade com a experiência humana.”⁵²⁰

O filho de Deus espelha a diversidade humana na medida em que as suas narrativas refletem a sua ação imediata para com o próximo ou a próxima. Jesus assume as dores e age, expressão máxima da alteridade. Suas palavras e ações, narradas na Bíblia como experiências das pessoas com o Sagrado, fazem com que imagens sejam construídas, como a do pobre da Galileia, filho de carpinteiro.⁵²¹ Aliás, as imagens construídas acerca de Jesus Cristo necessitam ser realizadas a partir do Jesus enquanto “[...] pessoa inserida na realidade de seu tempo.”⁵²² A inserção na realidade do seu tempo confere a Jesus a humanidade e que é evidenciada no Novo Testamento, conforme aponta Brakemeier, quando lembra que Jesus é “[...] ‘nascido de mulher’ (Gl. 4.4), descendente de Davi (Rm 1.3s), criado em Nazaré da Galileia, residente na cidade vizinha de Cafarnaum (Mc 2.1s).”⁵²³

Brakemeier pondera que a imagem de Jesus é construída pelas pessoas a partir de uma cristologia popular. Seja como monarca eclesial, milagreiro, pastor carinhoso, libertador, a cristologia sempre se contextualiza. Por isso, é importante “[...] evitar descaminhos que se abrem quando a teologia começa a pensar as ‘coisas do homem’ e não as ‘coisas de Deus’, ou seja, quando a cristologia for abusada para a legitimação dos interesses humanos.”⁵²⁴ Assim, conforme Edegard Silva Júnior⁵²⁵, a cristologia, ou melhor, as elaborações cristológicas ao longo do tempo são as imagens construídas de acordo com o contexto de forma a enfatizar uma ideia, seja por parte das pessoas, seja pela instituição Igreja.

- do Rosto Glorioso, imagem predominante nos primeiros séculos do cristianismo;
- do Cristo morto, difundida no período medieval e moderno, enfatizando a figura de Jesus mais humana e mais próxima do sofrimento;

⁵²⁰ BRAKEMEIER, 2002, p. 33-34.

⁵²¹ FERRARRO, 2021, p. 34.

⁵²² FERRARRO, 2021, p. 125.

⁵²³ BRAKEMEIER, 2002, p. 26.

⁵²⁴ BRAKEMEIER, 2010, p. 69.

⁵²⁵ SILVA JÚNIOR, Edegard. **O rosto de Jesus no decorrer da história: do Jesus histórico ao Jesus das CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 27-76.

- do Cristo Rei, no período de 1840 a 1920, quando há um culto ao coração de Jesus, cuja imagem é a de um Cristo meigo, bem arrumado, com jeito afeminado, para legitimar uma teologia que coloca os bispos como príncipes eclesiásticos. Com isso, se pretendeu transmitir a ideia de que as autoridades eram imagem e semelhança de Cristo e, por isso, deveriam ser aceitas e respeitadas, mesmo que oprimissem o povo;
- do Cristo celestial, aquele pacífico, sem denúncia, cujo sofrimento é um dever para na morte receber a glória;
- do Jesus eucarístico, que anuncia uma nova sociedade que camufla e esconde os conflitos, neutralizando a força profética da Ceia, colocando imagens de anjos, flores nuvens e raios, unindo o coração de Cristo à Eucaristia;
- do Jesus libertador, preocupado com a transformação social, que passa pela instância político-histórica, um Jesus a partir do contexto das pessoas pobres e oprimidas.

A pergunta que se coloca é: o que é e onde está, realmente, o rosto de Cristo, entendido como rosto de Deus? Ademir Rubini destaca que o rosto de Deus se manifesta já no Antigo Testamento:

A iniciativa divina, de escolher e libertar Israel, revelando-lhes o rosto de Deus misericordioso e compassivo, cheio de amor e de bondade, fiel às suas promessas, apesar dos pecados do povo, foi base fundante e fundamental sobre a qual o povo de Israel construiu sua história.⁵²⁶

Rubini enfatiza que a justiça de Deus há que ser compreendida como conceito relacional entre Deus e o povo de Israel. A manifestação de Deus se dá com um rosto marcado pela misericórdia, pelo amor, pela compaixão. Deus libertou Israel da expressão a partir da sensível escuta pelo clamor de quem sofre.⁵²⁷

As imagens construídas pelas igrejas nem sempre revelam o que é, nem onde está o rosto de Cristo. Cada igreja, cada religião acaba por construir as suas imagens. Porém, fato é que, construídas a partir de Cristo, que opta pelas pessoas oprimidas,

⁵²⁶ RUBINI, Ademir. **A justiça de Deus em perspectiva: (des)construções na teologia paulina, na comunidade de Qumran e na tradição judaica.** São Leopoldo, RS, 2015. 360 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/639/1/Rubini_a_td148.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023. p. 4.

⁵²⁷ RUBINI, 2015, p. 16.

que evidencia alteridade em suas palavras e ações, as imagens não deveriam diferir na sua essência. Afinal, a igreja só é igreja quando existe para as outras pessoas, lembra o teólogo colombiano Harold Segura Carmona a partir de estudos acerca da eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer.⁵²⁸

Scruton menciona que encontramos o rosto de Cristo em toda parte, “[...] em tudo aquilo que sofre e que renuncia pelo interesse alheio.”⁵²⁹ Destaca a renúncia e o sacrifício realizado em favor da outra pessoa, como momento supremo de doação. É nesse momento que o “eu” aparece, fazendo uma renúncia de si mesmo: “no momento do sacrifício, as pessoas ficam face a face com Deus, que também está presente naqueles lugares onde a tristeza deixou a sua marca ou ‘a prece foi válida’.”⁵³⁰ Por isso, menciona Scruton, é tão difícil encontrar Deus na contemporaneidade, em meio a uma cultura de consumo que não tem sacrifícios e que apenas distrai as pessoas com entretenimento fácil levando a uma solidão.⁵³¹

Há que se mencionar que a arte, de certa forma, tenta reproduzir este Jesus humano e divino. A Figura 18 apresenta imagens de Jesus a partir de contextos específicos, a partir da experiência de fé destes contextos.

⁵²⁸ SEGURA CARMONA, Harold. **Havia uma espiritualidade evangélica comprometida**. Buenos Aires: Kairós, 2002. p. 51-70.

⁵²⁹ SCRUTON, 2015, p. 231.

⁵³⁰ SCRUTON, 2015, p. 231.

⁵³¹ SCRUTON, 2015, p. 231.



Em sentido horário: Pantocrator de Santo Apolinário Novo; Cristo no Deserto, de Kramskoy; Pantocrator do Mosteiro de Santa Catarina; Ascensão de Jesus vestido como padre em pintura indiana; Crucifixão de Grunewald.

Figura 18: Imagens de Jesus Cristo

Fonte: REINKE, 2020.

#pratodosverem: composição cinco imagens de Cristo. Duas acima de outras duas e uma maior à direita, verticalmente. A primeira, em sentido horário, o rosto de Cristo de frente, reproduzido a partir de ladrilhos. Jesus tem cabelos castanhos longos e barba. Ao fundo, ladrilhos amarelos compõem a imagem. Ao lado, imagem prioriza levemente o perfil esquerdo, com Jesus olhando para baixo. Ele tem cabelos castanhos compridos e barba. O fundo é branco. A imagem abaixo da primeira mostra o rosto de Cristo crucificado, com a cabeça pendente para a sua direita, com coroa de espinhos e barba rala. Ao lado, desenho do corpo todo de Jesus representando a sua ascensão, com uma cruz em sua mão esquerda, sobre nuvens e sendo recebidos por três anjos, antropomorfizados, com asas. A imagem da direita, que ocupa o espaço de duas imagens uma sobre a outra, apresenta Jesus de meio corpo, com cabelos castanhos compridos, barba rala, pele branca, segurando um livro, com um crucifixo na capa, junto ao peito, com a sua mão esquerda. A mão direita está em posição de bênção.

O teólogo André Reinke menciona que

A arte cristã jamais pretendeu representar o Cristo como ele era fisicamente, mas o que ele significava, na experiência de fé e de culto, para quem o adorava. A questão é simples, mas profundamente teológica: Cristo é “pro me”, para mim, identificado comigo na minha temporalidade e historicidade. O “verdadeiro” Cristo não é necessariamente um rosto específico, mas aquele que se identifica comigo na minha humanidade, como tanto nos ressalta o autor de Hebreus. Tem a ver com a espiritualidade viva e em constante

renovação, não com uma historiografia positivista que já foi enterrada mas continua esperneando no túmulo.⁵³²

A imagem do verdadeiro Jesus Cristo deveria considerar os eventos narrados na Bíblia, daquele que morre denunciando a opressão e ressuscita, evento máximo do cristianismo que afirma a sua divindade. No entanto, conforme Reinke, sempre ocorre uma construção a partir do contexto das pessoas. O estudo do rosto de Cristo, nas artes, se dá, entre outros, a partir de Armindo Trevisan, para quem

O rosto de Cristo será sempre o da Fé, ou seja, um rosto não só modelado por preocupações físicas ou artísticas, mas inspirado pelo desejo sincero de vislumbrá-lo, já neste mundo, com os traços que terá na Vida Eterna. Mesmo quando identificado com o rosto do mais humilde e infeliz ser humano, será sempre um rosto onde é possível descobrir-se um lampejo da sua Ressurreição.⁵³³

O lampejo da ressurreição identificado nos rostos humildes e infelizes a que se refere Trevisan pode ser compreendido como o rosto do crucificado em favor das pessoas oprimidas. De igual maneira, Marcio Luiz Fernandes e Jefferson Zeferino, ao analisarem os murais do artista espanhol Maximino Cerezo Barredo (1932), confirmam que a arte reproduz a mensagem de Cristo, ou seja, as suas palavras e ações através de imagens: “Os murais apresentam, portanto, uma teologia em imagens, e as paredes das igrejas tornam-se espaço e lugar do anúncio do evangelho do Reino.”⁵³⁴ São imagens que alimentam o imaginário popular tanto para a aparência física, por um lado, como para a representação da mensagem. No caso de Maximino Cerezo Barredo, em a “Conquista da Terra roubada”, de 1977, uma pintura mural na Catedral Prelática Nossa Senhora da Assunção de São Félix do Araguaia, no estado brasileiro do Mato Grosso, a representação de um Cristo libertador para pessoas agricultoras, conforme a Figura 19.

⁵³² REINKE, André. **A verdadeira aparência de Jesus**. 18 de julho de 2020. Disponível em: <https://andredanielreinke.com.br/a-verdadeira-aparencia-de-jesus/>. Acesso em 26 mar. 2023. [n. p.].

⁵³³ TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo**. A formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: AGE, 2003. p. 11.

⁵³⁴ FERNANDES, Marcio Luiz; ZEFERINO, Jefferson. “Os murais abertos” na América Latina:: reflexões sobre teologia e arte na obra de Mino Cerezo Barredo. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 662-680, 2020. p. 662.



Figura 19: Conquista da Terra roubada, 1977

Fonte: FERNANDES; ZEFERINO, 2020, p. 674.

#pratodosverem: reprodução artística, colorida, com oito pessoas carregando uma cruz, na horizontal, com uma imagem representado Jesus Cristo na ponta, em elevação, com um lençol que cobre o seu corpo nas partes íntimas e sobre pelo corpo, com uma mão estendida para as pessoas e outra apontando para cima. Jesus, apresenta as chagas visíveis na mão direita que estende às pessoas e nos pés. Há uma luz que vem de cima sobre Jesus. As pessoas carregando a cruz são, da esquerda para a direita, um homem negro usando um chapéu e um facão na cintura, uma mulher usando saia azul e camiseta amarela, uma criança sem camisa e short vermelho, um homem com calça branca e sem camisa, um homem com calça verde, camisa amarela com traços laranjas e um facão na cintura. Duas pessoas estão do outro lado da cruz, mas podendo ser identificados, somente parte das pernas. Ao fundo da imagem é possível identificar casas humildes e uma cerca.

É importante ter em mente que, por mais que o rosto de Cristo, a sua imagem, seja a mais conhecida do mundo, as Sagradas Escrituras no Novo testamento não dizem absolutamente nada sobre o seu aspecto físico, de acordo com Armindo Trevisan.⁵³⁵ Com isso, “[...] o caminho ficava aberto às hipóteses.”⁵³⁶ Assim, reitera-se que a imagem de Cristo e o seu rosto acabam sendo construídos a partir do contexto das pessoas.

4.2.2 O rosto de Cristo na outra pessoa

David Le Breton menciona que o rosto é sempre um sopro de vida e nele subsiste a resistência. Destaca que

privação do nome, privação do rosto: as duas operações necessárias para a liquidação simbólica do indivíduo e para seu novo uso puramente funcional, à espera da morte. Resta apenas um corpo para receber um número. Quando se suprime o que faz a condição do ser humano – o seu rosto, o seu nome, a sua história –, nada resta, com efeito, além do volume do corpo.⁵³⁷

⁵³⁵ TREVISAN, 2003, p. 13-14.

⁵³⁶ TREVISAN, 2003, p. 14.

⁵³⁷ LE BRETON, 2020, p. 15.

Por isso é importante ter a imagem simbólica de que é no contexto das pessoas pobres e oprimidas que Jesus revela o seu rosto e que leva à Filosofia primeira que é, segundo Emmanuel Levinas, a ética, que move para a ação a partir do amor, que é a Teologia primeira.⁵³⁸ Porém, não se trata de somente praticar ações boas, como lembra Cavalcanti. É preciso se entusiasmar com o ético, “admirar aquelas atitudes que se deseja ter.”⁵³⁹ O ético é isto: abrir-se às outras pessoas, olhá-las, dialogar e conviver.⁵⁴⁰

Papa Francisco, quando da sua eleição para o papado, destacou que a Igreja é chamada para sair de si mesma e ir para as periferias, geográficas e existenciais, saindo do narcisismo teológico.⁵⁴¹ Em outras palavras, Papa Francisco apela para uma Teologia Prática, que é ação para com as pessoas oprimidas, o que significa o amor em prática para com as pessoas, tolerância e desprendimento. Sem isto, conforme o filósofo Paulo Schmidt, “[...] o Homem de Nazaré torna-se mero espelho em que cada qual vê a si mesmo.”⁵⁴²

A partir do teólogo Friedrich Gogarten (1887-1967), Ferraro destaca que o outro (o *tu*) a partir do qual cada pessoa existe (o *eu*) é Deus.⁵⁴³ A este respeito, Brakemeier considera que “tu” é imagem e semelhança de Deus, mas não o próprio Deus. Considerando Gênesis 1.27, “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”, Brakemeier pondera que, como imagem, o ser humano não é igual a Deus, uma vez que uma imagem não é igual ao original.⁵⁴⁴ Explica que o atributo da imagem de Deus não significa que o ser humano é divinizado.

⁵³⁸ A pesquisa relaciona as áreas do conhecimento da Filosofia e da Teologia, relacionando a ética da alteridade com o grande mandamento do amor.

⁵³⁹ CAVALCANTI, 2013, p. 85.

⁵⁴⁰ CAVALCANTI, 2013, p. 109.

⁵⁴¹ GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. **O novo rosto da Igreja**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

⁵⁴² SCHMIDT, Paulo. **Cogumelo Jesus e outras bizarras sobre Cristo**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2008. p. 12. Schmidt faz um apanhado em seu livro de narrativas e imagens “bizarras” criadas para Jesus Cristo, desde a sua inexistência histórica para defender que foi uma criação a partir de alucinações provocadas por cogumelos alucinógenos, aterrorista. São imagens construídas para “provar” teorias. Com isso, pretende-se enfatizar que imagens acerca de Cristo são criadas também para legitimar algum discurso, a partir de “interpretações” tendenciosas.

⁵⁴³ Scruton (2015, p. 71) menciona que “O Deus dos filósofos desapareceu atrás do mundo porque era descrito na terceira pessoa e não tratado pela segunda.”

⁵⁴⁴ BRAKEMEIER, 2002, p. 20.

O teólogo Etienne Alfred Higuét menciona que pela encarnação do Verbo, a carne torna-se revelação de Deus.⁵⁴⁵ Nesse sentido, as pessoas são revelações de Deus. No entanto, Higuét prossegue afirmando que “Ao tornar-se homem na carne do Cristo, Deus deifica o ser humano.”⁵⁴⁶ Neste ponto, encontra-se uma discordância, uma vez que não é o ser humano que é deificado, mas Cristo, enquanto Filho enviado por Deus, Aquele que vem a ser o “novo homem”, conforme mencionado a partir de Míguez Bonino.⁵⁴⁷ O ser humano faz parte da revelação de Deus, é encarnação do Verbo e, portanto, a diversidade é esta encarnação.

Retomando Brakemeier, a imagem de Deus é um atributo, um *status* conferido, e não uma capacidade, além de fundamentar a nobreza do ser humano e a sua posição de destaque na criação.⁵⁴⁸ Enquanto atribuição, é compromisso e responsabilidade para com toda a criação. Por isso, cada pessoa é responsável pelo meio no qual vive, e pela outra pessoa, pelo “tu”. Assim, esse “tu”, também é imagem e semelhança de Deus.

A esse respeito, Inácio Luiz Rhoden também aponta que o ser humano é a imagem e a semelhança de Deus, e realizada concretamente na forma de Jesus Cristo.⁵⁴⁹ Destaca o autor que o ser humano é descendente de Adão e a linhagem termina em Jesus Cristo porque, com ele, nasce o novo ser humano. É no Novo Testamento que ocorre a realização concreta do ser humano como semelhança de Deus a partir de Jesus Cristo. Menciona que “O ser humano é plenamente ele mesmo quando realiza concretamente esses valores de imagem de Deus na forma de Cristo, isto é, equipara-se com a sua fórmula, com a sua verdadeira identidade.”⁵⁵⁰

Em Jesus Cristo, Gogarten vê realizado “[...] o ser pessoal do homem, pois ele existe totalmente a partir do Tu de Deus.”⁵⁵¹ Jesus é o Filho enviado por Deus, “[...] vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher [...]” (Gl 4.4). Portanto, o seu rosto é humano, porque nasceu de mulher, e é rosto divino, por ser o Filho de Deus enviado pelo próprio Deus. Conforme Ferrarro, a filiação não

⁵⁴⁵ HIGUET, 2020, p. 62.

⁵⁴⁶ HIGUET, 2020, p. 62.

⁵⁴⁷ MÍGUEZ BONINO, 1982, p. 104.

⁵⁴⁸ BRAKEMEIER, 2002, p. 21.

⁵⁴⁹ RHODEN, Inácio Luiz. **A experiência humana de Deus como experiência de graça e de liberdade.** São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 135.

⁵⁵⁰ RHODEN, 2004, p. 135.

⁵⁵¹ FERRARRO, 2021, p. 84.

provém do Pai, “[...] mas o Pai a reclama também dos homens sob a forma de responsabilidade pelo mundo. Neste sentido, o ser pessoal de Jesus nos abre o caminho para o encontro com Deus e com o mundo.”⁵⁵²

Assim, prossegue Ferrarro, há que se reinterpretar Jesus Cristo a partir da sua prática histórica com a opção pelas pessoas pobres⁵⁵³, ou seja, as pessoas que são oprimidas. A pergunta que se coloca é: por que existe opressão se as pessoas são imagem e semelhança de Deus, se na outra pessoa está Deus? Segundo Jon Sobrino, “Deus não pode anular a liberdade humana – embora produza males – pois isso seria um mal maior.”⁵⁵⁴

Na sua prática, Jesus assume os conflitos da sociedade da sua época,⁵⁵⁵ ou seja, conflitos que levam a algum tipo de opressão. Essa prática acaba levando à asserção pedagógica de Jesus tem como alicerce, segundo o teólogo Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow, a visibilização da pessoa oprimida que, em seu estudo, destaca a deficiência. Essa asserção pressupõe a transformação das estruturas de exclusão:

Dessa forma, objetiva-se estimular a percepção teológica da inclusão das pessoas com deficiência a partir da estratégia de visibilidade presente na prática profético-pedagógica de Jesus como contribuição para as discussões sobre a inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho.⁵⁵⁶

A percepção teológica da inclusão passa pela leitura contextual da Bíblia. Júlio Guerreiro chama para participar pessoas para falarem sobre Deus.⁵⁵⁷ Em um dos encontros, em sua residência, o tema foi a deficiência, com destaque para João 9.1-3, conforme a Figura 20:

⁵⁵² FERRARRO, 2021, p. 84.

⁵⁵³ FERRARRO, 2021, p. 90.

⁵⁵⁴ SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 400.

⁵⁵⁵ FERRARRO, 2021, p. 155.

⁵⁵⁶ STRELHOW, Thyeles Moratti Precilio Borcarte. **A inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho**: as conceituações sobre deficiência e a ocupação do espaço social. São Leopoldo, RS, 2018. 375 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/917/1/strelhow_tmpb_td178.pdf>. Acesso em 10 out. 2022. p. 258.

⁵⁵⁷ DEFICIÊNCIA não é doença. **Bate Papo - Síndrome de Escobar (Part. Família Germano)**. YouTube, 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvuZA9OKZ08>. Acesso em 25 jan. 2023.



Figura 20: Reflexão a partir de João 9.1-3

Fonte: Print de tela, DEFICIÊNCIA 3 fev. 2020.

#pratodosverem: print de tela do canal “Deficiência não é doença”. Da esquerda para a direita, estão Júlio, em primeiro plano, em meio corpo, vestindo uma camiseta azul estampada com letras pretas ilegíveis. Ao lado, no plano de fundo uma mulher sentada, com uma criança no colo, vestindo uma saia com listras horizontais brancas e pretas. A criança, um menino, usando uma bermuda amarela e uma camiseta regata azul clara. Ambos olham para um homem sentado ao lado, segurando uma Bíblia aberta. Ele veste uma bermuda clara e uma camiseta regata verde clara com letras grandes ilegíveis, ao seu lado, mais para o primeiro plano, outro homem, Fernando, irmão de Júlio, usando óculos, sorrindo, em meio corpo, usando uma camisa gola polo, com listras horizontais cinza, branca e vermelha. Na borda inferior da imagem está escrito João Cap. 9 Vers. 1 ao 5.

É possível compreender a utilização de João 9.1-3 para a reflexão em um canal de uma pessoa deficiente. Trata-se de texto que aborda a cegueira de uma pessoa:

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença.

E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. (João 9.1-3).

Assim como outras doenças ou deficiências, no pensamento dos tempos de Jesus a causa seria pelo pecado da própria pessoa ou da família.⁵⁵⁸ As pessoas no vídeo são da família Germano, o pai Wellington, a mãe (não identificada pelo nome) e o filho Mateus. Participa do vídeo o irmão de Júlio, também com a Síndrome de

⁵⁵⁸ STRELHOW, 2018, p. 278.

Escobar, chamado Fernando. O vídeo inicia com Wellington saudando “os irmãos” e lendo a passagem João 9.1-3.

Wellington menciona que a deficiência, conforme o texto, não é resultado do pecado da pessoa ou de um familiar, mas entende como “permissão” de Deus, além de afirmar que “Deus usa de coisas loucas para confundir as sábias.”⁵⁵⁹ No decorrer do vídeo, percebe-se que a conversa diz respeito ao filho Mateus, a criança que permanecia no colo da esposa, também com a Síndrome de Escobar. Wellington busca na Bíblia uma explicação para a deficiência e que “Mateus é uma criança saudável, uma criança inteligente, [...]. O senhor tem trabalhado na vida dele [...] os médicos desenganaram o Mateus [...] mas quem dá a última palavra é Deus.”⁵⁶⁰

A fala do pai Wellington remete à pesquisa Strelhow no que diz respeito a tirar o foco da deficiência da pessoa:

[...] a provocação dos questionamentos apresentam a compreensão de que a deficiência não é um problema social, ao qual a comunidade/sociedade é desafiada a achar alguma solução, mas uma responsabilidade própria pessoa com deficiência ou sua família são culpadas pela deficiência. Esse detalhe é essencial para que se possa entender o movimento iniciado por Jesus, no qual, tira-se o foco da deficiência da pessoa, objetivando-se na pessoa o fundamental para além de sua deficiência. Logo, é evidente que a impureza ou o pecado não pode ser a justificativa para se excluir as pessoas caracterizadas como impuras ou pecadoras do convívio social religioso, mas, pelo contrário, são voltadas para estas pessoas que se devem direcionar as ações em prol da construção de uma sociedade/comunidade pautada pelo Reino de Deus.⁵⁶¹

Jesus toma parte das pessoas deficientes e que são oprimidas pela sociedade, sendo marginalizadas, acusadas de pecadoras. As pessoas deficientes precisam ser enxergadas na condição de diversidade e isso só ocorre quando a pessoa que olha sai de si e contempla a outra incondicionalmente. Conforme Luiz Carlos Dalla Rosa, trata-se de exercitar a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do Êxodo. Segundo o autor, o Êxodo é uma experiência fundante na formação do povo de Israel. Destaca que,

Semelhante a Moisés que, diante da enigmática sarça ardente, toma consciência da situação do povo israelita cativo no Egito, a Ética da Alteridade faz ressoar uma provocação que convoca o sujeito a sair para uma

⁵⁵⁹ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 4’.

⁵⁶⁰ DEFICIÊNCIA, 3 fev. 2020, 4’.

⁵⁶¹ STRELHOW, 2018, p. 279.

caminhada incerta, sair de suas próprias seguranças para ir ao encontro da aflição estampada no rosto de outrem.⁵⁶²

Justifica-se a aproximação com a filosofia, a partir de Levinas, uma vez que o mesmo afirma que a Teologia começa no rosto do próximo e da próxima. Menciona que a divindade de Deus se processa no ser humano, que Deus desce no rosto da outra pessoa.⁵⁶³ Assim, a Teologia assume a experiência da pessoa oprimida, essa pessoa outra na qual Deus “desceu”, conforme Levinas, abrindo para o reconhecimento dela. Por isso temos, por exemplo, a Teologia Negra que surge da experiência das pessoas negras, conforme apontam Joe Marçal Gonçalves dos Santos e Charlisson Silva Andrade, a respeito de James Cone, que

[...] coloca a sua própria experiência de vida, enquanto negro em uma sociedade racista dominada por brancos, como um elemento fundamental para a sua reflexão teológica. Pois, para ele, não há neutralidade na interpretação que se faz das Escrituras, nem há teologia que não revele particularidades de seu tempo e contexto social, político e cultural, sendo necessário para a Teologia Negra assumir um pensamento que correlacione a mensagem cristã com a história e cultura dos negros em sua busca por liberdade e justiça.⁵⁶⁴

De igual maneira a Teologia afro-brasileira, assim como sobre uma Teologia indígena, considera a experiência de fé e de vida destas comunidades.⁵⁶⁵ É a correlação mencionada por Santos e Andrade, entre a mensagem cristã com o contexto em busca por liberdade e justiça,⁵⁶⁶

4.2.3 O rosto da Misericórdia

O teólogo Agenor Martins da Silva menciona que os pobres reencontram no rosto misericordioso de Jesus “[...] o rosto amoroso do Deus Pai-Mãe que ama e está ao lado dos pobres e marginalizados.”⁵⁶⁷ Silva lembra que, nos tempos de Jesus, a

⁵⁶² DALLA ROSA, Luís Carlos. **Educar para a sabedoria do amor**: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do Êxodo. São Leopoldo, 2010. 344 f. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/176/1/dallarosa_lc_td96.PDF>. Acesso em: 10 out. 2022. p. 94.

⁵⁶³ LEVINAS, Emmanuel. **Los imprevistos de la Historia**. Salamanca: Sígueme, 2006. p. 194.

⁵⁶⁴ SANTOS, Joe Marçal Gonçalves; ANDRADE, Charlisson Silva. A Teologia Negra da Libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de o deus dos oprimidos (1975). **Interacoes**, v. 13, n. 24, p. 355-374, 2018. p. 372.

⁵⁶⁵ ZWETSCH, Roberto Ervino. Teologia Indígena e Teologia Afro-brasileira—caminhos de fé e vida em diálogo. **identidade!**, v. 22, n. 1, p. 78-99, 2017.

⁵⁶⁶ SANTOS; ANDRADE, 2018, p. 372.

⁵⁶⁷ SILVA, Agenor Martins da. **Jesus Cristo, o rosto misericordioso do Pai**: prosperidade ou redenção? São Leopoldo, RS, 2016. 105 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST,

teologia oficial era a da retribuição, ou seja, a de que Deus retribuía a pessoa justa com coisas boas, e a injusta, conseqüentemente, com coisas ruins. Menciona, por exemplo, que pessoas deficientes eram consideradas impuras a partir de leitura como a de Êxodo 20.5: “Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.” Porém, Jesus Cristo vai na contramão desta teologia:

[...] Deus não abandona os pobres, mas caminha com as pessoas que sofrem, ele “protege o estrangeiro, sustenta o órfão e a viúva” (Sl 146,9). Não é o Deus do sacrifício, mas o Deus da misericórdia; [...]. Esse é o rosto de Deus revelado por Jesus: um Deus que manifesta sua misericórdia para com os mais fracos e desgraçados. A misericórdia faz o pobre sentir a proximidade de Deus, principalmente em seu sofrimento quando sente que Deus escuta e não esquece seu grito (Sl 9,13). Reside aí a sensibilidade de Jesus que incidu no cuidado com o outro que, em seu rosto, carrega as marcas da exclusão e da vulnerabilidade. Daí o fato de a misericórdia ser na prática o introito teológico do prólogo do evangelho de Lucas.⁵⁶⁸

Em entrevista ao vaticanista Andrea Tornielli, Papa Francisco menciona que a humanidade está no tempo (kairós) da misericórdia, e a Igreja mostra o seu rosto materno à humanidade ferida, devendo ir ao encontro acolhendo e cuidando.⁵⁶⁹ Este encontro com as pessoas é um estilo próprio de Jesus, enfatiza o teólogo Carlo Broccardo: “seja na cura, no ensino, na repreensão ou no encorajamento, o que lhe importa acima de tudo é o encontro. O olhar de Jesus faz emergir a verdade das pessoas.”⁵⁷⁰

A misericórdia referido por Papa Francisco é definida como

[...] abrir o coração ao miserável. E vamos logo ao Senhor: misericórdia é a atitude divina que abraça, é doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar. Jesus disse que não veio para os justos, mas para os pecadores. Não veio para os sadios, que não precisam de médico, mas para os doentes. Por isso, pode-se dizer que a misericórdia é a carteira de identidade do nosso Deus.⁵⁷¹

Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/663/1/silva_am_tmp450.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022. p. 12.

⁵⁶⁸ SILVA, 2016, p. 71.

⁵⁶⁹ PAPA FRANCISCO, 2016, p. 34-35.

⁵⁷⁰ BROCCARDO, Carlo. O estilo de Jesus. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus**: a enciclopédia. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 759.

⁵⁷¹ PAPA FRANCISCO, 2016, p. 37.

Enquanto rosto da misericórdia, ele não possui gênero, conforme Leonardo Boff, mas é ambos. Destaca Boff que o vigor do amor paterno e a ternura do amor materno estão juntos. As duas figuras de Pai e Mãe eternos, ao serem assumidas, expressam “[...] aquilo que na fé cremos: há um mistério último, aconchegador, fonte e princípio de tudo, que nos convida à comunhão, do qual tudo vem e para o qual tudo vai: o Pai e a Mãe celestes.”⁵⁷²

Destaca Silva que é no Evangelho de Lucas que se percebe Jesus como rosto da misericórdia⁵⁷³, aquele não precisou fazer a opção pelos pobres e oprimidos porque ele “nasceu cercado pelas realidades da pobreza (Lc 2.7), as quais circunstanciaram sua rejeição como messias, ao mesmo tempo em que ressalta ser ele o rosto misericordioso do Pai.”⁵⁷⁴ Também Papa Francisco⁵⁷⁵ menciona o Evangelho de Lucas para destacar a misericórdia: “Haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão.” (Lc 15.7). Nesse caso, importa a alegria pelo filho que retorna, que se arrepende, e que precisa da misericórdia. A misericórdia, segundo Papa Francisco, mora no coração de cada pessoa e conclama pela urgência de se anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo.⁵⁷⁶

4.3 PALAVRAS E AÇÕES

Partindo da premissa já evidenciada de David Le Breton, que é no rosto que está o todo o ser de uma pessoa,⁵⁷⁷ o rosto de Cristo está, também, nas suas palavras e ações. Assim, a imagem de Cristo é (e deve) ser construída a partir daquilo que profere e daquilo que faz. Não à toa que Ferraro destaca que é a história de Jesus e sua pessoa, ou seja, suas palavras e suas ações, que explicam todos os títulos a ele dados, e não os títulos que explicam Jesus.⁵⁷⁸

⁵⁷² BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 211.

⁵⁷³ SILVA, 2016, p. 58.

⁵⁷⁴ SILVA, 2016, p. 70.

⁵⁷⁵ PAPA FRANCISCO, 2016, p. 84.

⁵⁷⁶ PAPA FRANCISCO. **Misericordie Vultus**: o rosto da misericórdia. Bula Misericordiae Vultus de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulus, 2015. p. 5-14.

⁵⁷⁷ LE BRETON, 2006, p. 71.

⁵⁷⁸ FERRARRO, 2021, p. 58. O autor faz referência a títulos como Filho de deus, Salvador, Redentor, Resgatador, Libertador, entre outros.

As ações e as palavras de Jesus Cristo remetem às outras pessoas, ou seja, é a prática da alteridade, a partir do seu conceito filosófico, e do amor, a partir do seu conceito teológico, enquanto mandamento máximo.⁵⁷⁹ Estas pessoas são as oprimidas, assim como as doentes, as deficientes, enfim, as da diversidade excluída pelos padrões sociais, políticos, culturais e religiosos do contexto de Jesus. A partir da perícopes de Lucas 4.16-30 compreende-se que a práxis de Jesus não exclui nenhuma pessoa.

E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler.
 E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito:
 O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração,
 A pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, A pôr em liberdade os oprimidos, A anunciar o ano aceitável do Senhor.
 E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.
 Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.
 E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca; e diziam: Não é este o filho de José?
 E ele lhes disse: Sem dúvida me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum.
 E disse: Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria.
 Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se cerrou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome;
 E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva.
 E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro.
 E todos, na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira.
 E, levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem.
 Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se. (Lc 4.16-30).

Agenor Martins da Silva destaca o cunho eminentemente querigmático da perícopes. Destaca que Jesus, ao acolher, perdoar e curar as pessoas que o templo e a sociedade encarregavam-se de declarar como endemoninhadas (Lc 5,12-16), evidencia que os líderes de Israel, ao rejeitarem a Jesus, demonstram a sua “[...]”

⁵⁷⁹ Nilo Ribeiro, ao discorrer acerca da alteridade a partir da filosofia, acaba por relacionar indiretamente com a teologia. Menciona o autor que, em tempos de banalização da violência e da morte, “[...] a filosofia da alteridade tem uma palavra que soa como signo de uma esperança – messiânica – que brota da ‘Sabedoria do amor’ suscitada pela alteridade de outrem que vem de alhures.” (RIBEIRO, Nilo. Emmanuel Levinas: o pensador da ética como filosofia da alteridade. *In*: CARDOSO, Delmar (Org.). **Pensadores do século XX**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 162).

incapacidade de ler a história. Seus teólogos não conseguem superar a teologia vigente, a qual não conseguiu ver em Jesus o propósito de Deus.”⁵⁸⁰

4.3.1 Amor: palavra que move para a ação

As ações das pessoas são movidas a partir de algum sentimento. O psicólogo russo Alexander Vladimirovich Zaporozhets⁵⁸¹ menciona que as pessoas, ao executarem ações e conhecerem a realidade circundante, não se mantêm indiferentes a ela, participando e descobrindo relações internas entre si e os objetos, acontecimentos e ações. Pondera que

Ao mesmo tempo, experimenta[m], sob seus efeitos, uns ou outros sentimentos ou emoções. Alguns fenômenos provocam-nos alegria, outros geram tristeza; algumas qualidades humanas provocam-nos simpatias, outras, desprezo. O sentimento ou a emoção é a relação experimentada de imediato pelo homem no que se refere à realidade circundante e a ele mesmo.⁵⁸²

Prossegue afirmando que os sentimentos são reflexos da realidade objetiva vivida e que são provocados por tais objetivos e pelos fenômenos circundantes.⁵⁸³ Assim, em uma sociedade na qual o amor às pessoas próximas é o sentimento que nutre a realidade objetiva, as pessoas acabam sendo movidas para a alteridade. Já, em contrapartida, em uma sociedade na qual o egoísmo é o sentimento que nutre a realidade objetiva, as pessoas acabam sendo movidas para ações que remetam ao seu próprio “eu”.

Conforme aponta Brakemeier, Jesus Cristo é a encarnação da palavra (logos), do amor e da sabedoria de Deus. “Mas palavra, amor e sabedora divinos já existiam antes de Jesus de Nazaré. [...] O que se revelou em Jesus sempre estava com Deus.”⁵⁸⁴ E assim revelou Jesus em João 13.34: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” Este mandamento do amor, conforme lembram Gerd Theissen e Annette

⁵⁸⁰ SILVA, 2016, p. 72.

⁵⁸¹ ZAPOROZHETS, Alexander Vladimirovich. Os sentimentos. *In*: LONGAREZI; Andréa Maturano; VALDÉS PUENTES Roberto. **Ensino desenvolvimental: antologia: livro**. Uberlândia: UFU, 2017. p. 133-148.

⁵⁸² ZAPOROZHETS, 2017, p. 133.

⁵⁸³ ZAPOROZHETS, 2017, p. 134.

⁵⁸⁴ BRAKEMEIER, 2010, p. 69.

Merz⁵⁸⁵, é considerado a marca distintiva do cristianismo. Ou, novamente a partir de Brakemeier, “não se trata de um mandamento ao lado de outros, e sim do critério de todas as demais prescrições legais.”⁵⁸⁶

Este amor é incondicional e marca a relação entre o ser humano e Deus.⁵⁸⁷ O amor mútuo, entre as pessoas, por sua vez, segundo o teólogo Michel Fédou⁵⁸⁸, faz com que as pessoas participem do próprio amor que, no Espírito, une Jesus a seu Pai. Fédou faz esta assertiva a partir de João 17.21;26, ainda que se refira aos discípulos, mas que se estende a todas as pessoas:

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. [...] E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja.

O imperativo de Jesus acerca do sentimento do amor, de amar ao próximo e à próxima, resulta na ação para com a pessoa próxima. Reflete toda a ética cristã. Amar como Jesus amou significa agir como Jesus agiu. Significa amar a diversidade humana, cada qual na sua particularidade. Significa agir com heteronomia, ou seja, para a outra pessoa, de tal forma que “[...] o outro me interpela, seu rosto constitui um mandamento que me faz ser responsável por ele. [...] Sou responsável pelo outro a tal ponto que até pela sua responsabilidade sou responsável.”⁵⁸⁹

Conforme Theissen e Merz, o amor é aplicado a todas as pessoas, “[...] em especial aos estrangeiros, aos inimigos e aos marginalizados e religiosamente estigmatizados como ‘pecadores’.”⁵⁹⁰ Fédou segue a mesma linha enfatizando que o amor se estende a todas as pessoas, inclusive as inimigas. Menciona que a fé deve, ela mesma, estar acompanhada do amor (ágape – também traduzido como caridade).⁵⁹¹

Cotta destaca que a possibilidade de que a pessoa oprimida pode libertar quem oprime de sua própria opressão, “[...] ou seja, aqueles que sofrem têm a

⁵⁸⁵ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: um manual. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 408.

⁵⁸⁶ BRAKEMEIER, 2010, p. 62.

⁵⁸⁷ RHODEN, 2004, p. 88.

⁵⁸⁸ FÉDOU, Michel. Um novo mandamento: “amai-vos uns aos outros”. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus**: a enciclopédia. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 737.

⁵⁸⁹ BRESOLIN, Keberson. Autonomia versus heteronomia: o princípio da moral em Kant e Levinas. **Conjectura: Filos. Educ.**, v. 18, n. 3, p. 166-183, 2013. p. 182.

⁵⁹⁰ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 415.

⁵⁹¹ FÉDOU, 2020, p. 736-738.

capacidade de despertar no outro (através da luta contra as injustiças sociais) a necessidade de romper com o ciclo destrutivo.”⁵⁹² Assim, o amor para quem comete injustiças, mostrando-se na sua diversidade oprimida, fazendo ser afetado ou afetada⁵⁹³, pode transformar uma estrutura excludente.

Roselyne Dupon-Roc, teóloga, defende que este amor às pessoas inimigas reflete o que chama de “infinita exigência do acolhimento gracioso.”⁵⁹⁴ Este amor que leva à ação é a própria alteridade uma vez que, conforme Míguez Bonino:

Amar é submeter-se ao propósito criador de Deus manifesto nas diferentes ordenas da vida humana – é servir ao próximo de maneira concreta na família, na ordem econômica, na ordem política. Amar é impregnar a totalidade das relações com a totalidade dos homens da disposição concreta ao serviço que Deus manifesta. Amar é ingressar nas relações e exigências éticas da cultura na qual nos encontramos com a livre determinação do novo homem em Cristo e repensar e reviver essas relações e exigências [...].⁵⁹⁵

A alteridade, conforme mencionado, coloca o Tu em relação com o Eu, mais especificamente, à frente do Eu. Tal relação significa ser tocado, envolvido e, principalmente, afetado no sentido de ter afeto e amor. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37) é emblemática nesse sentido. Preocupado com o seu futuro, mais precisamente com a vida eterna, um “intérprete da lei” tem como resposta a própria lei: “[...] Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Fazendo isto, “viverás”, disse Jesus. A própria alteridade levará a pessoa à salvação, conforme menciona Jon Sobrino: “[...] essas pessoas exprimem alteridade com relação a eles, e nessa alteridade veem precisamente possibilidade de salvação.”⁵⁹⁶

⁵⁹² COTTA, 2021, p. 44.

⁵⁹³ Ser afetado ou afetada significar estar tomado ou tomada por afeto, do que se compreende que se refere a emoções positivas. “Enquanto as emoções fazem referências a pessoas ou coisas, os afetos por sua vez acompanham as relações interpessoais, não havendo um domínio da paixão.” DE OLIVEIRA, Luzia Carmem. Saúde mental nos tempos de pandemia: uma releitura dos afetos e da pulsão de morte em Freud. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 9, n. 1, p. 18-34, 2020. p. 22.

⁵⁹⁴ DUPONT-ROC, Roselyne. O amor aos inimigos. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus: a enciclopédia**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 737.

⁵⁹⁵ MÍGUEZ BONINO, 1982, p. 104.

⁵⁹⁶ SOBRINO, 2000, p. 405.

4.3.2 Ações das pessoas no mundo

O teólogo Uwe Wegner⁵⁹⁷ questiona sobre o que as pessoas andam fazendo para que a vida esteja tão ameaçada e o seu futuro tão inseguro e perigoso. Ao mesmo tempo, as pessoas esquecem que é no amor que está a salvação. Isto não é difícil de compreender porque, uma vez agindo a partir do amor, não se estará ameaçando: a) a nossa casa (oikos):

[...] a poluição da terra, água e ar; a poluição de nossos alimentos; a destruição generalizada da natureza e das reservas naturais; a desproporção entre o aumento da população e a distribuição das rendas; e concentração desordenada das pessoas em grandes centros habitacionais urbanos, etc. Uma série de novos fatores está fazendo com que a nossa *oikía*, a nossa casa que representa a terra, esteja tornando-se inabitável.⁵⁹⁸

E b) as pessoas próximas:

Está nos faltando mais prática de amor ao próximo, ou nossa visão do que seja amor e do que seja o próximo também está distorcida e carecendo redefinição? Para mim tanto uma como a outra coisa estão na origem da ameaça à vida que vivemos hoje.⁵⁹⁹

Seguindo a parábola, Wegner propõe compreender quem é a pessoa próxima a partir da atitude do sacerdote que passou de largo (v. 31), do levita que também passou de largo (v. 32) e do samaritano, que se compadeceu do homem caído (v. 33).⁶⁰⁰ Jesus pergunta: “Qual, pois, destes três [sacerdote, levita e samaritano] te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10.36). Ao que teve como resposta: “O [samaritano] que usou de misericórdia para com ele [aquele que caiu nas mãos de salteadores]” (Lc 10.37).

O samaritano não apenas “viu” a pessoa caída. Mas teve uma ação. “A visão [...] não leva necessariamente à ação. Mas o ato de compaixão parece pressupor a visão.”⁶⁰¹ Por isso, salienta Wegner, é preciso ver, reconhecer e identificar uma pessoa em vulnerabilidade para que haja a ação de misericórdia.⁶⁰² Jesus Cristo, com

⁵⁹⁷ WEGNER, Uwe. Repensando uma velha pergunta: quem é meu próximo? **Estudos Teológicos**, v. 30, n. 1, p. 59-73, 1990.

⁵⁹⁸ WEGNER, 1990, p. 60.

⁵⁹⁹ WEGNER, 1990, p. 61.

⁶⁰⁰ WEGNER, 1990, p. 61.

⁶⁰¹ WEGNER, 1990, p. 67.

⁶⁰² WEGNER, 1990, p. 67.

as suas palavras e ações, queria justamente isso, “[...] despertar a mesma compaixão e a mesma fé nas pessoas ao seu redor.”⁶⁰³

Nesse sentido, as pessoas não são próximas no sentido espacial e por agrupamento/pertencimento. “É a sua ação marcada pelo amor que as torna próximos.”⁶⁰⁴ Isto significa, por exemplo, amar às pessoas que cometem injustiças, “[...] quebrando assim as relações de utilidade e amor mútuos caracterizados pelo egoísmo de grupo que exclui os demais.”⁶⁰⁵

4.3.3 Ações de Jesus Cristo

Jesus, vendo a fé das pessoas, cura uma pessoa parálitica ao perdoar os seus pecados (Mc 2.1-12). Porém, este perdão, com a conseqüente cura, não apenas livra a pessoa de uma deficiência, mas, com isso, Jesus questiona todo um sistema que conferia ao Templo, e com a mediação dos sacerdotes, a tarefa de perdoar pecados. Com isso, Jesus “[...] destrói a influência do Templo sobre as pessoas em relação ao pagamento de impostos e a exigência de sacrifícios para o perdão dos pecados.”⁶⁰⁶

Jesus não apenas enxerga uma pessoa em sofrimento, a parálitica, mas todas as que são oprimidas pelo sistema do Templo no que diz respeito à observância da Lei, ou sobre a pureza. A narrativa seguinte (Mc 2.13-17) prossegue rompendo com a lógica vigente quando Jesus faz uma refeição com publicanos e pecadores arrependidos, partilhando a mesa. Com isso, cai o distanciamento entre as pessoas, “[...] caem por terra muitas das nossas barreiras de distanciamento e falta de comunicação [...]”⁶⁰⁷

Da mesma forma, a Lei, enquanto prevê o sábado como dia de descanso, é questionada por Jesus quando da necessidade de comer por parte de quem passa

⁶⁰³ NOLAN, 2018, p. 59.

⁶⁰⁴ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 415.

⁶⁰⁵ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 419.

⁶⁰⁶ FERRARRO, 2021, p. 162.

⁶⁰⁷ FERRARRO, 2021, p. 163.

fome (Mc 2.23-28). Diante da necessidade, a Lei⁶⁰⁸ cessa, lembra Ferrarro.⁶⁰⁹ “O que conta para Jesus é o valor da pessoa humana, que está acima de qualquer outro valor, inclusive do próprio sábado.”⁶¹⁰

José Antonio Pagola destaca que

A primeira preocupação de Jesus é o sofrimento das pessoas mais doentes e deterioradas das aldeias. Os evangelhos o apresentam não procurando pecadores para chama-los à penitência e convidá-los a andar até o Jordão para purificar-se de seus pecados ou subir a Jerusalém para oferecer sacrifícios de expiação. Observamos Jesus aproximar-se dos enfermos, inválidos, paráliticos [...] para aliviar o sofrimento de quem se encontra destruído pelo mal e excluído de uma vida saudável.⁶¹¹

Theissen e Merz mencionam que a demonstrativa atenção de Jesus para com as pessoas excluídas “[...] suplanta a subestimação e exclusão de determinados grupos da sociedade [...] aos quais alguém se sente moralmente superior [...]”.⁶¹² Ao entrar na casa de um coletor de impostos, comer com pecadores, ter contato com prostituta, Jesus incorpora estas pessoas excluídas.⁶¹³ A fundamentação teológica para tamanha inclusão está “[...] no exemplo de Deus; ela é o correspondente humano do perdão divino.”⁶¹⁴

Tal fundamentação é enfatizada por Fédou⁶¹⁵, quando lembra que o amor às pessoas tem como modelo o amor que Deus manifestou para com as pessoas, sendo, inclusive, a presença de Deus nas próprias pessoas uma vez que “[...] o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”, conforme Romanos 5.5.

Rubini destaca os vários momentos em que Deus, no Antigo Testamento, mostra o seu rosto baseado na misericórdia.⁶¹⁶ As passagens revelam a mensagem

⁶⁰⁸ Acerca das leis em geral, Immanuel Kant destaca que um contrato original, aquele que fundamenta um governo legítimo, não é real, mas imaginário. Segundo Sandel, “o simples fato de um grupo de pessoas ter elaborado uma Constituição no passado não basta para que esta Constituição seja considerada justa.” (SANDEL, 2022, p. 172). Isso porque os princípios de justiça não podem ser fundamentados nos interesses ou desejos de um grupo de pessoas. Disto, pode-se conjecturar que nem sempre as necessidades e a dignidade humana são contempladas a partir da lei.

⁶⁰⁹ FERRARRO, 2021, p. 164-165.

⁶¹⁰ FERRARRO, 2021, p. 175.

⁶¹¹ PAGOLA, José Antonio. **Recuperar o projeto de Jesus**. Editora Vozes, 2019. p. 68.

⁶¹² THEISSEN; MERZ, 2015, p. 420.

⁶¹³ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 420.

⁶¹⁴ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 420.

⁶¹⁵ FÉDOU, 2020, p. 737.

⁶¹⁶ RUBINI, 2015, p. 28-46.

de que a justiça de Deus pautada pela misericórdia deve servir de exemplo no agir de todas as pessoas. Menciona que

Deus se revelou ao povo de Israel, sobretudo, com um rosto misericordioso e compassivo, que a escolha de Israel foi por iniciativa da graça divina e não por mérito [cujos] pressupostos foram retomados pelo Apóstolo Paulo e entrelaçados com a experiência de Jesus Cristo, o qual, com sua vida, morte e ressurreição, realizou as promessas veterotestamentárias.⁶¹⁷

Com isso, vislumbra-se a continuidade entre Antigo e Novo Testamento, com Jesus Cristo se mostrando como paradigma para as pessoas de um novo ser humano a partir do amor. A menção de Rubini acerca de Paulo é corroborada pelo teólogo Thiago Almeida Silveira:

Segundo Paulo, Cristo não é apenas o Kyrios exaltado a quem os crentes cultuam e cujas palavras são normativas (e.g., 1 Co 7.10; 9.14; 1 Ts 4.15). Para ele também faz parte da vida cristã considerar as atitudes de Cristo: seu autoesvaziamento (Fp 2.6-11), sua generosidade redentora (2 Co 8.9) e o seu serviço pelo bem dos outros (Rm 15.7-9) como exemplos autoritativos para as próprias atitudes e comportamentos. Mas Paulo não pensa em uma simples imitação que surge da contemplação e prática. Essas referências precisam ser vistas dentro da soteriologia paulina, isto é, os crentes estão sendo transformados interiormente pelo poder de Deus (e.g., Rm 8.29), a fim de serem capacitados a incorporarem a morte e vida de Jesus em suas próprias vidas (e.g., 2 Co 4.7-12).⁶¹⁸

Tomando os ensinamentos de Paulo, trata-se, portanto, de uma imitação integral, não somente das atitudes pelas atitudes em vida, mas da incorporação, também, da morte e ressurreição de Jesus. Jesus Cristo se colocou como humano e, por isso, é exemplo de conduta⁶¹⁹ a ser seguido conforme Paulo fala aos filipenses:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. (Fp 2.5-8).

Na Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo exorta: “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1Cor 11.1). De acordo com Le Breton, não se trata

⁶¹⁷ RUBINI, 2015, p. 298.

⁶¹⁸ SILVEIRA, Thiago Almeida. **Kyrios Jesus**: o hino cristológico de Filipenses 2.6-11. São Leopoldo, RS, 2018. 151 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/879/1/silveira_ta_tm342.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023. p. 101-102.

⁶¹⁹ MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 104-105.

de uma imitação formal, copiando os seus gestos e as suas palavras, mas de um ato espiritual, “[...] integrando-se em sua vida, deixando-o viver nele.”⁶²⁰

Retomando João 13.34, no que concerne ao mandamento do amor, de amar como Jesus amou, a imitação de Cristo implica na reprodução da ética cristã que tem no amor o fundamento primeiro. Conforme Theissen e Mertz⁶²¹, uma exortação direta à imitação está em Lucas 6.36: “Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” E também em Mateus 5.48: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” Assim, Míguez Bonino enfatiza o “proceder como Cristo”, sem perguntar quem.⁶²²

A cristologia “enxerga em Jesus o exemplo do que todos os seres humanos deveriam ser e, simultaneamente, o redentor de ‘desumanidade’, enviado por Deus para a salvação da criatura imersa no pecado.”⁶²³ Brakemeier destaca que é Jesus quem define o ser humano e estabelece um padrão de autêntica humanidade.⁶²⁴ Assim, ao falar de Jesus, fala-se nas duas perspectivas, enquanto um ser humano e de um ser de Deus em sua revelação.⁶²⁵

Míguez Bonino destaca que Jesus Cristo coloca no mundo uma nova humanidade, uma nova forma de ser pessoa, mediante a sua mensagem e mediante uma comunidade de pessoas renascidas para uma nova vida.⁶²⁶ Prossegue afirmando que Jesus é o paradigma fundamental do amor, este que leva a agir, lembrando João 13.15 “Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz.”

Em uma comunidade cristã, a imitação de Cristo é viver em comunidade, é ser uma pessoa comprometida com as outras pessoas em uma existência e missão comuns, conforme Míguez Bonino.⁶²⁷ É, portanto, ser Igreja, na sua etimologia⁶²⁸ primeira, ou seja, enquanto comunidade de Cristo.

⁶²⁰ LE BRETON, 2020, p. 8.

⁶²¹ THEISSEN; MERZ, 2015, p. 417.

⁶²² MÍGUEZ BONINO, 1982, p. 95-96.

⁶²³ BRAKEMEIER, 2010, p. 59.

⁶²⁴ BRAKEMEIER, 2010, p. 59.

⁶²⁵ BRAKEMEIER, 2010, p. 59.

⁶²⁶ MÍGUEZ BONINO, 1982, p. 43.

⁶²⁷ MÍGUEZ BONINO, 1982, p. 108.

⁶²⁸ Francisco Alves de Oliveira destaca que “A palavra ‘igreja’, traduzida para o grego por ‘ἐκκλησία’ (ekklesia), originária de ‘ἐκκαλέω’ (ek-kaleó) com o significado etimológico de ‘os chamados para fora’, tem o mesmo sentido de ‘קהל’ (qáhal), e ‘עדה’ (édâh) do hebraico, que corresponde a uma assembleia, congregação, comunidade, povo, público. Com exceção das cinco ocorrências em que ekklesia não está relacionada a uma reunião de cristãos (At. 7.38; 19.32,39,41; Hb 2.12), a palavra

Viver em comunidade significa alimentar a humanização, fazer as pessoas serem protagonistas e buscarem a liberdade em comunhão, defende Denis Cotta. Prossegue o autor mencionando que

Essa luta conjunta, pautada pela imitação dos atos de Deus e imbuída dos atributos da fé, da esperança e do amor, acaba por aprimorar uma outra esfera humana: a espiritual. E é a partir dessa esfera, que a luta pela liberdade adquire a sua dimensão transcendente, ao promover a saída de si mesmo rumo ao encontro do outro. Assim, no ato de ir além de si mesmo, o indivíduo compreende que a alteridade é a essência da boniteza humana.⁶²⁹

Os teólogos Ademir Eing e Paulo Sergio Chaves destacam que “[...] a partir de Jesus Cristo, o discípulo não pode ser antipático às realidades temporais [...]”.⁶³⁰ Significa considerar o contexto (atual) e compreender que Deus, “[...] enquanto totalmente Outro, constrói-se a partir do rosto do próximo, isto é, o ‘outro imediato e palpável’”.⁶³¹ Significa, também, imitar a Deus, segundo os autores. Essa imitação tem na sua premissa a obiedade do amor a Deus, aquele que é transcendente, e o amor ao próximo e à próxima, que transcendem ao Eu. Ao reconhecer Deus na outra pessoa, o amor acontece de igual maneira. Assim, a relação com Deus é a relação com as pessoas.

Nesse sentido, a Igreja de Cristo – e aqui se aplica a redundância necessária, Igreja que tem Cristo como exemplo – tem como missão a compaixão, com-paixão⁶³² entendida em seu sentido profético e transformador (a missão da igreja para a alteridade). A compaixão perpassa as confessionalidades: “E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas” At 10.34. Com a compaixão, compreendem-se a dor e o sofrimento que fazem brotar a alteridade.

Nesta mesma linha, Para Francisco destaca que a compaixão significa sofrer com, junto, não permanecendo indiferente à dor e ao sofrimento: “É aquilo que Jesus

aparece mais 110 vezes no Novo Testamento, traduzida para o Português por ‘igreja’, ou ‘igrejas’, referindo-se ao grupo dos seguidores de Cristo.” (DE OLIVEIRA, Francisco Alves. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. **identidade!**, v. 24, n. 2, p. 79-100, 2020. p. 82).

⁶²⁹ COTTA, 2021, p. 50.

⁶³⁰ EING, Ademir; CHAVES, Paulo Sergio. Cristãos: chamados à santidade. **Revista Encontros Teológicos**, v. 33, n. 1, 2018. p. 103.

⁶³¹ EING; CHAVES, 2018, p. 101.

⁶³² De acordo com Roberto Zwetsch, “Com-paixão aponta para outra dimensão da misericórdia divina e esta diz respeito ao sofrimento, a *passio*, que nos remete à paixão de Cristo e, por extensão, à paixão dos crucificados deste mundo, ontem e hoje.” ZWETSCH, Roberto. Missão no século 21 no Brasil: missão como com-paixão. **Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista Universidade Metodista de São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 34-50, 2010. p. 44.

sentia quando via a multidão que o seguia.”⁶³³ Esse sentimento, a não indiferença e, mais ainda, o movimento para a ação, é a alteridade. Em Lucas 7, uma mulher chora a morte do único filho: “E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.” (Lc 7.13). O Senhor se deixa comover pela dor humana.

No entanto, o que se percebe a partir da sociedade do espetáculo, é que as pessoas ainda não foram “despertadas” para ver na outra o que Michel Henry chama de invisível, que é onde reside a realidade verdadeira. Cristo, segundo Henry, nos revela o estrato oculto e despercebido da vida humana de forma a abalar as pessoas.⁶³⁴ As pessoas não enxergam a interioridade e, novamente, se reforça a estética exterior do belo.

As pessoas, na contemporaneidade, com uma certa cultura, conforme pondera Valdemar W. Setzer, são materialistas. O autor atribui às religiões instituídas como uma das causas:

O ser humano moderno não quer mais acreditar, ele quer compreender. Não quer admitir dogmas sem explicações. Não quer seguir cegamente costumes, leis e preceitos: quer eventualmente segui-los por considerá-los construtivos ou moralmente válidos. Considera suas ideias sempre sujeitas a revisão, estando disposto a mudá-las se aparecerem outras mais válidas ou mais coerentes. Não quer participar de cultos misteriosos que não conseguem ser explicados satisfatoriamente, se é que têm alguma explicação. Ora, as religiões vão contra todos esses enfoques: impõem crenças, dogmas, atitudes e cultos, em geral sem explicações satisfatórias. Assim, temos um terrível paradoxo: as correntes que deveriam levar o ser humano ao espiritualismo acabam conduzindo-o ao materialismo.⁶³⁵

Wegner destaca é tarefa da Igreja dar continuidade à redefinição do que significa amar ao próximo e à próxima, porém, em um sentido mais amplo, contemplando as questões ecológicas, as pessoas do presente e as do futuro:

[...] uma redefinição atual do nosso próximo deveria considerar que ele compreende a) não só as criaturas humanas, mas também as vegetais e animais, enfim, toda a obra criadora de Deus; b) não só os indivíduos que conosco convivem lado a lado, mas também os povos com os quais habitamos esta casa, a terra: a partilha da mesma água e ar requerem este entendimento; c) não só os que aqui conosco convivem hoje, mas sim, também as gerações de amanhã e do futuro mais longínquo: sua qualidade de vida e chances de sobrevivência estão, em grande parte, em nossas mãos.⁶³⁶

⁶³³ PAPA FRANCISCO, 2016, p. 129.

⁶³⁴ HENRY, Michel. **Palavras de Cristo**. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 43.

⁶³⁵ SETZER, Valdemar Waingort. **Consequências do materialismo**. São Paulo: USP, 2010. (n.p.).

⁶³⁶ WEGNER, 1990, p. 64.

Acreditar ou compreender? Na verdade, relacionar-se. A ética da alteridade, ou a ética de se relacionar. Nas palavras de Selleti e Garrafa, “[...] a possibilidade de superação da situação de injustiça passa necessariamente pela mudança da compreensão que temos a respeito do outro.”⁶³⁷ Ou seja, trata-se da mudança de compreensão sobre quem é o próximo e a próxima.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia, em companhia de outras áreas do conhecimento, contribui para questionar as estruturas excludentes, bem como visibilizar a diversidade humana. As estruturas sociais e as suas instituições são necessárias para a sociedade, porém, as perspectivas que são excludentes precisam ser questionadas e denunciadas. Assim, todas as pessoas podem fazer parte da sociedade. A sociedade é onde as pessoas se encontram umas com as outras, e esse encontro se dá a partir da alteridade.

Por conta disso, as narrativas das redes sociais são fonte de pesquisa teológica porque as pessoas enquanto as outras (o *Tu*), revelam o Deus oculto. O rosto, enquanto “cartão de visitas” da pessoa, é a metáfora utilizada para enxergar a outra pessoa na sua diversidade, além de possibilitar que a pessoa que olha enxergue a si mesma enquanto diversa e, por consequência, como parte da diversidade.

Jesus Cristo, enquanto Filho de Deus e Verbo que se fez carne, é imagem e semelhança de Deus e é espelho da diversidade humana. Isso porque as pessoas, e a sua diversidade, são criação à imagem e semelhança de Deus, também. Logo, Deus é diversidade.

A morte de Jesus Cristo na cruz é consequência da sua prática histórica que desafiou o contexto de injustiça da sua época. Este seu caminho histórico se torna um caminho teológico, conforme pondera Ferrarro.⁶³⁸ A cruz real na contemporaneidade são as pessoas pobres e excluídas pelo sistema, as mesmas do tempo de Jesus. Assim, observa-se que a pobreza e a opressão permanecem dois mil anos depois.

Verifica-se, igualmente, que as pessoas opressoras, seguidoras de Jesus e da sua mensagem, constroem imagens de Cristo para legitimar o seu contexto e obter a salvação prometida. Subverte-se a história de Cristo e, conseqüentemente, a

⁶³⁷ SELLETI; GARRAFA, 2005, p. 91.

⁶³⁸ FERRARRO, 2021, p. 189.

Teologia. Jesus Cristo é das pessoas excluídas: “E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mt 25.40). Jesus, portanto, se inclui entre os pequeninos. É o Jesus Cristo que tem compaixão:

E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo.

E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor. Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros.

Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara. (Mt 9.35-38).

As redes sociais das pessoas excluídas, ao se mostrarem como multidão cansada e desgarrada, podem ser elas mesmas as ceifeiras da ceara. Quando anunciam a sua dor, a sua opressão, a sua exclusão, reforçam que fazem parte das pessoas que Jesus Cristo colocou em primeiro lugar. Desta forma, as pessoas excluídas são o espelho do rosto de Cristo, são a imagem do Cristo libertador, que tem compaixão. Como é possível compreender de outra forma? Zwetsch direciona para uma resposta:

[...] somente vamos compreender o Deus de Jesus e sua obra em favor de nós quando soubermos nos encontrar com Jesus e seus crucificados no seu caminho, atrás e junto a essas pessoas e povos que clamam por justiça, vida e salvação. Do contrário, poderemos ser boa gente, mas perderemos o *proprium* que identifica o nome que recebemos de Cristo.⁶³⁹

Encontrar com Jesus significa se encontrar com a diversidade, significa alteridade. Significa, portanto, colocar em ação o amor.

⁶³⁹ ZWETSCH, 2010, p. 45.

5 CONCLUSÃO

Nossa única esperança está no despertar da consciência e na força do amor.⁶⁴⁰

A pesquisa se deu a partir de motivação pessoal, da experiência do pesquisador, e colocou sob os preceitos acadêmicos premissas e hipóteses que pareciam estar alinhadas com a sua realidade. Buscou verificar em que medida a diversidade humana nas redes sociais digitais de pessoas excluídas do padrão da sociedade espetacularizada reflete a diversidade espelhada por Jesus Cristo em seu tempo e contexto.

Para isso, analisou a sociedade no seu ambiente digital, a sociedade glamourizada e que vira espetáculo, que enaltece imagens que reproduzem uma vida tida como perfeita. A imagem, ainda que não represente o contexto real, cria uma realidade dentro do mundo virtual para que a pessoa seja aceita e/ou tenha visibilidade. Porém, verificou-se que, nessa sociedade do espetáculo há a diversidade, que quer se fazer presente e participante, que tece as suas relações com pessoas que buscam a sua semelhança e/ou similaridade, e com pessoas praticantes do amor e da alteridade.

A pesquisa destacou canais do YouTube de pessoas com deficiência (por acidente), doenças (câncer) que levaram a sequelas, outras com síndromes (a de Escobar), mutações genéticas (nanismo), enfim, cuja beleza não é a estética, mas a beleza que se manifesta quando se conhece a outra pessoa, ou seja, o seu interior, seja através das suas palavras, seja através das suas ações. A partir destes canais, percebe-se a vontade da diversidade em se expor para ser reconhecida. Desta forma, ela mostra o seu rosto na realidade virtual tal como acontece na realidade cotidiana. Diante disso, as redes sociais digitais espelham a diversidade humana em todos os sentidos, desde a diversidade hipócrita que cria uma realidade imagética fabricada para ser inserida, à diversidade.

A hipótese de que as pessoas que não estão dentro dos padrões imagéticos na sociedade glamourizada não querem fazer parte da estrutura excludente não se confirma. As estruturas são importantes para as relações sociais, porém, é preciso

⁶⁴⁰ MORIN, 2020, p. 110.

que sejam contemplativas da diversidade humana marginalizada. A exclusão estrutural precisa dar lugar à diversidade estrutural como característica da diversidade humana de tal forma que a inclusão seja algo natural e normal. Isso é possível a partir da educação do olhar, da educação escolar e a partir da visibilização desta diversidade nas redes sociais.

Todas as pessoas podem, portanto, participar das redes sociais, mesmo que tais redes sejam excludentes porque partem de padrões ou normativas que estabelecem um tipo de sociedade ideal onde aquilo que é construído como “feio” é ignorado e repudiado. Ainda assim, as pessoas fora do “padrão ideal” querem fazer parte dessa sociedade, sendo “monetizadas”, ou para serem “famosas”, ou ainda para expor a sua particularidade como forma de busca pelo lugar que lhe é de direito.

Cabe destacar, ainda, o discurso capacitista que exclui as pessoas, discurso este presente no próprio pesquisador e pai quando questionado pelo filho se poderia ser um youtuber: “Pai, eu posso?” A pergunta foi entendida pelo pai como se o filho tivesse capacidade para ser um youtuber com as suas particularidades quando, na verdade, tinha a conotação de simples permissão por parte do filho.

A pesquisa identificou as construções imagéticas “oficiais” de Cristo ao longo da história, criadas por instituições como a igreja para adequar a imagem a uma determinada mensagem intencional. Porém, a imagem de Cristo é a da realidade humana, de sofrimento, de marginalização e opressão. A imagem da salvação em Cristo passa pela sua imagem de estar com a pessoa oprimida. Por isso, na contemporaneidade, a diversidade humana oprimida nas redes sociais digitais de pessoas excluídas do padrão da sociedade espetacularizada reflete a diversidade espelhada em Jesus Cristo. As pessoas excluídas têm em Jesus Cristo um rosto no qual se enxergavam contempladas porque ele andou e anda com elas.

Jesus Cristo é a alteridade encarnada, é o totalmente outro, o totalmente outra: é a pessoa deficiente, é a pessoa doente, ou a mulher negra explorada no mercado de trabalho, ou qualquer outra pessoa que não está nos padrões da sociedade do espetáculo. Enquanto exatamente a outra pessoa, todos os contextos são o lugar de fala de Jesus Cristo. Ele é compaixão e misericórdia, cuja ética move para a ação, ou seja, para a alteridade, a partir do amor. Jesus abre-se às pessoas e à sua condição que o leva à ação. E Jesus morreu pelas suas ações para com estas pessoas.

A Teologia, então, em conjunto com outras áreas do conhecimento, a partir da alteridade, tendo Jesus Cristo, com suas palavras e ações, como evento para a interpretação e a compreensão das manifestações contemporâneas nas redes sociais digitais, auxilia na compreensão da sociedade contemporânea, da diversidade humana, das relações estabelecidas, das instituições e das estruturas sociais opressoras.

Esta teia de áreas do conhecimento possibilita concluir que a diversidade humana é característica da humanidade desde sempre levando à compreensão de que, à parte os contextos históricos, sociais, econômicos e culturais, a diversidade nos tempos de Jesus Cristo reflete a diversidade na contemporaneidade; que a alteridade, reconhecimento e encontro com o outro e a outra, e o amor, mandamento primeiro, são fundamentais para que a diversidade humana seja incorporada na estrutura, por ora, excludente. Jesus Cristo permanece como exemplo para a contemporaneidade em relação às questões referentes à diversidade humana. Suas ações e as suas palavras, enfrentando a lei em nome do mandamento do amor, enaltecem a alteridade e a compaixão.

As pessoas, enquanto inseridas na *pólis*, possuem direitos e deveres. Ainda que no passado houvesse construções que separavam a pessoa quanto à sua singularidade e particularidade, na contemporaneidade, a pessoa é considerada na sua integralidade, ou seja, sua singularidade e particularidade são contempladas nos seus direitos. Seja a partir de marcos legais, ou dos Direitos Humanos, a singularidade e particularidade de cada pessoa necessita ser compreendida e assumida pela sociedade enquanto diversidade humana. Princípios filosóficos e a noção de cristã, de que a pessoa faz parte do corpo de Cristo, acabam por fornecer o conhecimento necessário para que a diversidade humana seja compreendida como natural.

A tarefa está em fazer as pessoas pisarem no chão da diversidade e isto se dá através da abertura para o outro e para a outra. Tal abertura também só é possível a partir do momento em que cada pessoa veja no rosto da outra a sua semelhança. Isto se dá ao reconhecer Deus na outra pessoa, uma vez que as pessoas são criação a partir da imagem e semelhança Dele. Deus é o rosto da diversidade humana e Cristo, a transcendência na imanência, veio tornar claro a partir das suas palavras e dos seus ensinamentos.

Amar ao próximo e à próxima, enquanto mandamento maior, significa colocar a outra pessoa de forma transcendental, no sentido de que ela transcende o Eu. Esse é o princípio da alteridade. Tanto o amor, a partir da teologia, como a alteridade, a partir da filosofia, movem para a ação em direção à outra pessoa de forma incondicional. A ação é feita simplesmente porque assim deve ser, sem contrapartida.

Para isso, o conhecimento é essencial. Ter conhecimento significa *conhecer* que a diversidade humana reflete as diferenças naturais entre as pessoas. Ter a consciência de premissa tão óbvia bate de frente com pré-conceitos, por um lado, e ignorância, por outro, compreendendo ignorância não no sentido pejorativo, mas como mera falta de conhecimento sobre o assunto. A ignorância se combate com o oferecimento do conhecimento, mas os pré-conceitos parecem necessitar do despertar do amor, conforme epígrafe que abre as considerações finais.

Como pessoa, autoconsciente, cada uma possui o seu ponto de vista, o seu parecer acerca das coisas e do mundo. Da mesma forma, a dor de uma pessoa é dela, individual. Ainda que descrita ou narrada, não será sentida. Porém, pode gerar uma ação ética, a alteridade. Assim como Jesus agiu, cada pessoa também pode agir para além daquilo que é o seu ponto de vista adentrando na outra pessoa através da compaixão e da misericórdia.

Há que se mencionar, ainda, que as narrativas a partir do lugar de fala são importantes porque revelam a dor das pessoas excluídas, ainda que não possam ser sentidas genuinamente. Cada pessoa é única. Ao reunir relatos de pessoas ou grupos, busca-se comparar o incomparável para se chegar a alguma justiça correndo o risco da injustiça. “É a hora da Justiça, da comparação dos incomparáveis [...]”⁶⁴¹ Como resolver isso? Sempre a partir da abertura para a outra pessoa, na tentativa de compreender o seu rosto, ainda que esta comparação - ou tradução -, limitadas pela linguagem, possam levar à traição. E mesmo se envolver pode significar trair-se pelos sentidos.

Por isso, amar as pessoas é transcendental. Significa amar as pessoas inimigas, conforme Jesus Cristo conclamou (“E assim os inimigos do homem serão os seus familiares.” Mt 10.36). É saber, portanto, que há discordâncias e diferenças. Mas, mesmo assim, significar agir em relação à outra pessoa sem esperar algo em troca

⁶⁴¹ LÉVINAS, 2005, p. 293.

“Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus.” Lc 6.35). Isso é alteridade e crítica à lei da reciprocidade.

As redes sociais das pessoas excluídas são o lugar de fala também das pessoas excluídas. Abrir-se a estas pessoas significa agir contra a exclusão. Não significa que se deva morrer, como Cristo, como forma de ação, mas significa imitá-lo na sua relação com as pessoas: “[...] Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mt 25.40). Desta forma, Jesus se inclui como um dos pequeninos. Assim, sendo um deles, Jesus espelha os pequeninos, é o rosto deles. E assim ocorre com todas as pessoas com as quais Jesus se relaciona. Tal relação evidencia a sua alteridade para com as pessoas.

Reitera-se que a visibilização das pessoas que não estão dentro dos padrões da sociedade glamourizada é fundamental para a promoção da diversidade. Observou-se que estas pessoas também querem fazer parte do espetáculo, porém sem renunciar à sua identidade.

Os artefatos digitais podem ser instrumentos para a alteridade e para a visibilização das pessoas excluídas na sua essência íntima: se tais artefatos cumprem a função, atualmente, de normatizar estéticas e condutas, pode, igualmente, normatizar a diversidade ao expor a realidade do cotidiano e envolver e sensibilizar para a ação, construindo uma relação. Isso pode contribuir para que mais pessoas assumam o seu contexto em detrimento de uma pseudo-realidade⁶⁴² que busca visibilidade e status social.

Assim, a quebra de paradigmas imagéticos na sociedade do espetáculo é possível a partir de redes sociais digitais como o YouTube. As histórias são contadas, as pessoas se mostram, e tudo isso gera conhecimento.

A cura não é da deficiência ou da diferença. Na verdade, não existe cura para isso porque se trata da diversidade humana. Mas existe a visibilização de imagens e narrativas que levam a uma rescisão do que é o normal e o belo. “O ser dotado de sentido da dor pressupõe uma narrativa que insere a vida em um horizonte de

⁶⁴² Ou melhor, de uma realidade virtual, considerando que o que é virtual não se opõe ao real, uma vez que se trata de uma realidade diferente.

sentido.”⁶⁴³ A narrativa, segundo Han, “[...] é a capacidade do espírito de superar a contingência do corpo. Por isso, não é absurda a ideia de Benjamin⁶⁴⁴ de que a narrativa poderia curar a doença.”⁶⁴⁵

Portanto, assim como as “mídias digitais beneficiam o desaparecimento do outro”⁶⁴⁶, pode haver o efeito inverso. E é a essa esperança que o ser humano pode e deve se agarrar. As redes sociais digitais possibilita que vidas sejam transformadas em narrativas e, mais importante, lugar onde se encontram outras vivências.

⁶⁴³ HAN, 2021a, p. 46.

⁶⁴⁴ Walter Benjamin (1892-1940), ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

⁶⁴⁵ HAN, 2021a, p. 46.

⁶⁴⁶ HAN, 2021a, p. 100.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível?. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2018. (E-book).
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (E-book).
- ALVES, César Andrade. **Método Teológico e Ciência: a Teologia entre as disciplinas acadêmicas**. São Paulo: Loyola, 2019.
- ALVES, Rubem apud REBLIN, Iuri Andréas. Quando o saber tem doses saborosas de coragem, ousadia e muita experiência. *In*: PAIVA NETA, Raimunda Ferreira. **Educação inclusiva construída com os professores: uma experiência exitosa**. Passo Fundo: IMED, 2016.
- ARANA, Ariane Pickersgill; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor: análise da reportagem do site dicas de mulher. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 27, n. 1, p. 335-350, 2018.
- ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de et al. Análise da resiliência entre pessoas que vivem com HIV/AIDS: um estudo psicossocial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.
- ASN Nacional. Feira do Empreendedor tem programação de palestras com nomes consagrados. ASN, **Modelo de Negócios**, 13 de setembro de 2022. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/modelos-de-negocio/feira-do-empreendedor-tem-programacao-de-palestras-com-nomes-consagrados/>. Acesso em 8 fev. 2023.
- BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes. A dominação pelo gosto: o consumo na sociologia de Bourdieu. *In*: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicação e Culturas do Consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.
- BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 64-77, 2002.
- BATTISTI, Caroline. Síndrome de Escobar–forma rara e atenuada da síndrome do pterígio múltiplo. **35ª Jornada Sul Brasileira de Cirurgia Plástica, Rev. Bras. Cir. Plástica**, n. 34, Supl. 1, p. 176-178, 2019.
- BELLONI, Maria Luiza. **Formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. (E-book).
- BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo: gênese e atualidade do conceito. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 121-136, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 30 out. 2020.
- BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudanças**. Campinas: Papyrus Editora, 2015. (E-book).
- BENSAID, Daniel. **Espetáculo, fetichismo, ideologia: um livro inacabado**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2020.

- BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. De que pathos se trata no autismo. *In: Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*. 2006.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen: 2019. (E-book).
- BEUMER, Johannes. Die theologische Methode. *In: SCHMAUS, Michael et al. Handbuch der Dogmengeschichte*. Freiburg: Herder, 1972. Band I, Faszikel 6.
- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, Leonardo. Prefácio. *In: ORRÚ, Sílvia Ester. A inclusão menor e o paradigma da distorção*. Petrópolis: vozes, 2020.
- BOLOTTE, Anne-Claire. Qual a atitude de Jesus para com as crianças?. *In: DORÉ, Joseph (Org.). Jesus: a enciclopédia*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 273-274.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019. (E-book).
- BOSCH, Magdalena. **El poder de la belleza**. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2015. (e-book).
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã: à luz da confissão luterana**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2022.
- BRESOLIN, Keberson. Autonomia versus heteronomia: o princípio da moral em Kant e Levinas. *Conjectura: Filos. Educ*, v. 18, n. 3, p. 166-183, 2013.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Modernidade neoliberal. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 29, p. 87-102, 2014.
- BROCCARDO, Carlo. O estilo de Jesus. *In: DORÉ, Joseph (Org.). Jesus: a enciclopédia*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.
- CANDAU, V. M. Direitos humanos, diversidade cultural e educação: a tensão entre igualdade e diferença. *In: FERREIRA, L. de F. G.; ZENAIDE, M. de N. T.; DIAS, A. A. (orgs.). Direitos humanos na educação superior*. Subsídios para a educação em direitos humanos na pedagogia. João Pessoa: Editora da UFPB, p. 205-228, 2010.
- CARDOSO, Viviane Garbelini; FARIAS, Victor Varcelly Medeiros. A ideologia materializada. *In: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). A sociedade do espetáculo: Debord, 50 anos depois*. Curitiba: Appris, 2018. p. 247.
- CARECA TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CarecaTVoficial>. Acesso em: 20 set. 2022.

CARECATV. **CarecaTVoficial**. YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/@CarecaTVoficial>. Acesso em 23 jan. 2023.

CARECATV. **Histórias do tratamento: Escondemos uma pizza na mochila**.

YouTube, 2 jul. 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=oj_mTCbDu-0. Acesso em 24 jan. 2023.

CARECATV. **Lorena retoma gravações e conta novidades do canal 'Careca TV'**.

YouTube, 17 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=oYzfOWK2oEA>. Acesso em 24 jan. 2023.

CARECATV. **Primeiro vídeo do canal: falando um pouco sobre mim**. YouTube, 28

de mar. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DSAooawJV6A>.

Acesso em 23 jan. 2023. 40”.

CARECATV. **Sem vocês isso não era possível**. YouTube, 1 de abril de 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkegtZ-zwYw>. Acesso em 24 jan. 2023.

CARECATV. **Sofri bullying por ser careca? - careca responde**. YouTube, 29 mar.

2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ur3SoL7Irlw>. Acesso em 24 jan. 2023.

CARECATV. **Um dia na minha fisioterapia**. YouTube, 18 ago. 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=arKcw-lApj8>. Acesso em 24 jan. 2023.

CARECATV. **Vídeo rapidez!!! Lorena no Legendários**. YouTube, 2 de abril de 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9T48nhqRmKg>. Acesso em 24 jan. 2023.

CARVALHO, Bianca Retes; FINAMORI, Sabrina Deise. As temporalidades do cuidado: autismo, parentesco e pandemia. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 173-199, 2022. p 181.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação**. Economia, sociedade e cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede: Do conhecimento à ação política**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

CASTRO, Valdir José de. A publicidade e a produção de vedetes na cultura do espetáculo. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs).

Cultura, comunicação e espetáculo. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book).

CAVALCANTI, Nicolau da Rocha. **A beleza humana**; histórias e reflexões sobre ética e estética. São Leopoldo: Unisinos, 2013. (Coleção Aldus 39).

CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck; HARDT, Lúcia Schneider. Educação, diversidade religiosa e cultura da paz: cuidar, respeitar e conviver. *In*: FLEURI, Reinaldo Matias et al. (Orgs.). **Diversidade Religiosa e Direitos Humanos:**

Conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, p. 203-228, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32111-diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-pdf&category_slug=janeiro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 jan. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998

CERVI, Laura. Tik Tok and generation Z. **Theatre, dance and performance training**, v. 12, n. 2, p. 198-204, 2021.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Apresentação. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book).

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Em torno do conceito de sociedade do espetáculo. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book).

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Guy Debord e a crítica da sociedade do espetáculo. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018b.

COHN, Gabriel. Indústria cultural como conceito multidimensional. *In*: BACCEGA, Maria Aparecida (Orga.). **Comunicação e culturas de consumo**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 66.

COLLINS, Garry. R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CONTINI, Guilherme Cardoso. **Erótica LAB**: Reconfigurações dos espaços para projetos de gênero, prazer e tecnologia. 2021. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021.

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea**: uma análise teórica. Santo André: UFABC, 2018.

COTTA, Denis. Liberdade transcendente: interfaces entre a educação e a religião na cosmovisão de Paulo Freire. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 19, n. 4, p. 34-54, 2021.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2020.

COUTO, Felipe Fróes; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Enrique Dussel e a filosofia da libertação nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, p. 631-641, 2018.

COUTO, Mia. A graça que o mundo tem. **Público**, Porto, 8 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/06/08/culturaipsilon/noticia/a-graca-que-o-mundo-tem-1638869>. Acesso em: 9 mar. 2023.

COVALESKI, Rogério Luiz; MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. Vem ser feliz: estratégias de controle e manipulação discursiva das emoções nos domínios publicitário e corporativo. **Comunicacao, Mídia e Consumo**, v. 17, n. 50, p. 489, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

DALLA ROSA, Luís Carlos. **Educar para a sabedoria do amor**: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do Êxodo. São Leopoldo, 2010. 344 f. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Progrma de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/176/1/dallarosa_lc_td96.PDF>. Acesso em: 10 out. 2022.

DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DE OLIVEIRA, Francisco Alves. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. **identidade!**, v. 24, n. 2, p. 79-100, 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003

DEFICIÊNCIA não é doença. **Audiência pública**. YouTube, 4 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWGkGrZavoU>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Bate Papo - Síndrome de Escobar (Part. Família Germano)**. YouTube, 19 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvuZA9OKZ08>. Acesso em 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Bate Papo - Síndrome de Escobar (Part. Família Germano)**. YouTube, 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvuZA9OKZ08>. Acesso em 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Deficiência não é doença! Mas é eficiência!** YouTube, 18 de abril de 2019.

DEFICIÊNCIA NÃO É DOENÇA. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Defici%C3%AanciaN%C3%A3o%C3%A9Doen%C3%A7a/featured>. Acesso em: 20 set. 2022.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Eu venci canal monetizado**. YouTube, 9 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6e1wf_4wfWQ&t=. Acesso em: 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Minha mãe pediu para falar um pouquinho**. YouTube, 19 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=msUGeMPPdpk>. Acesso em 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Palestra Motivacional Online Júlio Guerreiro**. YouTube, 22 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6BVT08SFuGU>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Pastor Fernando Lima**. YouTube, 15 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CwUefmtwwec>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Quero conhecer Jesus**. YouTube, 2 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_qFINtPP_Y. Acesso em: 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Saudades das agendas**. YouTube, 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tvyrHnaKfWc>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Sobre**. YouTube, 17 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DeficienciaNaoeDoenca/about>. Acesso em 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Temos a Síndrome de Escobar**. YouTube, 1 maio 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q241hTSDTPA>. Acesso em 27 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Venci a primeira etapa.** YouTube, 22 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7Wg1ThXLjI>. Acesso em 27 jan. 2023. 3'.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Você é o meu convidado.** YouTube, shorts [s.d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6e1wf_4wfWQ&t=. Acesso em 26 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **terçou papai.** YouTube, shorts, [s.d.]. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/-1IF_CHiODc. Acesso em: 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Agradeça.** YouTube, shorts, [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/cDpVESXZTGg>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DEFICIÊNCIA não é doença. **Vou me mudar, morar sozinho.** YouTube, 11 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RuLQGuogGog>. Acesso em 27 jan. 2023.

DEMO, Pedro. **Igualdade é coisa de pobre:** privilégio é o que importa. Ensaios sobre manobras de exclusão social e políticas educacionais. São Paulo: Amazon, 2020. (E-book).

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes.** Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

DOURADO, Suzana de Magalhães; NORONHA, Ceci Vilar. A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 623-643, 2014.

DUFOUR, Danny-Robert. Capitalismo, Religião e Espetáculo. *In:* MOREIRA, Alberto da Silva; LEMOS, Carolina Teles; QUADROS, Eduardo Gusmão (Orgs.). **A religião entre o espetáculo e a intimidade.** Goiânia: Ed. Puc de Goiás, 2014.

DUPONT-ROC, Roselyne. O amor aos inimigos. *In:* DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus: a enciclopédia.** Petrópolis: Vozes, 2020.

ECO, Umberto. **História da Beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

EING, Ademir; CHAVES, Paulo Sergio. Cristãos: chamados à santidade. **Revista Encontros Teológicos**, v. 33, n. 1, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicações, 2020.

EZEQUIEL, Vanderlei de Castro. O tempo espetacular: algumas reflexões. *In:* CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo:** Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018.

FÉDOU, Michel. O Deus de Jesus. *In:* DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus: a enciclopédia.** Petrópolis: Vozes, 2020.

FÉDOU, Michel. Um novo mandamento: “amai-vos uns aos outros”. *In:* DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus: a enciclopédia.** Petrópolis: Vozes, 2020.

FERNANDES, Marcio Luiz; ZEFERINO, Jefferson. “Os murais abertos” na América Latina:: reflexões sobre teologia e arte na obra de Mino Cerezo Barredo. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 662-680, 2020.

FERNANDES, Thauana dos Santos et al. Estigma e preconceito na atualidade: vivência dos portadores de tuberculose em oficinas de terapia ocupacional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. e300103, 2020.

- FERRARRO, Benedito. **Cristologia**: Introdução à Teologia. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2021.
- FERREIRA, Patrícia do Prado. (Co) memorar maio de 1968: o imaginário anarquista e a liderança negativa. **Psicologia USP**, v. 31, p. 1-9, 2020.
- FERRY, Ângela. Defensoria passa a adotar ferramenta para inclusão em postagens nas redes sociais. **Defensoria**, Governo do Piauí, 11 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.pi.gov.br/noticias/defensoria-passa-a-adotar-ferramenta-para-inclusao-em-postagens-nas-redes-sociais/#:~:text=A%20Defensoria%20P%C3%BAblica%20do%20Estado,estendendo%2Dse%20%C3%A0s%20demais%20defici%C3%AAncias>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- ZIONI, Fabiola. Exclusão social: noção ou conceito?. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 15-29, 2006.
- FLECK, Amaro. O conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação. **ethic@-An international Journal for Moral Philosophy**, v. 11, n. 1, p. 141-158, 2012.
- FRAGA, Aline Mendonça et al. As diversidades da diversidade: revisão sistemática da produção científica brasileira sobre diversidade na administração (2001-2019). **Cadernos EBAPE. BR**, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural**: para a liberdade e outros escritos. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Editora Paz e Terra, 2014.
- GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GALHARDI, Luciana Pletsch. Publicidade emocional: a prática no cotidiano como forma de divulgar a marca construindo imaginários. **Sessões do Imaginário**, v. 19, n. 31, p. 64-73, 2014.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. **A educação inclusiva e os direitos humanos**. Marília, UNESP, s/d.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 185-187.
- GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2014.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, Luís. **O novo rosto da Igreja**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- GROLLI, Dorilda. **A filosofia da libertação de Enrique Dussel**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

GUEDES, Daniele Ramos; DA CUNHA FERREIRA, Solange. A trajetória de uma vida marcada pelo preconceito e exclusão social em decorrência do estigma da Psoríase: Relato de caso. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e7889109107-e7889109107, 2020.

GUEDES, Suzane. Um Olhar Para a Autoestima na Adolescência. **O psicólogo online**, s/d. Disponível em: <https://opsicologoonline.com.br/autoestima-na-adolescencia/>. Acesso em 10 set. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade, cultura e globalização**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Morte e alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2020a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**. Petrópolis: Vozes, 2020b.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Petrópolis: Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Petrópolis: Vozes, 2021b.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012.

HENRY, Michel. **Eu sou a verdade**. Por uma filosofia do cristianismo. São Paulo: É Realizações, 2015.

HENRY, Michel. **Palavras de Cristo**. São Paulo: É Realizações, 2014.

HIGUET, Etienne Alfred. Vida e Encarnação no ser humano, em Cristo e na pintura de Kandinsky. Leitura de Michel Henry. **Estudos de Religião**, v. 34, n. 2, p. 41-69, 2020.

HIGUET, Etienne Alfred. Ontologia e religião na teologia da cultura de Paul Tillich—A contribuição da ontologia para a análise religiosa da cultura. **Correlatio**, v. 11, n. 22, p. 5-21, 2012.

HJARVARD, Stig. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014. p. 39.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. *In*: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JAPPE, Anselm. O complô das imagens. **Caderno Mais**, Folha de São Paulo, 17 de agosto de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170805.htm>. Acesso em 01 nov. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KECOAN, Emerson. A crítica da cultura na sociedade do espetáculo. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo: Debord, 50 anos depois**. Curitiba: Appris, 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KLEMZ, Charles. **Iminência Agônica**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.

- KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana**: um diálogo entre a teologia e a educação. São Leopoldo, RS: Oikos, 2021.
- KRENAK, Aírton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020. (E-book).
- KRUTER, K. M. **How to read Guy Debord**. Amazon, 2013. (E-book). Disponível em: <https://www.amazon.com/How-Read-Debord-K-M-Krauter-ebook/dp/B00GLZE7KM>. Acesso em 21 out. 2020.
- KUGNHARSKI, Gabriel Petrechen. O papel hermenêutico do conceito de totalidade em Theodor W. Adorno. **Cadernos de filosofia alemã: Crítica e modernidade**, v. 24, n. 1, p. 67-81, 2019.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LE BRETON, David. **Rostos**: ensaios de antropologia. Petrópolis: Vozes, 2020. (E-book).
- LEFEBVRE, Philippe. Jesus e as mulheres. *In*: DORÉ, Joseph (Org.). **Jesus**: a enciclopédia. Petrópolis: Vozes, 2020.
- LEITE, Fernando. Filosofia do belo. **Revista Portuguesa de Filosofia**, p. 58-80, jan. a mar. 1946. p. 58. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/40332610?read-now=1&seq=8#page_scan_tab_contents. Acesso em 29 jan. 2023.
- LEVINAS, Emmanuel. **Dios, la muerte y el tiempo**. Madrid: Cátedra, 1994.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LEVINAS, Emmanuel. **Los imprevistos de la Historia**. Salamanca: Sígueme, 2006..
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: CosacNaify, 2012.
- LÉVY, Pierre. **Becoming virtual**: reality in the Digital Age. New York: Plenum Trade, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (E-book).
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2021.
- LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus Editorial, 2019.
- MALERBA, João Paulo. Uma rádio comunitária da cidade: um relato de inspiração etnográfica. **Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro**. n.5, p.127-139, 2011.
- MARINHO, Silvana. Mulheres trans, violência de gênero e a permanente caça às bruxas. **Argumentum**, v. 12, n. 3, p. 86-101, 2020.

MARTIN, Ralph P. **Filipenses**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992.

MARTINS, Christine Baccarat De Godoy; SOUZA, Solange Pires Salomé De. Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. **Avances en Enfermería**, v. 31, n. 1, p. 170-176, 2013.

MARTINS, Esther Brito. **A justiça popular e a espetacularização da violência**: uma análise sobre o fenômeno dos linchamentos no Maranhão. 2021. 146 p. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2021.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO BISNETO, José Antônio. Excluídos de hoje, encarcerados de amanhã: uma análise da situação de vulnerabilidade das crianças e adolescentes como fator determinante para a sua inserção no mundo do crime. *In: IV Seminário Internacional Pós-Colonialismo, Pensamento Descolonial e Direitos Humanos na América Latina*. 2019.

MÍGUEZ BONINO, José. **Ama e faz o que quiseres**. São Bernardo do campo: Imprensa Metodista, 1982.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: Revista da Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v.12, n.12, p.09-22, jul./dez. 2011.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MUNDO CEGAL. **Quer mesmo ajudar? Então não insista quando houver recusa**. YouTube, 28 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dZcFEvQN-vs>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MUSSE, Ricardo. Guy Debord: um perfil multifacetado. *In: Revista Cult*, São Paulo, n. 212, p. 53-56, abril de 2016.

NARBONNE, Jean-Marc. Deus e a filosofia segundo Levinas. *In: LANGLOIS, Luc; zarka, Yves Charles. Os filósofos e a questão de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.

NOBLE, Safiya Umoja; ROBERTS, Sarah T. Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós raciais no Vale do Silício. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 36-46, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020. (E-book).

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2018.

NOVAES, Henrique Tahan; DAGNINO, Renato. O fetiche da tecnologia. **Revista ORG & DEMO**, v. 5, n. 2, p. 189-210, 2004.

OLIVEIRA NETO, Eclésio Batista. O papel da sinalização do fgfr3 na acondroplasia: revisão sistemática. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 30-30, 2021.

OLIVEIRA, Adriano Machado; MACHADO, Márcia. A adolescência e a espetacularização da vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 529-536, 2015.

OLIVEIRA, Kathlen Luana. **Por uma política da convivência**. Teologia, direitos humanos, Hannah Arendt. Passo Fundo: IFIBE, 2011.

OLIVEIRA, Maria Amélia de C.; EGRY, Emiko Y. A adolescência como um constructo social. **Journal of Human Growth and Development**, v. 7, n. 2, p. 20-27, 1997.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. Petrópolis: vozes, 2020.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2011.

PAGOLA, José Antonio. **Recuperar o projeto de Jesus**. Editora Vozes, 2019.

PANNEKOEK, Anton. **Os conselhos operários**. Abril de 1936. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000071.pdf#:~:text=A%20verda deira%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20que,unido%20de%20pessoas%20plenamente%20respons%C3%A1veis>. Acesso em: 06 nov. 2020.

PANOTTO, Nicolás. **Teología y espacio público**. 2. ed. Santiago de Chile: GEMRIP ediciones, 2020.

PAOLMEIRA, Iací Proença; AZEVEDO QUEIROZ, Ana Beatriz; ASSUNÇÃO FERREIRA, Márcia. Quando o preconceito marca mais que a doença. **Tempus– Actas de Saúde Coletiva**, v. 6, n. 3, p. ág. 187-199, 2012.

PAPA FRANCISCO. **Misericordie Vultus**: o rosto da misericórdia. Bula Misericordiae Vultus de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulus, 2015.

PAPA FRANCISCO. **O Nome de Deus é misericórdia**. Uma conversa com Andrea Tornielli. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

PÁTIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. *In*: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Orgs). **Cultura, comunicação e espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2018a. (E-book).

PINHEIRO, Felipe. **Ciberteologia**: a comunicação da Igreja no século XXI. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

PINO, Jhonathan W. S. As experiências humanas enquanto mercadorias. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018.

PRINTES, Rafaela Biehl. Presença indígena nos livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 4, n. 8, p. 195-220, 2014.

RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Uma via indireta para a abordagem do afeto: libido, gozo, pulsão escópica. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 1, p. 9-36, 2017.

REINKE, André. **A verdadeira aparência de Jesus**. 18 de julho de 2020. Disponível em: <https://andredanielreinke.com.br/a-verdadeira-aparencia-de-jesus/>. Acesso em 26 mar. 2023.

RHODEN, Inácio Luiz. **A experiência humana de Deus como experiência de graça e de liberdade**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019a. (E-book).
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Pólen, 2019b. (E-book).
- RIBEIRO, Nilo. Emmanuel Levinas: o pensador da ética como filosofia da alteridade. In: CARDOSO, Delmar (Org.). **Pensadores do século XX**. São Paulo: Paulus, 2013.
- RIBEIRO, Karla Cristina Rocha; CANIATO, Angela M. Pires. A Indústria Cultural e a Razão Cínica no Cenário Social Contemporâneo. In: **Anais do Congresso Internacional de Teoria Crítica**, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, p. 259-270, out. 2016.
- RIBEIRO, Pedro. O homem que inventou os "pseudo-eventos". **Cultura Ípsilon**, 5 de março de 2004. Disponível em: <https://www.publico.pt/2004/03/05/jornal/o-homem-que-inventou-os-pseudoeventos-185055>. Acesso em 10 out. 2020.
- RIPANTI, Graziano. Emmanuel Levinas e o infinito diálogo: introdução. In: LEVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Loyola, 2014.
- ROSEN, Michael. **Dignidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2015.
- RUBINI, Ademir. **A justiça de Deus em perspectiva: (des)construções na teologia paulina, na comunidade de Qumran e na tradição judaica**. São Leopoldo, RS, 2015. 360 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/639/1/Rubini_a_td148.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023.
- SÁ MARTINO, Luís mauro. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **Pós-modernismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Joe Marçal Gonçalves; ANDRADE, Charlisson Silva. A Teologia Negra da Libertação em James Cone: aspectos de sua hermenêutica contextual a partir de o deus dos oprimidos (1975). **Interacoes**, v. 13, n. 24, p. 355-374, 2018.
- SANTOS, Leonardo Schwertner dos. **Storytelling: o poder da narrativa estratégica dentro do branding e marketing**. 2016. Univates, MBA Branding & Business, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 01 jul. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1629>. Acesso em 24 jan. 2023.
- SARRETA, C. R. L. Algumas reflexões do poder simbólico em relação ao consumo na globalização. **Perspectiva**, v. 36, n. 134, p. 19-29, 2012.
- SBARDELOTTO, Moisés. Interações em rituais online: a midiaticização do fenômeno religioso na internet. In: **Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (INTERCOM SUL)**. Novo Hamburgo. 2010.
- SCHMIDT, Paulo. **Cogumelo Jesus e outras bizarras sobre Cristo**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2008.
- SCHOENBORN, Ulrich. **Fé entre história e experiência**. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- SCRUTON, Roger. **O rosto de Deus**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SEGURA CARMONA, Harold. **Havia uma espiritualidade evangélica comprometida**. Buenos Aires: Kairós, 2002.

SELLETI, Jean Carlos; GARRAFA, Vonei. **As raízes cristãs da autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SETZER, Valdemar Waingort. **Consequências do materialismo**. São Paulo: USP, 2010.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. São Paulo: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, António Jesus da. **Humanidade e humanização em Cristo: análise a partir do contributo cristológico de Walter Kasper**. 2018. 162 fls. Tese (Doutorado). Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, Lisboa, 2018.

SILVA JÚNIOR, Edegard. **O rosto de Jesus no decorrer da história**: do Jesus histórico ao Jesus das CEBs. Petrópolis: Vozes, 1991.

SILVA MOURA, Dinoelma et al. Condição da Loucura: Invisibilidade e Preconceito. **Semioses**, v. 13, n. 3, p. 57-65, 2019.

SILVA, Agenor Martins da. **Jesus Cristo, o rosto misericordioso do Pai**: prosperidade ou redenção? São Leopoldo, RS, 2016. 105 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/663/1/silva_am_tmp450.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Gilberto da. A negação e o consumo da cultura. *In*: CIOCCARI, Deysi; SILVA, Gilberto da; ROVIDA, Mara (Orgs.). **A sociedade do espetáculo**: Debord, 50 anos depois. Curitiba: Appris, 2018.

SILVEIRA, Thiago Almeida. **Kyrios Jesus**: o hino cristológico de Filipenses 2.6-11. São Leopoldo, RS, 2018. 151 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/879/1/silveira_ta_tm342.pdf. Acesso em: 8 mar. 2023.

SLAVUTZKY, Abrão. **Quem pensas tu que eu sou?** São Leopoldo: Unisinos, 2009.

SOBRE RODAS Oficial. **Descrição**. YouTube, 3 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/@SobreRodas/about>. Acesso em : 30 jan. 2023.

SOBRINO, Jon. **Cristologia a partir da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOBRINO, Jon. **A fé em Jesus Cristo**: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **O fim do império cognitivo**: as afirmações das epistemologias do sul. São Paulo: Autêntica, 2022.

SOUZA CID, Renata Dias et al. Percepção de usuários sobre o preconceito da hanseníase. **Rev Rene**, v. 13, n. 5, p. 1004-1014, 2012.

STRELHOW, Thyeles Moratti Precilio Borcarte. **A inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho**: as conceituações sobre deficiência e a ocupação do espaço social. São Leopoldo, RS, 2018. 375 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/917/1/strelhow_tmpb_td178.pdf>. Acesso em 10 out. 2022.

TEIXEIRA, Faustino. O Diálogo inter-religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global. **Numen**, v. 2, n. 1, 1999.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico**: um manual. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOBOSO-MARTÍN, Mario. **Capacitismo**. Instituto de Filosofía, CSIC, 2017. Disponível em: https://digital.csic.es/bitstream/10261/153307/1/2017_Capacitismo_Cap_Barbarismo_s%20queer.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

TRACY, David. O Deus oculto: o resgate da apocalíptica. *In*: NEUTZLING, Inácio. **A teologia na universidade contemporânea**. São Leopoldo: Unisinos, 2005

TRACY, David. **A imaginação analógica**: a teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo**. A formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: AGE, 2003.

VANNY e Netto Oficial. **Como descobri a condição de Netto**. YouTube, 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y5SSt2yvUCM>. Acesso em: 30 jan. 2023.

VANNY e Netto Oficial. **Descrição**. YouTube, 16 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/@vannyenettooficial2150/about>. Acesso em: 30 jan. 2023.

VIANA, Nildo. Debord: espetáculo, fetichismo e abstratificação. **Revista Panorama**, n.1, Ago. 2011, Edição on-line, Universidade Federal de Goiás, 2011.

WALLAROOM. **TikTok Statistics** – Updated Sep 2021. 2021. Disponível em: <https://wallaroomedia.com/blog/social-media/tiktok-statistics/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

WALSH, Froma. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo/SP: Roca, 2005.

WEGNER, Uwe. Repensando uma velha pergunta: quem é meu próximo? **Estudos Teológicos**, v. 30, n. 1, p. 59-73, 1990.

WESTHELLE, Vitor. Perdão em perspectiva teológica. *In*: WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler et al. (Orgs.). **Perdão**: onde saúde e espiritualidade se encontram. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2016.

WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. **Ser nascido na vida**: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. São Leopoldo, 2010. 257 p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São

Leopoldo, 2010 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/158/1/wondracek_khk1_td87.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

YASHINISHI, Bruno José. O processo de socialização secundária no filme O terminal (2004). **REVISTA LIVRE DE CINEMA**, v. 8, n. 1, p. 15-27, 2021.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Entrevista com Jappe Anselm. *In*: **Revista Cult**, São Paulo, n. 212, p. 85-94, abril de 2016.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Guy Debord e a poesia de In girum imus nocte et consumimur igni. **Manuscrita, Revista de Crítica Genética**, n. 25, p. 107-121, 2013.

ZAPOROZHETS, Alexander Vladimirovich. Os sentimentos. *In*: LONGAREZI; Andréa Maturano; VALDÉS PUENTES, Roberto. **Ensino desenvolvimental: antologia: livro**. Uberlândia: UFU, 2017.

ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Marcio Luiz. O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal. **TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias**, v. 10, n. 21, p. 470-497, 2020.

ZEFERINO, Jefferson; Villas BOAS, Alex. Uma leitura de David Tracy sobre a análise de modelos teológicos. **Revista de Cultura Teológica**, v. 30, n. 101, p. 313-336, 2022.

ZWETSCH, Roberto. Missão no século 21 no Brasil: missão como compaixão. **Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista Universidade Metodista de São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 34-50, 2010.